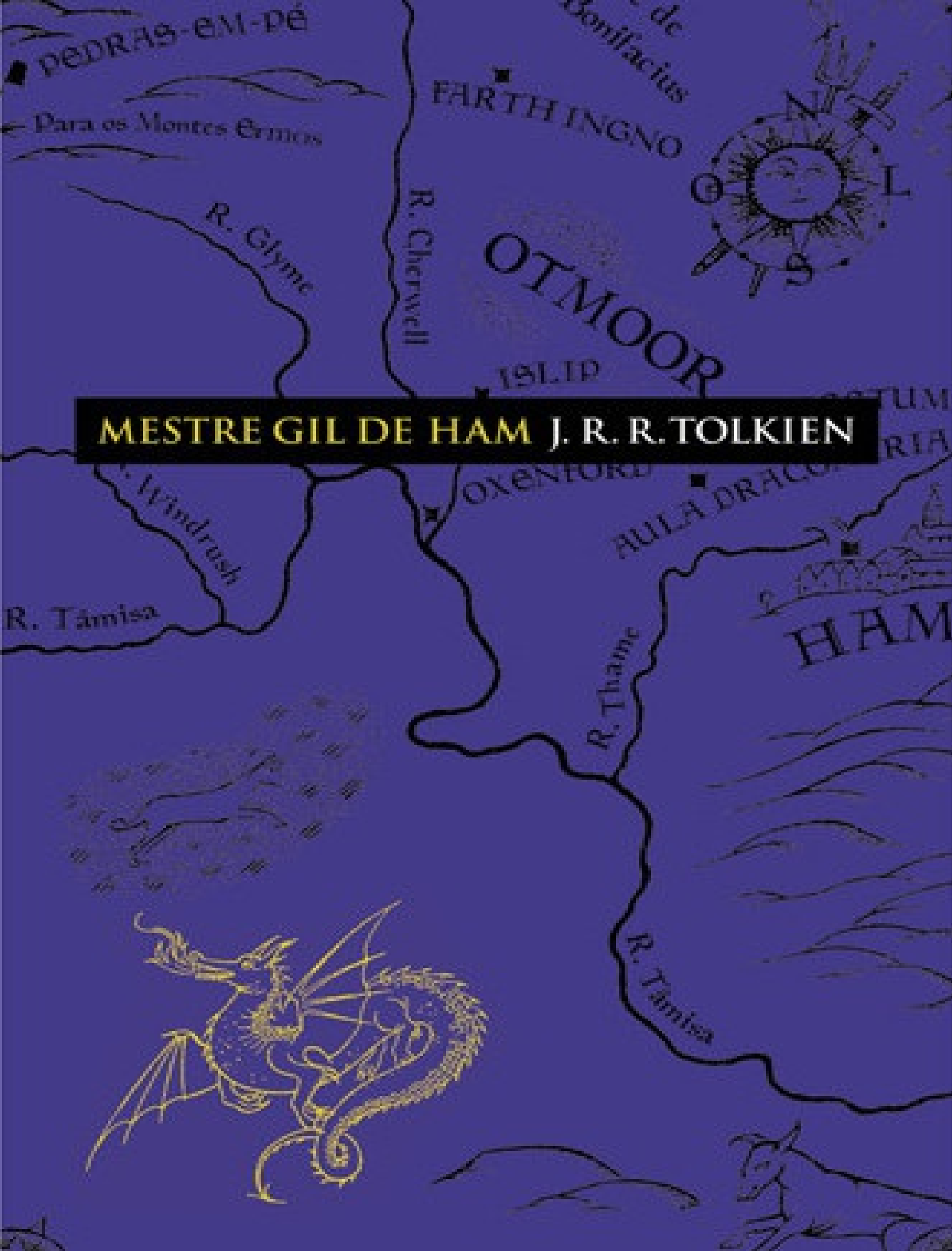


MESTRE GIL DE HAM

J. R. R. TOLKIEN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

J. R. R. TOLKIEN

MESTRE GIL DE HAM

Orelha e contra capa:

Esta divertida história, escrita pelo autor de *O Hobbit,* é ambientada no vale do Tâmisa, na Inglaterra, num passado maravilhoso e distante, quando ainda existiam gigantes e dragões. Seu herói, Mestre Gil, é na realidade um fazendeiro totalmente desprovido de heroísmo, mas que, graças à boa sorte e à ajuda do cachorro Garm, da égua cinzenta e da espada mágica Caudimordax (ou Morde-cauda), amansa o dragão Chrysophylax e ganha enorme fortuna.

A edição especial de jubileu, na qual esta se baseia, inclui o texto publicado pela

primeira vez em 1949, com as ilustrações originais de Pauline Baynes, as quais Tolkien considerava um acompanhamento perfeito para a história. Também inclui, publicadas pela primeira vez, a mais antiga versão escrita da história e as anotações de Tolkien para uma possível continuação.

J.R.R. Tolkien nasceu em 3 de janeiro de 1892, em Bloemfontein. Suas extraordinárias obras de ficção *O Hobbit, O Senhor dos Anéis e O Silmaril ion* foram traduzidas para mais de 30 idiomas e venderam milhões de exemplares no mundo inteiro.

Chistina Scul foi bibliotecária do Sir John Soane's Museum, em Londres, e editora da revista *The Tolkien Col ector*. Mora em Wil iamstown e organizou a edição de *Roverandom,* de Tolkien, para publicação em 1988.

Wayne G. Hammond é bibliotecário assistente na Chapin Library of Rare Books, Wil iams Col ege, e autor dos padrões bibliográficos das obras de Tolkien.

Como *O Hobbit* e *Roverandom, Mestre Gil de Ham* foi criado por J.R.R.Tolkien, inicialmente, para entreter seus filhos, mas a história cresceu e se tornou mais sofisticada.

Sua versão final é indicada para leitores de todas as idades que apreciem uma boa história, relatada com imaginação e bom-humor.

***A*E *gidíi Ah*enobarbí Julíi Agrícole de Hammo Domíní de Domíto**

Aule Draconaríe Comítís

Regní Mínímí Regís et Basíleí

míra facínora et mírabílis

exortus

ou, na língua do povo,

A ascensão e as aventuras maravilhosas de

Mestre Gil, fazendeiro, Senhor de Tame,

Conde de Worminghal

e Rei do Pequeno Reino

de J. R. R. TOLKIEN

Ilustrado por Pauline Baynes

Organizado por

Christina Scul

WAYNE G. HAMMOND

Tradução Waldéa Barcel os

Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título FARMER GILES OF HAM por Harper Col ins, Londres.

1ª edição

Setembro de 2003

Tradução

WALDÉA BARCELLOS

Revisão da tradução

Maria Estela Heider Cavalheiro

Acompanhamento editorial

Luzia Aparecida dos Santos

Revisões gráficas

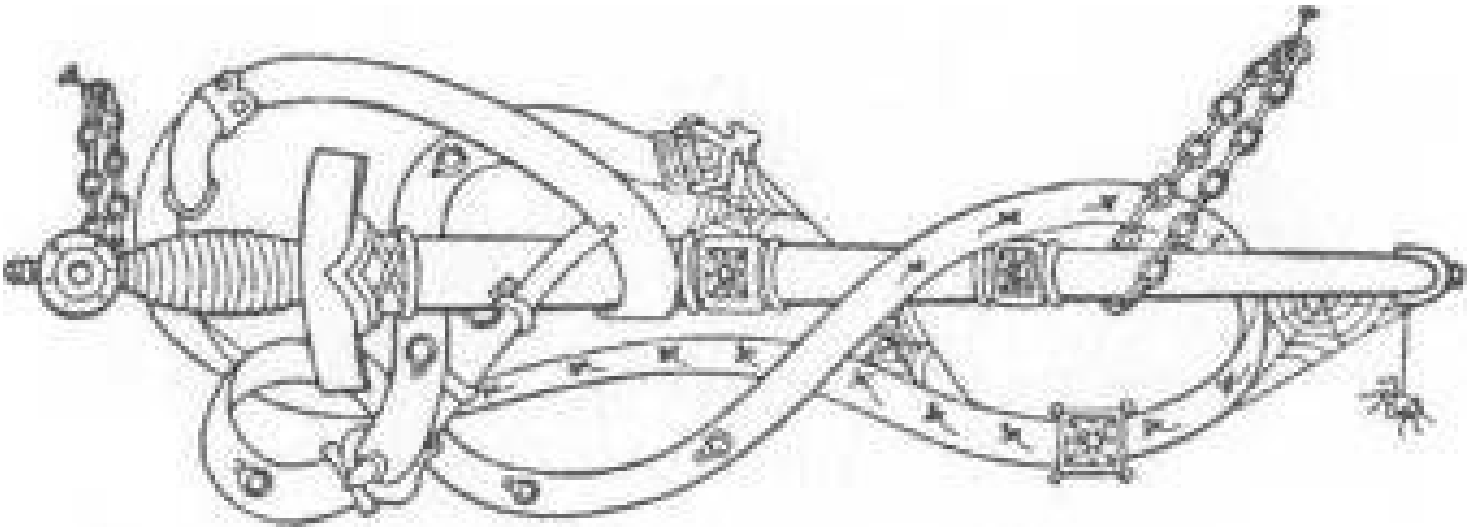
Célia Regina Camargo

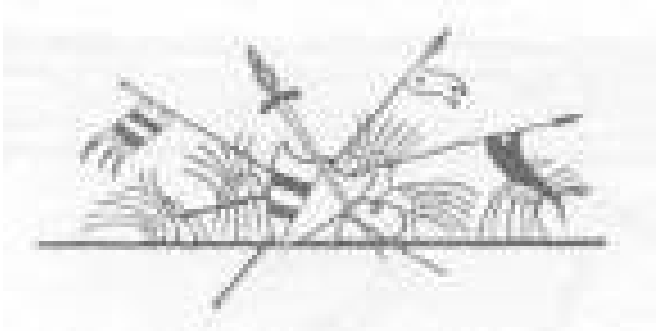
Maria Luiza Favret

Dinarte Zorzanel i da Silva

Produção gráfica

Geraldo Alves





Paginação/Fotolitos

Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tolkien, J.R.R., 1892-1973.

Mestre Gil de Ham / J.R.R. Tolkien ;

Ilustrado por Pauline Baynes

Organizado por Christina Scul , Wayne G. Hammond

1. Ficção — Literatura infanto-juvenil

Para C.H. Wilkinson

Índice

para a corte de Augustus Bonifacius
PEDRAS-EM-PÉ
Para as Montes Ermos
EARTHINGNO
R. Glyme
R. Cherwell
OTMOOR
ISLIP
QUERCETUM
AULA DRACONARIA
OXENFORD
R. Windrush
R. Tâmisa
HAM
R. Thame
R. Tâmisa
O PEQUENO REINO

Introdução

Prefácio

Mestre Gil de Ham

A primeira versão (manuscrita) da história

A continuação

Notas

Introdução

FARMER GILES OF HAM, como *Roverandom,* foi criado por J. R. R. Tolkien para distrair seus filhos e era, no início, uma história contada oralmente. Passada para o papel, cresceu em extensão e complexidade por cerca de vinte anos, e seu texto principal transformou-se de manuscrito em quatro originais datilografados e provas de paquê, até ser finalmente publicado em 1949. A maior parte desses documentos está preservada no Departamento de Coleções Especiais e Arquivos da Universidade, nas Bibliotecas da Marquette University, em Milwaukee, Wisconsin.

O filho mais velho de Tolkien, John, recorda que a história foi contada pela primeira vez quando a família foi apanhada por uma tempestade depois de um pique-nique e se abrigou debaixo de uma ponte. Não foi possível determinar com precisão a data nem o local desse acontecimento. No entanto, é quase certo que uma história inspirada na região em torno de Oxford teria sido contada depois que a família Tolkien se mudou de Leeds para aquela cidade, no início de 1926. Além disso, o estilo e o tom da versão escrita mais antiga são mais semelhantes a *Roverandom,* na sua primeira versão escrita, provavelmente do final de 1927, do que aos textos mais antigos de *The Hobbit,* em comparação uma obra madura, de 1930, aproximadamente.

A primeira versão de *Farmer Giles,* escrita à mão em 26 páginas, era muito mais curta e simples que o livro publicado em 1949. É narrada por "Papai", que interrompe a história para perguntas no início e no final. Além disso, o narrador situa a história num contexto pessoal para sua platéia: "se ele [o gigante] tivesse pisado no *nosso* jardim", "se ele tivesse tropeçado na *nossa* casa". Embora haja alguns jogos de palavras, está ausente a maioria das brincadeiras filológicas e das alusões eruditas que tornam tão notável o texto de 1949. Entre elas estão, por exemplo, todas as referências latinas, os textos das duas cartas enviadas a Gil pelo Rei e a maior parte da nomenclatura. Os únicos nomes que aparecem no original manuscrito são *Giles [Gil], Ham, Tailbiter [Morde-cauda]* e *Worminghall [Paço do Lagarto].* O dragão, o cachorro de Gil e o Rei não têm nome. As personagens Gil, Rei e dragão já estão perfeitamente desenvolvidas, embora não sejam tão profundas quanto em versões posteriores. O cachorro e o ferreiro ainda são muito rudimentares, e praticamente não se faz menção ao moleiro. Também não há menção alguma ao fato de Gil ser casado. Dedica-se pouca atenção à viagem de volta com o tesouro do dragão:

Gil não se preocupa em como manter o dragão preso à noite, e não há nenhum "rapaz promissor". A narração não apresenta nenhum contexto histórico, embora pareça transcorrer na Idade Média. A localização também é vaga — "o gigante morava muito longe daqui, muito longe de qualquer lugar habitado por gente" — até o final, quando "Papai" explica que Gil adotou o sobrenome Worming e construiu um belo paço *[hal]* em Ham, e a partir daí o lugarejo passou a se chamar Worminghal , lugar que ainda pode ser encontrado no mapa (a alguns quilômetros de Oxford). A história termina com a declaração de "Papai" de que seu verdadeiro herói era a égua cinzenta.

Uma segunda versão, o primeiro original datilografado, diferencia-se do manuscrito em apenas alguns aspectos pequenos, porém significativos. A história passa a ser contada pelo "bobo da família" (não era um nome pelo qual Tolkien fosse conhecido, ao que os filhos se recordem); e no final ele pergunta aos ouvintes quem eles consideram o verdadeiro herói da história, "e houve boa quantidade de respostas diferentes". Os acontecimentos de *Farmer Giles* são agora definitivamente localizados no passado —

"aquele gigante viveu há muito tempo", "naquela época e naquele lugar, aquela era a única arma de fogo que existia. As pessoas preferiam arcos e flechas, e usavam a pólvora principalmente para fogos de artifício" — e as distâncias e o tempo foram comprimidos.

Por exemplo, a "espada mágica" de Gil salta da bainha se houver um dragão a duas milhas, e não a cem milhas, como antes. Assim como o manuscrito, o primeiro original datilografado não pode ser datado com precisão, mas ele já existia no início ou em meados da década de 1930. Simonne d'Ardenne, uma acadêmica belga cuja tese foi orientada por Tolkien, traduziu para o francês a primeira versão datilografada, provavelmente quando morou com a família Tolkien em Oxford em 1932-33, mas antes de novembro de 1937, quando Tolkien mencionou a tradução numa carta.

No final de 1936, George Al en & Unwin aceitaram *The Hobbit* para publicação, e com base nele pediram a Tolkien que apresentasse outras histórias infantis que tivesse escrito. Em resposta, ele mandou um livro ilustrado, *Mr. Bliss,* sua história do cachorro Roverandom e *Farmer Giles of Ham*. Stanley Unwin, diretor da empresa, pediu a opinião do filho de 11 anos. A avaliação de Rayner Unwin sobre *Farmer Giles of Ham,* datada de 7 de janeiro de 1937, foi entusiástica:

Um dia um gigante perdeu-se nas montanhas e, perambulando, acabou dando na cidadezinha de Ham. Mestre Gil viu o gigante e deu-lhe um tiro com seu bacamarte. O

gigante julgou estar sendo picado por mosquitos e concluiu que ia na direção errada, dando, então, meia-volta. O rei soube do ocorrido e deu a Mestre Gil uma espada. Algum tempo depois, um dragão chegou às redondezas, e Mestre Gil foi forçado a lutar com ele.

O dragão sentiu um medo mortal da espada e concordou em dar ao fazendeiro muito dinheiro. Esse dinheiro nunca apareceu, e alguns cavaleiros e o tal Gil foram matar o dragão. Este matou os cavaleiros, mas, quando viu a espada de Mestre Gil, entregou-lhe o dinheiro e foi para a casa do fazendeiro como um animal de estimação. Quando o rei foi apanhar o dinheiro, contudo,

voltou rapidinho para casa.

É uma obra divertida e bem escrita, que daria um bom livro, e poderia ser publicado com "Roverandom" em um volume.

Precisa de algumas ilustrações, talvez do próprio autor? Esse livro deve agradar a todos os ingleses, meninos ou meninas.

No entanto, o sucesso de *The Hobbit,* publicado em setembro de 1937, convenceu Allen & Unwin de que o próximo livro de Tolkien deveria ser uma continuação sobre *hobbits*. Ou, se isso não fosse possível, *Farmer Giles of Ham* com outros contos semelhantes, pois para Stanley Unwin só essa história não seria suficiente para constituir um livro. Em dezembro de 1937, Tolkien decidiu escrever a continuação e começou *The Lord of the Rings,* mas já no final de julho de 1938 ficou claro que não conseguiria terminar o "novo Hobbit" em tempo para o Natal, como seu editor esperava. No dia 24 de julho, propôs uma alternativa: "a única solução que tenho", disse ele a Allen & Unwin, é

"Farmer Giles" e o Pequeno Reino (com sua capital em Thame). Reescrevi a história alongando-a em cerca de 50%, em janeiro passado, e a li para a Lovelace Society em vez de um ensaio "sobre" contos de fadas. Fiquei muito surpreso com o resultado. A leitura levou o dobro do tempo de um "ensaio" propriamente dito, e a platéia deu a impressão de não se entediar — na realidade, muitas vezes foi dominada pelo riso. Mas temo que isso signifique que o texto adquiriu um tom bem mais adulto e satírico. Seja como for, não escrevi as outras duas ou três histórias do Reino que deveriam lhe fazer companhia!

[Letters of J. R. R. Tolkien, p. 39]

A Lovelace Society era um clube de ensaístas em Worcester College, Oxford.

Tolkien, a convite, falara a seus associados, na noite do dia 14 de fevereiro de 1938. Para preparar seu "ensaio", ele inseriu algumas modificações no primeiro original datilografado de *Farmer Giles of Ham* e, principalmente, revisou e ampliou a história no processo de criar um novo original datilografado, atualmente perdido (porém mencionado em correspondência até o início de 1949). Tolkien chamou-o de "The Legend of Worming Hal" (A lenda de Worming Hal), de acordo com o secretário da Lovelace Society. O livro de atas da sociedade, conservado em Worcester College, contém uma breve descrição da apresentação de Tolkien e confirma seu relato de que a platéia se divertiu. Quando ele terminou, considerou-se que a história não estava aberta a críticas nem a debate — talvez um elogio ao autor, embora àquela altura já fosse bem tarde.

Tolkien mandou a história revista ser datilografada por profissionais do Academic Copying Office, em Oxford. Esse original datilografado não era muito mais longo que a versão anterior, mas muito mais sofisticado. De início, foi intitulado *The Lord of Tame, Dominus de Domito: A Legend of Worminghal* [O *Senhor de Tame, Dominus de Domito: uma lenda de Worminghall,* mas

esse título foi eliminado, e Tolkien voltou a *Farmer Giles of Ham,* como nos rascunhos anteriores. Na versão revisada, ele inseriu a maioria dos nomes próprios, brincadeiras e alusões que dão vida ao livro, por exemplo, os "Quatro Clérigos Cultos de Oxenford" e sua definição de bacamarte. As personagens agora estão mais bem desenvolvidas e incluem o cachorro (que se chama Garm), o dragão Chrysophylax Dives, o moleiro e o ferreiro (Fabricius Cunctator ou "Sam Risonho"); e Agatha, a mulher de Gil, aparece pela primeira vez. A história transcorre muito tempo atrás, "quando esta ilha ainda era afortunadamente dividida em muitos reinos". Ham é agora a precursora da moderna cidadezinha de Thame, e *Worminghal ,* a forma vernácula de *Aula Draconaria,* nome da casa construída por Gil no local onde ele e Chrysophylax se conheceram. Felizmente, "Papai" e o "Bobo da Família" desapareceram, mas o autor de vez em quando se intromete, falando direto com o leitor ("Se vocês acham que esse nome era inadequado, só posso dizer que não era").

Em 31 de agosto de 1938, Tolkien apresentou o novo original datilografado a Allen & Unwin para exame, com o comentário de que "muita gente considerou-o bastante divertido" *(Letters,* p. 40). Alguns meses depois, não tinha recebido resposta alguma e, no ano seguinte, pediu mais informações, especificamente no dia 10 de fevereiro: *"Farmer Giles,* na versão ampliada, foi aprovado?... A história tem algum valor?... Só me pergunto se esse tipo de brincadeira de família, encenada entre nós, aqui no interior, é mais do que uma tolice" *(Letters,* p. 43). Ele continuou a promover o livro junto a Allen & Unwin até o final de 1939, como um substituto provisório para *The Lord of the Rings,* que avançava lentamente. Depois disso, durante os anos da guerra, a questão foi pouco debatida, e não houve decisão, até Tolkien voltar ao assunto em julho de 1946.

Farmer Giles foi então lido para a editora por David Unwin (o escritor "David Severn"), que considerou a história "deliciosa" e "um verdadeiro prazer". O único ponto de preocupação continuava a ser seu tamanho, curto mesmo depois da ampliação para a Lovelace Society e da escolha de textos de Tolkien que pudessem acompanhá-lo para compor um volume de tamanho suficiente para ser vendido por seis xelins. Tolkien ainda não tinha nada pronto que seu editor considerasse adequado, e suas obrigações acadêmicas não lhe permitiam tempo ocioso para fornecer outras histórias do mesmo gênero, mesmo que ele tivesse vontade de escrevê-las. "A força vital desapareceu do Pequeno Reino", comentou ele em 1945, fazendo referência à região em torno de Oxford,

"e os bosques e planícies são aeródromos e alvos para treinamento de bombardeio"

(Letters, p. 113).

Afinal, Allen & Unwin decidiram publicar *Farmer Giles of Ham* isoladamente, sem nenhuma continuação ou outras histórias, e acrescentar ilustrações para tornar o tamanho do livro mais apropriado. Tolkien revisou o último original datilografado e fez "uma boa quantidade de alterações, para melhor (espero) tanto no estilo quanto na narrativa" (5 de julho de 1947, *Letters,* p. 119). Algumas das alterações foram tão extensas que ele substituiu sete páginas do original, redatilografando-as no verso. Eliminou algumas das intromissões restantes por parte do narrador e, entre outros pontos de interesse, acrescentou a descrição do gigante afastando olmos como se

fossem capim alto e esquecendo sua "melhor panela de cobre" no fogo; os comentários do pároco sobre as letras gravadas em Morde-cauda e em sua bainha, bem como a sugestão de que Gil levasse um pedaço de corda quando fosse caçar o dragão. O Reino Médio agora recebia esse nome, com sua corte localizada a cerca de vinte léguas de distância de Ham; e a desafortunada vaca de Gil passa a chamar-se Galathea.

Por essa época, Tolkien também acrescentou um "prefácio", que desenvolveu a partir de diversos rascunhos. Os mais antigos foram escritos no verso de comunicados da Oxford University, datados de outubro de 1946, e, junto com antigos originais datilografados, estão conservados na Bodleian Library, Oxford. Versões mais recentes estão nos Arquivos da Marquette University. De fato, trata-se de um prefácio cômico, da mesma forma que *Farmer Giles of Ham* é uma aventura medieval heróico-cômica. Na realidade, um gracejo soma-se a outro. Tolkien finge ser editor e tradutor de um texto antigo — atitude que adotaria mais tarde na primeira edição de *The Lord of the Rings* (1954) e em *The Adventures of Tom Bombadil* (1962) — e o apresenta como se fosse mais ou menos verdadeiro, "talvez mais uma lenda que um relato" da história do Pequeno Reino.

Muitos dos que escreveram a respeito de *Farmer Giles of Ham* interpretaram seu prefácio como uma extensão satírica da palestra de Tolkien à British Academy, *Beowulf The Monsters and the Critics* (1936; reeditada em Tolkien, *The Monsters and the Critics and Other Essays,* 1983). Nesse trabalho pioneiro, ele criticou os críticos que consideravam *Beowulf* apenas um documento histórico, e não um poema digno de atenção por seu valor literário. "A ilusão de perspectiva e veracidade histórica, que fez *Beowulf* parecer um achado tão interessante", escreveu ele, "resulta, em grande parte, do trabalho de elaboração artística. O autor usou um sentido histórico instintivo... mas o usou com objetivo poético, não histórico." *Farmer Giles* é naturalmente produto de elaboração artística, mas seu editor, como se apresenta no prefácio, à semelhança de certos críticos de *Beowulf* está interessado apenas no vislumbre que o texto proporciona da história da Grã-Bretanha e da origem de certos topônimos, não no relato propriamente dito. Ele admite que alguns leitores possam "considerar o caráter e as aventuras de seu herói interessantes por si", insinuando, com seu tom desdenhoso, que ele próprio não é dessa opinião. Além disso, aceita como fato histórico a história às vezes fictícia da Grã-

Bretanha, tal como foi narrada por Godofredo de Monmouth e repetida em obras de ficção posteriores como, por exemplo, em *Sir Gawain and the Green Knight.*

Essa interpretação do prefácio pode ou não refletir a intenção de Tolkien. Seja como for, é importante lembrar que o prefácio é satírico e que foi uma idéia posterior, escrito somente quando a história já existia havia muitos anos. Em outras palavras, *Farmer Giles of Ham* em si não foi escrita a partir do mesmo ponto de vista. Embora o prefácio situe no tempo os acontecimentos de *Farmer Giles* de um modo mais preciso do que a própria história, entre o final do século III (época do Rei Coel) e o início do século VI (o surgimento dos Sete Reinos Anglo-Saxões), isso não faz diferença para o leitor. A intenção era que *Farmer Giles of Ham* não pertencesse a nenhuma época histórica específica além "daquela época, agora distante, quando

esta ilha ainda era afortunadamente dividida em muitos reinos". Sua ambientação "medieval" é meramente um pano de fundo adequado para um conto de dragões e cavaleiros, ao qual Tolkien contrapõe anacronismos para efeito humorístico, sendo talvez o de modernidade mais gritante o "pacto de não-agressão" entre Gil e o dragão. Como Tolkien confessou à amiga Naomi Mitchison:

Receio que *Farmer Giles* tenha sido escrito com muita despreocupação, originalmente a respeito de uma "época inexistente", na qual poderia haver bacamartes

[século XVII] ou qualquer outra coisa. Sua reformulação ligeiramente rebuscada, tal como foi lida diante da Lovelace Society e publicada, ressalta o papel do bacamarte — se bem que, no fundo, não seja pior que todas as abordagens medievais dadas aos assuntos arturianos. Mas ele estava enraizado demais na história para ser alterado, e algumas pessoas acham os anacronismos divertidos. Eu mesmo não consegui renunciar à citação

[que descreve o bacamarte]... tirada do Oxford Dictionary... No entanto, na Ilha da Grã-

Bretanha, segundo fontes arqueológicas, não pode ter havido nada minimamente semelhante a uma arma de fogo. Tampouco [nos tempos de Mestre Gil] havia armaduras do século XIV. [18 de dezembro de 1949, *Letters,* p. 133].

Tolkien enviou a Allen & Unwin, em julho de 1947, um rascunho do prefácio, junto com seu original datilografado recém-revisado. Como o próprio Tolkien não fizera nenhuma ilustração para *Farmer Giles of Ham,* ele sugeriu que fossem feitas por Milein Cosman, uma jovem artista a quem sua filha Priscila achava que deveria ser dada uma oportunidade. Cosman, porém, demorou para apresentar as amostras de ilustrações solicitadas, e as que acabou entregando, em janeiro e julho de 1948, não agradaram nem a Tolkien nem a Allen & Unwin. Cosman foi dispensada (e dali partiu para uma carreira de sucesso), e a encomenda foi entregue a Pauline Baynes, cujos desenhos cômico-medievais no seu portfólio atraíram a atenção de Tolkien. Baynes logo entrou no espírito do livro e, com típica energia e talento, produziu mais desenhos a bico-de-pena do que lhe fora solicitado, além de duas pranchas em cor. No início de março de 1949, ela já tinha completado a maior parte do trabalho. Tolkien escreveu a Allen *&* Unwin que estava satisfeito com o trabalho de Baynes "muito além das expectativas despertadas pelas amostras iniciais. Trata-se de mais do que meras ilustrações; são um tema paralelo.

Mostrei-as a amigos meus, cuja observação cortês foi que elas reduziam meu texto a um comentário a respeito dos desenhos" *{Letters,* p. 133). Em 1976, Baynes pintou uma nova arte para a capa da segunda edição de *Farmer Giles;* detalhes dela foram usados na capa deste livro. E, em 1980, desenhou novas ilustrações de página inteira para uma reedição da coletânea *Poems and Stories* de Tolkien. Para esta edição de jubileu, Pauline Baynes contribuiu com um mapa do Pequeno Reino, assinalando desse modo os cinqüenta anos de ligação com *Farmer Giles of Ham.*

No final de 1948, Tolkien preparou, para uso da gráfica, um novo original datilografado, com algumas emendas, em sua maioria erros tipográficos, e, com isso, incluiu correções retroativas ao original anterior. Fez mais algumas alterações de última hora nas provas de paquê, sendo a

mais importante a remoção da referência às botas do gigante, uma vez que Pauline Baynes havia entregue dois belos desenhos de um gigante descalço.

Farmer Giles of Ham foi finalmente publicado em 20 de outubro de 1949 na Inglaterra e no ano seguinte nos Estados Unidos (Boston: Houghton Mifflin). Allen & Unwin comercializaram a obra como um livro infantil, como tinham feito com *The Hobbit,* doze anos antes, embora Tolkien já os tivesse avisado, em julho de 1938, de que *Farmer Giles* tinha se tornado uma história para adultos. Ele também comentara, em julho de 1947, mais uma vez em referência à versão ampliada criada para a Lovelace Society, o seguinte: "Vocês perceberão que, não importa quem compre o livro, essa história não foi escrita para crianças; embora, como é o caso de outros livros, isso necessariamente não as impeça de se divertirem com ela" *(Letters,* p. 119) — É claro que tinha sido escrita originalmente para crianças, e no seu cerne continuava essencialmente inalterada em relação às versões iniciais. Mesmo na versão publicada, ela lembra "The Reluctant Dragon" [O dragão relutante] de Kenneth Grahame, bem como as diversas histórias de dragões de autoria de E. Nesbit. No entanto, Tolkien pretendia que seu texto posterior, mais sofisticado, fosse lido ou ouvido por um público mais velho, que melhor apreciasse suas sutilezas. Na realidade, ele já estava sendo lido dessa forma, circulando, por Tolkien, datilografado, entre amigos, como seu aluno de Oxford, o futuro contador de histórias Roger Lancelyn Green.

Farmer Giles of Ham não se tornou um clássico da literatura infantil como *The Hobbit.* No entanto, agrada a leitores de todas as idades há meio século. É uma história animada, contada com inteligência e espirituosidade. Também é interessante por ser uma das poucas obras de ficção de Tolkien totalmente independente "do tema da Terra Média"

— foi "com esforço" que ele a manteve dissociada da mitologia que criou *(Letters,* p. 136).

Existem, entretanto, alguns pontos de semelhança entre essa história e os textos mais famosos de Tolkien; a mais óbvia é que Gil, como Bilbo, o *hobbit,* é um herói relutante e improvável, arrancado de uma vida de conforto para participar de aventuras incríveis.

Nesta nova edição de *Farmer Giles of Ham* o texto e as ilustrações voltaram à diagramação que Pauline Baynes projetou meticulosamente em conjunto com a Allen & Unwin, e que Tolkien aprovou. No final do volume, acrescentamos uma seção de notas (de modo algum exaustiva) contendo as fontes históricas e literárias de Tolkien para *Farmer Giles,* palavras e expressões incomuns, bem como outros pontos que nos parecem de interesse especial. Essas notas estão organizadas pelo número das páginas, sem identificação no corpo do texto, de modo que os leitores que preferirem poderão ler a história e o material complementar sem a interrupção de textos explicativos.

Publicadas pela primeira vez, incluem-se a mais antiga versão escrita (manuscrita) de *Farmer Giles* e a continuação deixada de lado por Tolkien. Ao transcrever a primeira, alteramos, por questões de coerência, apenas alguns sinais de pontuação e algumas ocorrências de maiúsculas. Já a continuação, quatro páginas de passagens e notas em rascunho preservadas na Bodleian Library, escritas em caligrafia difícil de ser entendida, com muitas interrupções e retomadas,

exigiu um trabalho de edição mais sério para facilitar a leitura.

Como dissemos, a primeira versão de *Farmer Giles of Ham* era mais curta e menos sofisticada que o livro publicado. No entanto, ela é muito interessante, assim como *Roverandom,* como exemplo de uma história na forma como Tolkien a contava aos filhos, ou tão próxima de sua forma original quanto se pode chegar. Ela também proporciona uma comparação útil com o texto final, pela qual é possível avaliar o desenvolvimento de uma história, da criação à publicação.

Do mesmo modo, a continuação inacabada de *Farmer Giles* lança luz sobre o processo de contar histórias, e naturalmente apresenta um interesse inerente por seus elementos de enredo e personagem. O manuscrito lamentavelmente é sucinto. Mesmo numa forma tão rudimentar, promete uma história tão animada quanto *Farmer Giles* e tão rica quanto ela em humor e alusões. De início, Tolkien pensou em situar a nova história numa época em que Gil tivesse morrido e seu filho George lhe tivesse sucedido no trono do Pequeno Reino. Depois de algumas frases, ele mudou de idéia, talvez por não conseguir pensar numa história interessante a respeito do *Rei* George. Tentou imediatamente uma nova abordagem, com Gil ainda vivo e a história voltada para o *príncipe* George enquanto ele se transformava de rapazola do campo em monarca valoroso. É um início muito tosco, escrito rapidamente e com grande quantidade de correções, embora forme uma narrativa coerente. Infelizmente, o texto se interrompe, no meio de uma frase, depois de duas páginas manuscritas, apenas seguido pelo esboço do resto da história, que ocupa duas páginas.

Em 24 de julho de 1938, em carta a Allen & Unwin, Tolkien faz referência a "duas ou três outras histórias", ainda não escritas, que a editora na época desejava para acompanhar *Farmer Giles of Ham (Letters,* p. 39) — Em 31 de agosto de 1938, ele voltou a escrever que tinha "uma continuação já planejada" *(Letters,* p. 40). É possível que todo o trabalho realizado na continuação, para a qual existem notas, tenha ocorrido entre essas duas cartas. Em correspondência posterior, Tolkien continuou a fazer referências a mais histórias do gênero, bem como à continuação planejada porém incompleta, "As aventuras do príncipe George (o filho do fazendeiro) e do rapaz gorducho Suovetaurilius (vulgo Suet [Sebo]), e a Batalha de Otmoor" (10 de fevereiro de 1939, *Letters,* p. 43).

Quando Allen & Unwin decidiram publicar *Farmer Giles* isoladamente, a continuação planejada foi posta de lado, embora não tenha sido esquecida. Tolkien faz uma alusão irônica a ela no prefácio como se fosse um documento autêntico, um fragmento dos tempos de outrora. Na realidade, ela continuou a ser nada mais do que um fragmento, visto que Tolkien descobriu ser impossível recuperar o espírito que havia inspirado sua história original sobre o Pequeno Reino.

Gostaríamos de agradecer o auxílio e as sugestões na publicação deste livro, a John, Priscilla, Joanna e, em especial, Christopher Tolkien; Charles B. Elston, arquivista da Marquette University, e sua equipe; Colin Harris, do Departamento de Manuscritos Ocidentais, Bodleian Library; Joanna Parker, bibliotecária da Worcester College, Oxford; à equipe da Williams College Library, Williamstown, Massachusetts; David Brawn e Chris Smith, da HarperCollins; Pauline

Baynes; Charles Fuqua; Carl Hostetter; Rayner Unwin; e Johan Vanhecke. Somos também gratos aos autores cujos textos sobre *Farmer Giles of Ham* nos foram úteis, especialmente Jane Chance, David Doughan, Brin Dunsire, Paul H.

Kocher, Dylan Pugh, John D. Rateliff, o falecido Taum Santoski e Tom Shippey.

CHRISTINA SCULL WAYNE G. HAMMOND

Prefácio

RESTAM poucos fragmentos da história do Pequeno Reino, mas por acaso um relato de sua origem foi preservado; talvez mais uma lenda que um relato, pois evidentemente se trata de uma compilação tardia, cheia de fatos assombrosos, derivada não de crônicas confiáveis, mas das baladas populares às quais seu autor faz freqüentes referências. Para ele, os acontecimentos que registra já estavam num passado remoto; não obstante, ele próprio parece ter vivido no território do Pequeno Reino. Todo conhecimento geográfico que revela (o que não é seu ponto forte) é daquela região, ao passo que de outras regiões, ao norte ou a oeste, não conhece nada.

Um motivo para apresentar uma tradução desse interessante relato, passando-o do seu latim insular para o idioma moderno do Reino Unido, pode ser a visão de época que ele nos proporciona, num período obscuro da história da Grã-Bretanha*, sem mencionar a luz que lança sobre a origem de alguns topônimos difíceis. Há quem considere o caráter e as aventuras de seu herói interessantes por si mesmos.

Os limites do Pequeno Reino, seja no tempo ou no espaço, não são fáceis de determinar a partir destes parcos indícios. Desde que Brutus chegou à Grã-Bretanha, muitos reis e reinos surgiram e desapareceram. A partilha entre Locrin, Camber e Albanac* foi apenas a primeira de muitas divisões provisórias. Fosse pelo amor à mesquinha independência ou pela ganância dos reis por ampliar seus territórios, guerra e paz, júbilo e pesar alternavam-se durante o ano, como nos contam os historiadores do reinado de Artur: uma época de fronteiras incertas, na qual homens podiam ascender ao poder ou tombar de repente; e os bardos tinham material em profusão, bem como platéias atentas. Em algum ponto desse longo período, talvez depois dos tempos do Rei Coel, mas antes de Artur ou dos Sete Reinos Anglo-Saxões*, é onde devemos situar os acontecimentos aqui relatados; e sua ambientação é o vale do Tâmisa*, com uma incursão a noroeste até as muralhas do País de Gales.

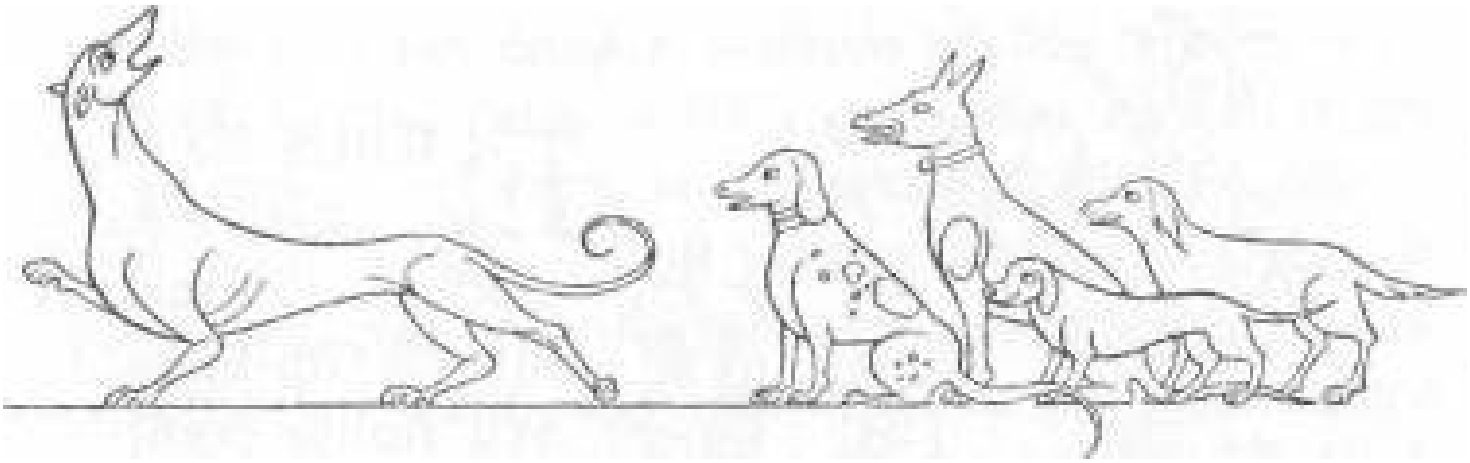
A capital do Pequeno Reino localizava-se, tal como a nossa, no extremo sudeste*, mas seus limites são vagos. Parece que ela nunca se estendeu muito a oeste, Tâmisa acima, nem passou de Otmoor*, na direção norte; e seus limites orientais eram indefinidos. Num fragmento de lenda sobre Georgius, filho de Gil, e seu pajem Suovetaurilius (Suet), há indicações* de que a certa altura um posto avançado próximo ao Reino Médio teria sido mantido em Farthingho*. Mas essa situação não diz respeito a esta história, que agora se apresenta sem alterações ou maiores comentários, embora o extenso título original tenha sido convenientemente reduzido para *Farmer Giles of Ham (Mestre Gil de Ham)*.

Mestre Gil de Ham

A EGIDIUS de Hammo morava na região mais central da Ilha da Grã-Bretanha.

Seu nome completo era *A* Egidius Ahenobarbus Julius Agrícola de Hammo, pois as pessoas recebiam vários nomes naquela época*, agora distante, quando esta ilha ainda era afortunadamente dividida em muitos reinos*. Havia mais tempo e menos gente, de modo que em sua maioria os homens eram distintos. No entanto, esse tempo já passou, e no que se segue tratarei o homem pelo seu nome abreviado e na forma vulgar*: ele era Mestre Gil de Ham e tinha a barba ruiva. Ham era apenas uma aldeia*, mas as aldeias ainda eram orgulhosas e independentes naquela época.

Mestre Gil tinha um cachorro, cujo nome era Garm*. Os cães tinham de se contentar com nomes curtos no vernáculo*. O latim dos livros era reservado para seus donos*. Garm não conseguia falar nem latim macarrônico*, mas sabia usar a língua do povo (como a maioria dos cães daquela época) para amedrontar, para se vangloriar ou para bajular. As ameaças eram para mendigos e intrusos, a fanfarronice, para os outros cachorros, e a bajulação, para seu dono. Garm tinha orgulho e medo de Gil, que sabia amedrontar e se vangloriar melhor do que o cão.



Não eram tempos de correria ou alvoroço. O alvoroço tem muito pouco a ver com os negócios. Os homens trabalhavam em paz e conseguiam harmonizar trabalho e conversa. Havia muito assunto, pois acontecimentos memoráveis ocorriam com freqüência. No entanto, no momento em que esta história começa, havia um bom tempo que nada de memorável acontecia em Ham. Isso era perfeito para Mestre Gil, um camarada lento, bastante acomodado no seu estilo de vida e totalmente absorto nos próprios assuntos. Todo o seu tempo era ocupado (dizia ele) tentando afastar a miséria: ou seja, procurando manter-se tão gordo e bonachão como seu pai havia sido. O cachorro também se ocupava em ajudá-lo. Nenhum dos dois dava muita atenção ao Vasto Mundo fora de suas terras, da aldeia, da feira mais próxima*.

Só que o Vasto Mundo existia. A floresta não era muito distante, e ao longe, a oeste e ao norte, ficavam os Montes Ermos e as fronteiras das terras misteriosas da região serrana*. E, entre outras coisas, ainda havia gigantes à solta: um pessoal grosseiro e pouco civilizado, às vezes encrenqueiro*. Havia um gigante, em especial, que era maior e mais obtuso que seus colegas. Não encontro menção alguma a seu nome nos relatos históricos, mas isso não vem ao caso*. Ele era muito grande, tinha um cajado do tamanho de uma árvore e seus passos eram pesados. Afastava olmos do caminho como se fossem folhas de capim. E era destruidor de estradas e devastador de jardins, pois seus pés enormes faziam buracos fundos como poços. Se tropeçasse numa casa, acabava com ela. E todos esses estragos ele fazia aonde quer que fosse, pois sua cabeça ficava muito acima do telhado das casas e ele deixava que os pés cuidassem de si sozinhos. Ele também era míope e bastante surdo. Felizmente morava muito longe, nos Ermos, e raramente visitava terras habitadas por homens, pelo menos não de propósito. Possuía uma enorme casa caindo aos pedaços, bem no alto das montanhas, mas tinha pouquíssimos amigos, em razão da surdez e da falta de inteligência, além da escassez de gigantes. Costumava sair para caminhar nos Montes Ermos e nas regiões desertas aos pés das montanhas, sempre sozinho.

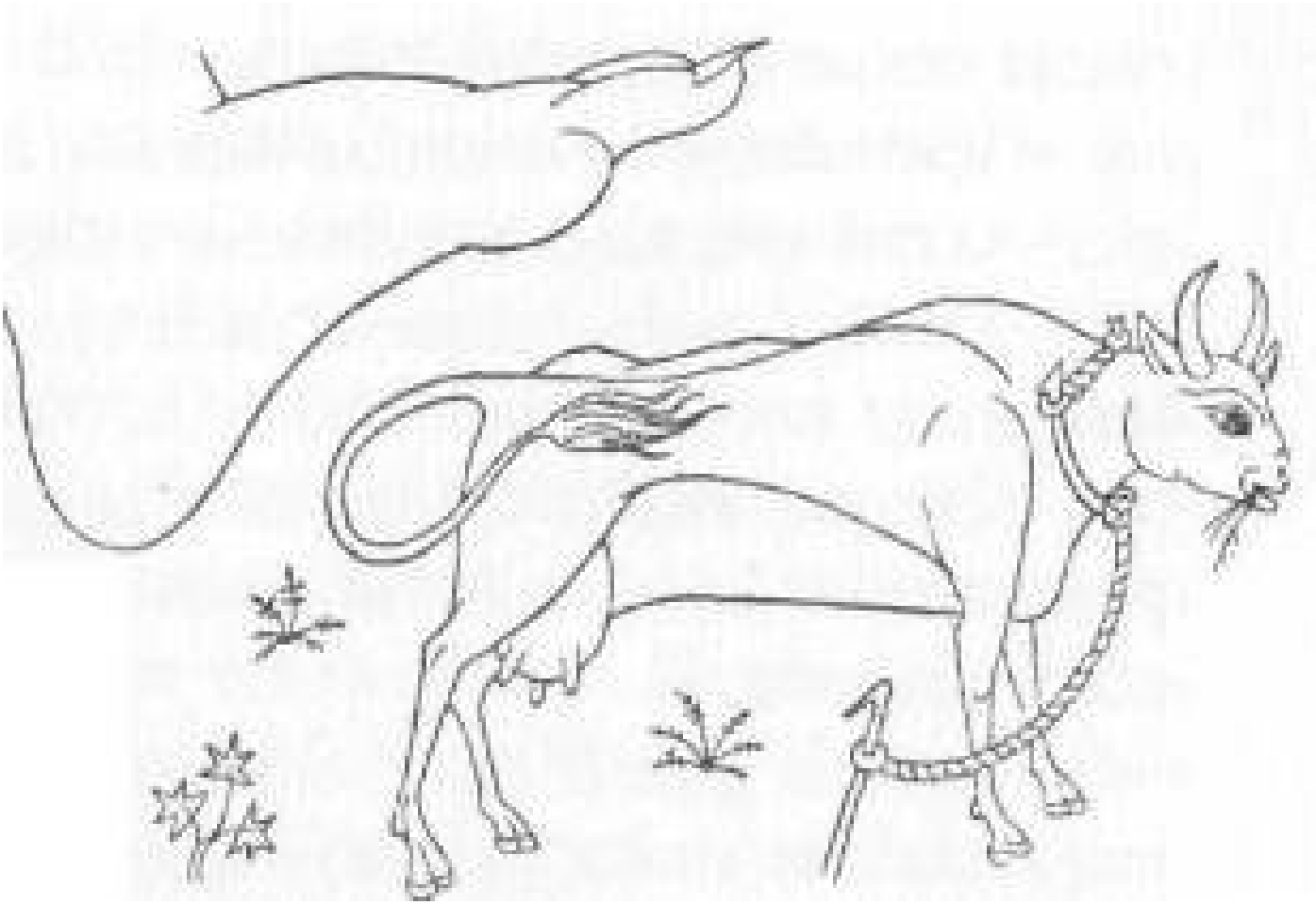
Um belo dia de verão, esse gigante saiu para passear e perambulou sem destino, causando muitos estragos nos bosques. De repente, quando o sol já se punha e se aproximava a hora do jantar, percebeu que estava perdido numa parte do país que desconhecia totalmente. Enganou-se ao tentar adivinhar a direção correta, e andou sem parar, até escurecer. Sentou-se e esperou a lua nascer. Então andou sem parar sob o luar, dando grandes passadas, resolutas, pois estava ansioso para chegar em casa. Tinha deixado sua melhor panela de cobre no fogo e temia que o fundo se queimasse. Na realidade, estava se aproximando da fazenda de *A* Egidius Ahenobarbus Julius Agrícola e da aldeia chamada (na língua do povo) Ham.

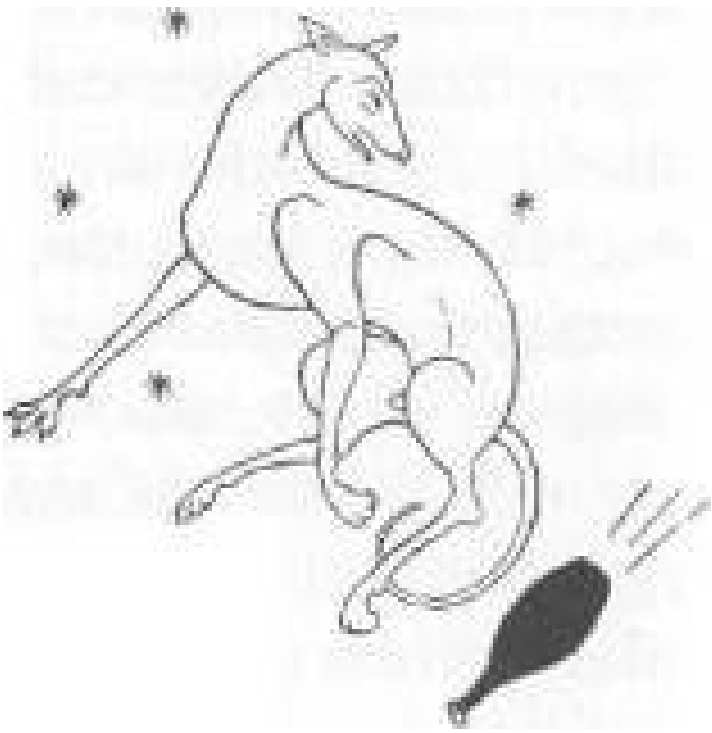
Era uma bela noite. As vacas estavam nos campos, e o cachorro de Mestre Gil tinha saído por conta própria para dar um passeio. Ele adorava o luar e coelhos. É claro que não fazia idéia de que um gigante também tinha saído para dar um passeio. Isso lhe teria dado uma boa razão para sair sem licença, mas uma razão ainda melhor para permanecer quieto na cozinha. Por volta das duas horas, o gigante chegou às terras de Mestre Gil, quebrou cercas-vivas, pisoteou lavouras e arrasou a plantação de capim para feno*. Causou, em cinco minutos, mais prejuízo do que a real caça à raposa poderia ter causado em cinco dias.

Garm ouviu pancadas surdas vindas da margem do rio e correu para o lado oeste da pequena

colina, na qual ficava a sede da fazenda, para ver o que estava acontecendo.

De repente, viu o gigante atravessar o rio com uma só passada e pisar em Galathea*, a vaca preferida do fazendeiro, esmagando o pobre animal da mesma forma que o





fazendeiro poderia ter esmagado um besouro.

Isso foi mais que suficiente para Garm. Ele deu um ganido de horror e disparou para casa. Totalmente esquecido de que tinha saído sem permissão, pôs-se a latir e a uivar debaixo da janela do quarto do dono.

Por um bom tempo, não houve resposta. Não era fácil acordar Mestre Gil.

— Socorro! Socorro! Socorro! — gritou Garm. A janela abriu-se de repente, e uma garrafa certeira saiu voando.

— Ai! — disse o cachorro, pulando para o lado com a técnica adquirida na prática. — Socorro! Socorro! Socorro!

Aí apareceu a cabeça do fazendeiro.

— Maldito cachorro! O que você está aprontando desta vez? — perguntou.

— Nada — respondeu o cachorro.

— Você vai ver o que é nada! Vou lhe arrancar o couro amanhã de manhã —

disse o fazendeiro, batendo a janela com violência.

— Socorro! Socorro! Socorro! — gritou o cachorro.

Lá veio a cabeça de Gil de novo.

— Vou matá-lo se continuar fazendo barulho — disse ele. — O que está acontecendo com você, seu bobalhão?

— Comigo nada — disse o cachorro -, mas com o senhor.

— Do que você está falando? — perguntou Gil, surpreso apesar da raiva. Garm nunca lhe dera uma resposta insolente.

— Tem um gigante em suas terras, um gigante enorme; e ele está vindo para cá

— disse o cachorro. — Socorro! Socorro! Ele está pisando nos seus carneiros. Esmagou a coitada da Galathea, que ficou achatada como um capacho. Socorro! Socorro! Ele está destruindo todas as sebes e arrasando todas as lavouras. O senhor precisa agir com rapidez e bravura, ou logo não lhe restará nada. Socorro! — E Garm começou a uivar.

— Cale a boca! — ordenou o fazendeiro, fechando a janela. — Deus me livre! —

disse consigo mesmo. E, embora a noite estivesse quente, teve um calafrio e estremeceu.

— Volte para a cama e não seja bobo! — disse a mulher. — E amanhã de manhã trate de afogar esse cachorro. Não convém acreditar no que um cachorro diz: eles contam qualquer história quando são apanhados na vadiagem ou roubando.

— Pode ser que sim, Agatha — disse ele -, e pode ser que não. Mas alguma coisa está acontecendo nas minhas terras, ou Garm virou um coelhinho. O cachorro estava apavorado. E por que ele chegaria uivando, no meio da noite, quando poderia entrar sorrateiro pela porta dos fundos, de manhã cedo, junto com o leite*?

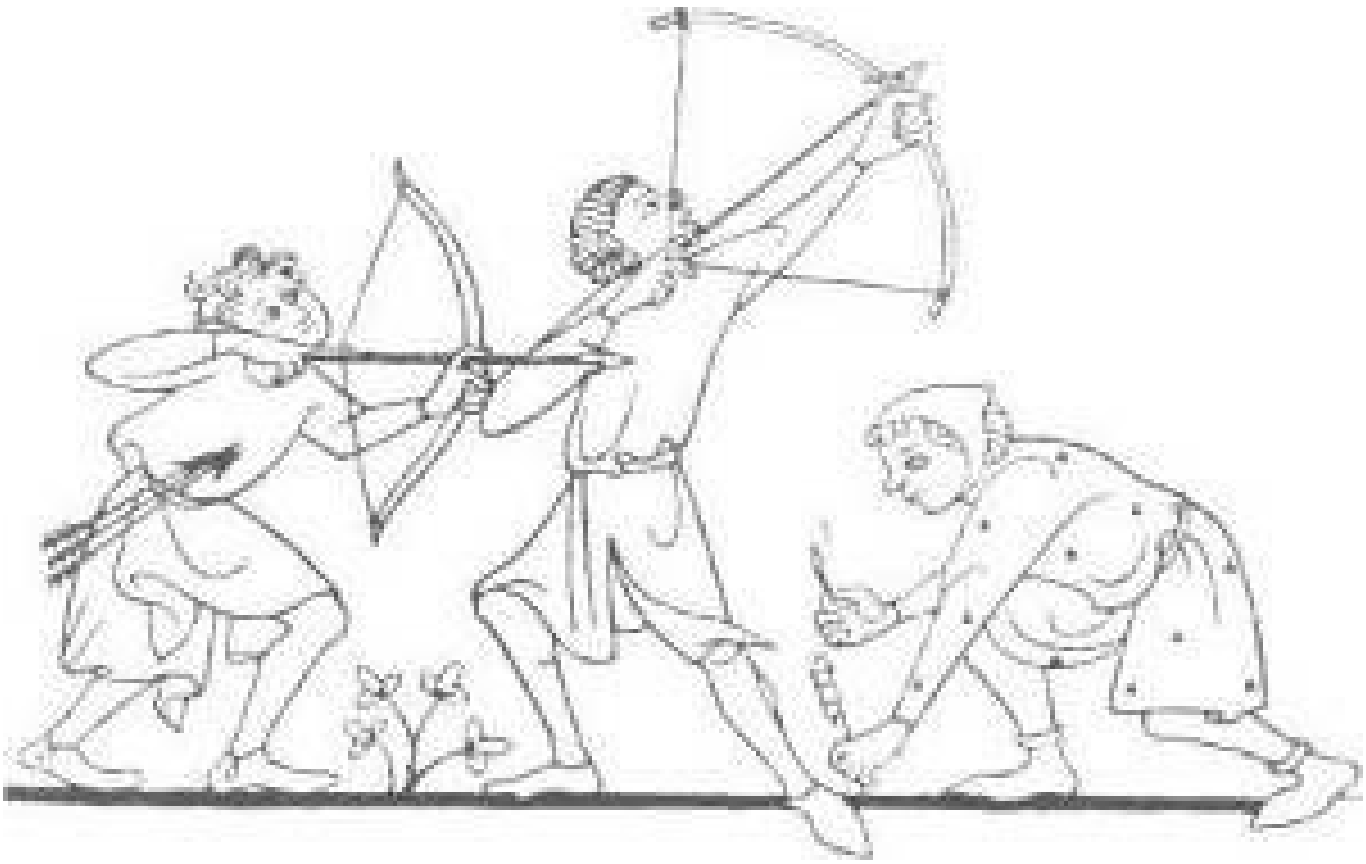
— Não fique aí parado, discutindo! — disse ela. — Se está acreditando no cachorro, siga o conselho dele: aja com rapidez e bravura.

— Falar é fácil — respondeu Gil; pois, no fundo, acreditava em boa parte da história de Garm. De madrugada, gigantes pareciam menos improváveis.

Além disso, patrimônio é patrimônio, e Mestre Gil tinha um jeito brusco de lidar com invasores que poucos ousavam desafiar. Vestiu os calções*, desceu até a cozinha e apanhou o bacamarte da parede. Há quem possa perguntar o que era um bacamarte. Na verdade, exatamente essa pergunta foi feita aos Quatro Clérigos Cultos de Oxenford.

Depois de pensar, eles responderam:

— Um bacamarte é uma arma curta de cano largo que atira muitas bolas ou



metralha, capaz de efeito destrutivo a uma distância limitada e sem mira exata. (Hoje, ultrapassada nos países civilizados por outras armas de fogo.) O bacamarte de Mestre Gil tinha, porém, uma boca larga que se abria como uma cometa e não atirava metralha nem bolas de fogo, mas qualquer coisa que ele tivesse à mão para enfiar na arma. O bacamarte não tinha efeito destrutivo porque Mestre Gil raramente o carregava e nunca atirava com ele. Geralmente bastava exibi-lo para obter o efeito desejado. E aquela região ainda não estava civilizada, pois o bacamarte não estava ultrapassado: ele era na realidade a única espécie de arma de fogo existente, e mesmo assim rara. As pessoas preferiam arcos e flechas e usavam pólvora principalmente em fogos de artifício*.

Pois bem, Mestre Gil apanhou o bacamarte, carregou-o com bastante pólvora, para o caso de serem necessárias medidas extremas, e na larga boca enfiou pregos velhos, pedaços de arame, cacos de louça, ossos, pedras e outros detritos. Calçou as botas de cano alto*, vestiu o sobretudo e saiu, atravessando a horta.

A lua estava baixa, e ele não via nada mais do que as longas sombras negras de arbustos e árvores; mas ouvia uns baques assustadores que subiam pela encosta do monte. Não achava que estivesse agindo com rapidez ou bravura, não importava o que Agatha dissesse; estava mais preocupado com a propriedade do que com a própria pele.

E assim, sentindo-se um pouco mais tenso do que deveria, dirigiu-se para o alto do monte.

De repente, acima do topo, surgiu a cara do gigante, pálida ao luar, que cintilava nos seus olhos grandes e redondos. Seus pés ainda estavam muito distantes, lá embaixo, fazendo buracos nos campos. A lua ofuscou o gigante, e ele não viu o fazendeiro, mas Mestre Gil o viu e ficou morto de medo. Sem pensar, puxou o gatilho, e o bacamarte disparou com um estrondo atordoante. Por sorte, ele estava mais ou menos apontado para a carantonha do gigante. Saíram voando detritos, com pedras e ossos, cacos de louça e pedaços de arame, além de meia dúzia de pregos. E como a distância era realmente curta, por acaso e não por escolha do fazendeiro, muitos desses objetos atingiram o gigante: um caco de bule entrou no seu olho e um grande prego ficou preso no seu nariz.

— Raios! — disse o gigante, com seu jeito vulgar*. — Fui picado!

O barulho não lhe causara nenhuma impressão (ele era bastante surdo), mas não estava gostando do prego. Fazia muito tempo que dera com um inseto feroz o suficiente para perfurar sua pele grossa, mas tinha ouvido falar que muito ao longe, a leste, nos Pântanos*, havia libélulas que picavam como tenazes em brasa*. Ele achava que tinha deparado com algo semelhante.

— Evidentemente, uma região desagradável e insalubre — disse ele. — Não vou

ficar por aqui.

Apanhou então um par de carneiros na encosta do morro para comer quando chegasse em casa e retornou, passando de novo por cima do rio e seguindo na direção nor-noroeste* a passo acelerado. Reencontrou o caminho de casa, pois agora ia na direção certa, mas sua panela de

cobre perdeu o fundo.

Quanto a Mestre Gil, quando o bacamarte disparou, deu-lhe um coice que o jogou de costas no chão. E ali ele ficou, olhando para o céu e se perguntando se os pés do gigante não o atingiriam quando passassem por ele. Mas nada aconteceu, e as pisadas fortes desapareceram ao longe. Levantou-se, então, esfregou o ombro e apanhou o bacamarte. De repente, ouviu o som de pessoas dando vivas.

A maioria das pessoas de Ham ficara olhando pela janela; algumas se vestiram e saíram de casa (depois que o gigante foi embora). Outras correram morro acima, aos gritos.

Os aldeões tinham ouvido os apavorantes golpes produzidos pelos pés do gigante, e a maioria tinha se enfiado debaixo das cobertas; alguns, debaixo da cama. Mas Garm sentia orgulho e medo do seu dono. Considerava-o terrível e esplêndido quando estava zangado, e naturalmente achava que essa seria a opinião de qualquer gigante.

Portanto, assim que viu Gil sair com o bacamarte (geralmente um sinal de cólera tremenda), seguiu em disparada na direção da aldeia, aos gritos e latidos.

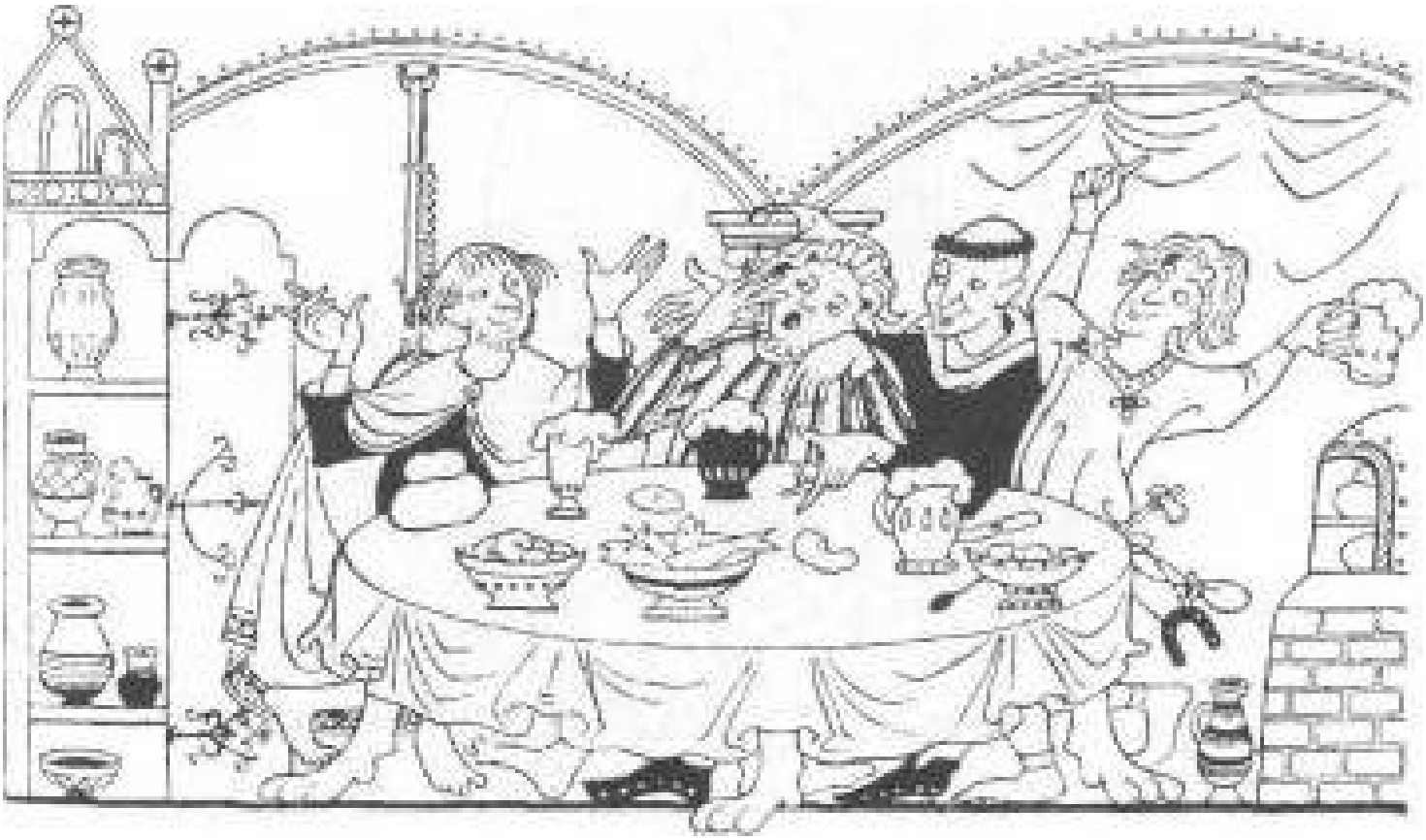
— Saiam de casa! Saiam de casa! Levantem-se! Levantem-se! Venham ver como meu dono é admirável! Ele age com rapidez e bravura. Vai atirar num gigante que invadiu suas terras. Saiam de casa!

Da maioria das casas, podia-se ver o alto do monte. Quando as pessoas e o cachorro viram a cara do gigante surgir lá em cima, tremeram, prendendo a respiração; e todos eles, exceto o cachorro, acharam que o problema seria grande demais para Gil enfrentar. Foi então que o bacamarte disparou, e o gigante de repente deu meia-volta e foi embora. Estupefatos e alegres, eles bateram palmas e deram vivas; e Garm latiu até dizer chega.

— Viva! — gritavam. — Que isso lhe sirva de lição!* Mestre *A* Egidius deu-lhe um bom corretivo. Agora o gigante vai voltar para casa e morrer. Bem feito! — E então todos deram vivas juntos. Mas, ao mesmo tempo que aplaudiam, consideravam, em interesse próprio, que afinal de contas era possível atirar com o tal bacamarte. Essa questão tinha sido debatida nas estalagens da aldeia, mas agora o assunto estava encerrado. Mestre Gil teve poucos problemas com invasores a partir de então.

Quando parecia não haver mais perigo, alguns dos mais corajosos subiram até o topo do monte para apertar as mãos de Mestre Gil. Alguns — o pároco, o ferreiro e o moleiro, além de uma ou duas outras pessoas importantes* — deram-lhe tapinhas nas costas. Isso não lhe agradou (estava com o ombro dolorido), mas se sentiu na obrigação de convidá-los para ir à sua casa. Sentaram-se em torno da mesa da cozinha, bebendo à sua saúde e o elogiando ruidosamente. Ele não fez nenhum esforço para esconder os bocejos, mas, enquanto havia bebida, eles nada perceberam. Após todos terem tomado uma ou duas doses (e o fazendeiro duas ou três), Mestre Gil começou a se sentir bastante corajoso; após todos terem tomado duas ou três doses (e ele cinco ou seis), Gil

se sentia tão bravo quanto seu cachorro o considerava. Despediram-se como bons amigos, e ele deu vigorosos tapinhas nas costas dos outros. As mãos de Mestre Gil eram grandes, grossas e vermelhas; de modo que ele conseguiu sua vingança.



No dia seguinte, descobriu que a notícia tinha crescido ao ser relatada, e que ele se tornara uma importante figura local. No meio da semana seguinte, a notícia já tinha se espalhado por todas as aldeias, num raio de vinte milhas. Ele se tornara o Herói do Campo, o que achou muito agradável. Na feira, pagaram-lhe bebida suficiente para fazer flutuar um barco, ou seja, ele bebeu até não poder mais e voltou para casa cantando antigas canções heróicas.

Por fim, a história chegou até os ouvidos do Rei. Naqueles tempos felizes, a capital do reino -, o Reino Médio da ilha — ficava a cerca de vinte léguas de distância de Ham*; e geralmente, na corte, não se dava muita atenção ao que os camponeses faziam nas províncias. Mas a expulsão tão rápida de um gigante pernicioso pareceu digna de

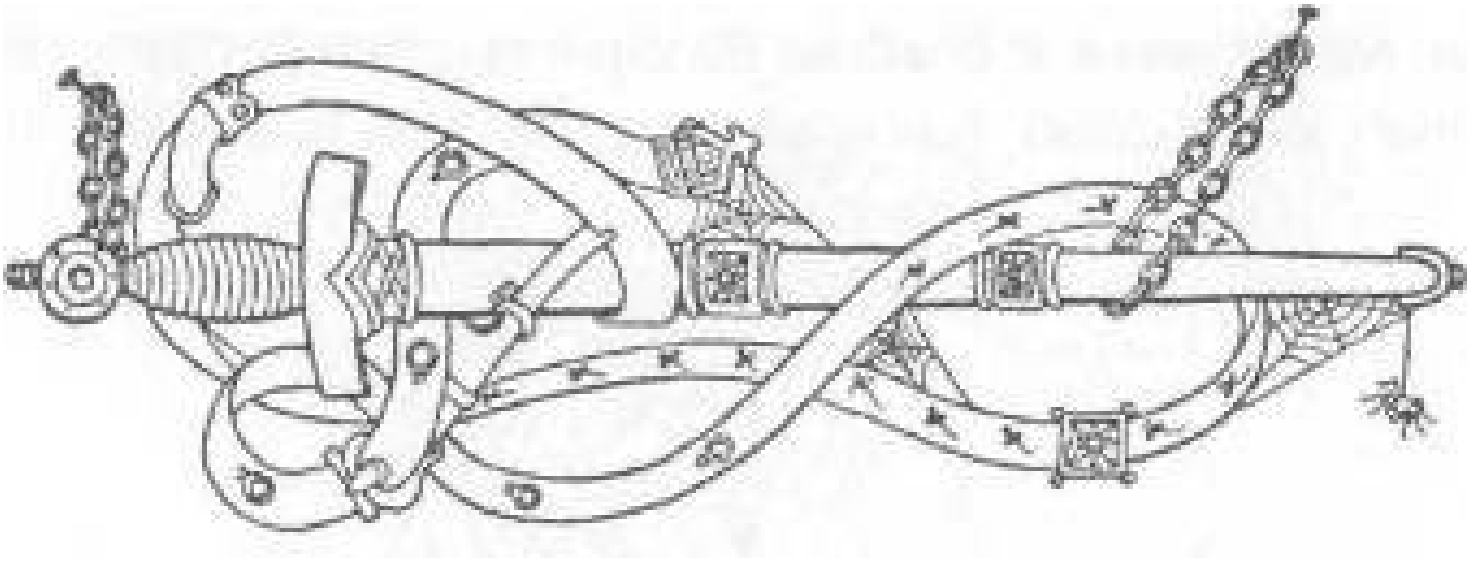
nota e de uma pequena cortesia. Portanto, no devido tempo, ou seja, cerca de três meses depois, e na festa de São Miguel*, o Rei enviou uma magnífica carta. Estava escrita em vermelho sobre pergaminho branco* e expressava a aprovação real de "nosso leal e bem-amado súdito *A* Egidius Ahenobarbus Julius Agrícola de Hammo".

A carta estava assinada com um borrão vermelho*, mas o escriba da corte acrescentara: **Ego Augustus Bonífacíus Ambrosíus Aurelíanus Antoninus Píus et Magnífícus, dux, rex, tyrannus, et basíleus Medíterranearum Partíum, subscríbo*;** além disso, havia um grande selo vermelho.

Portanto, o documento era evidentemente genuíno, e deu enorme prazer a Gil, além de ser muito admirado, sobretudo quando se descobriu que bastava pedir para ver o documento para conseguir um lugar e um copo junto à lareira do fazendeiro.

Melhor que o documento escrito era o presente que o acompanhava. O Rei enviou um cinto e uma longa espada. Para dizer a verdade, o próprio Rei nunca usara a espada. Ela pertencia à família e estava guardada no arsenal havia muito tempo. O

armeiro não soube dizer como foi parar ali ou qual seria sua utilidade. Espadas pesadas e simples como aquela estavam fora de moda na corte da época, e o Rei achou que era o presente perfeito para um homem do campo. Mas Mestre Gil ficou encantado, e sua reputação local cresceu enormemente.



Gil estava gostando muito do rumo dos acontecimentos. Seu cachorro também.

Garm jamais recebeu a surra prometida. Gil se considerava um homem justo. No fundo, dava a Garm boa parte do crédito, embora nunca chegasse ao ponto de mencionar o assunto. Continuou a lançar-lhe palavras ásperas e objetos duros sempre que tinha vontade, mas fingia que não via muitas escapadas sem importância. Garm acostumou-se a passear mais longe. O fazendeiro desfilava com o passo largo, e a sorte lhe sorria. O

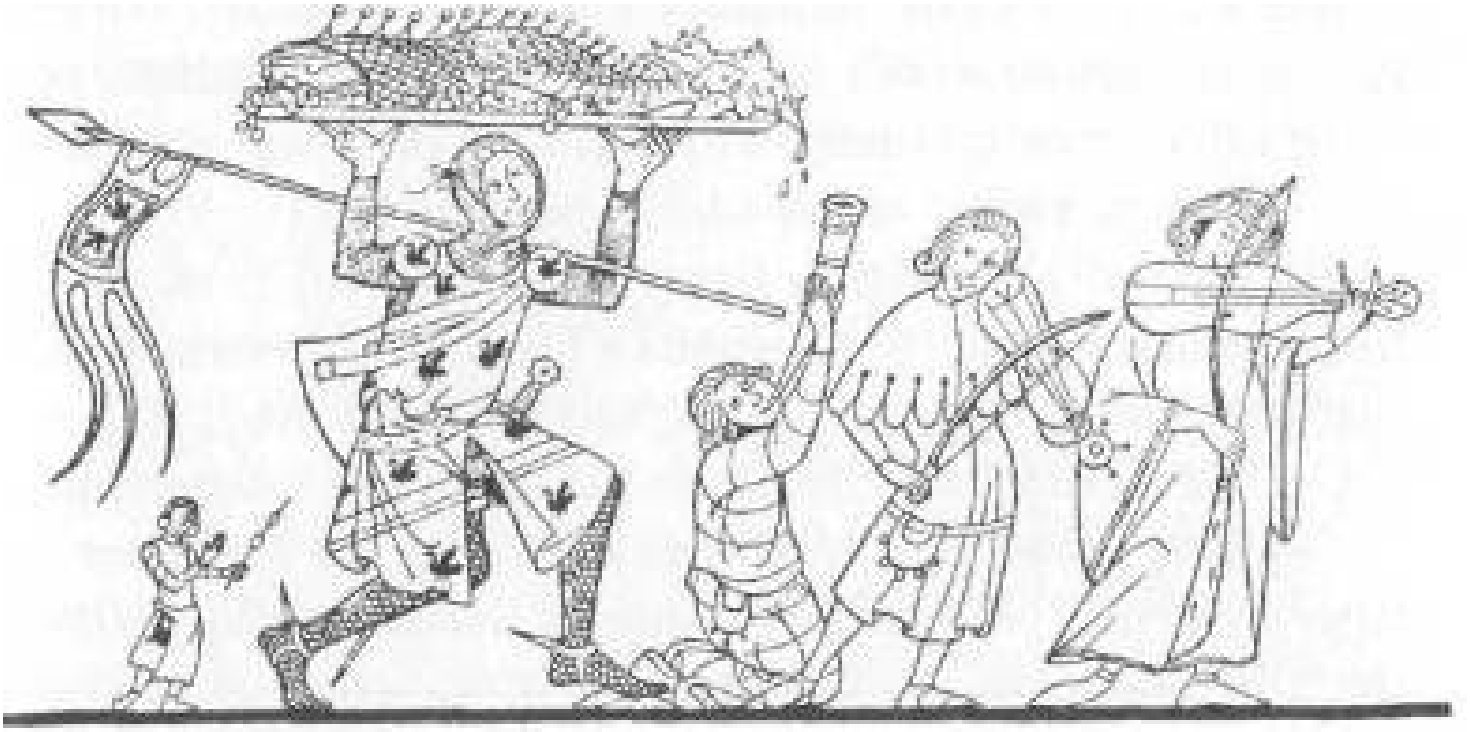
trabalho do outono e do início do inverno corria bem. Tudo parecia perfeito -até a chegada do dragão*.

Nessa época, os dragões já estavam se tornando raros na ilha. Havia muitos anos que não se via nenhum no Reino Médio de Augustus Bonifacius. Existiam, naturalmente, as fronteiras das terras misteriosas e as montanhas desabitadas, ao norte e a oeste, mas a grande distância. Naquelas regiões, em tempos remotos, residia uma grande quantidade de dragões de uma espécie ou de outra, e eles faziam ataques de surpresa por toda parte. No entanto, nesse período, o Reino Médio era famoso pela ousadia dos cavaleiros do Rei; e tantos dragões perdidos tinham sido mortos ou voltado com ferimentos graves que os outros desistiram de ir naquela direção.

Ainda era costume servir Cauda de Dragão no Banquete de Natal do Rei*; e todo o ano um cavaleiro era escolhido para a tarefa da caça. Ele deveria partir no dia de São Nicolau* e voltar com uma cauda de dragão o mais tardar na véspera do banquete.

Porém, havia muitos anos o Real Cozinheiro preparava uma iguaria maravilhosa, uma Falsa Cauda de Dragão de bolo e pasta de amêndoas, com escamas simuladas feitas de açúcar de confeiteiro*. O cavaleiro escolhido levava esse prato até o salão na Véspera de Natal, enquanto

os violinos tocavam e os clarins soavam*. A Falsa Cauda de Dragão era comida após o jantar no Dia de Natal, e todo o mundo dizia (para agradar ao cozinheiro) que era muito mais gostosa que a Cauda Verdadeira.



Era essa a situação quando surgiu novamente um dragão de verdade. Grande parte da culpa era do gigante. Depois de sua aventura, ele começou a passear pelas montanhas, visitando seus parentes dispersos mais do que de costume, e muito mais do que lhes agradava, pois estava sempre tentando conseguir uma grande panela de cobre emprestada. No entanto, quer conseguisse o empréstimo, quer não, se sentava e falava, naquele seu estilo arrastado e enfadonho, sobre a excelente região que ficava lá para as bandas do leste e sobre as maravilhas do Vasto Mundo. O gigante cismara que era um viajante ousado e notável.

— Uma terra agradável — dizia ele -, bastante plana, macia aos pés, com alimento à vontade: vacas*, vocês sabem, e carneiros por toda parte, fáceis de localizar, se você olhar com cuidado.

— E as pessoas, como são? — perguntavam.

— Não vi ninguém — disse ele. — Não vi nem ouvi um cavaleiro que fosse, meus caros. Nada mais sério que algumas picadas de mosquito perto do rio.

— Por que você não volta e fica por lá? — indagavam.

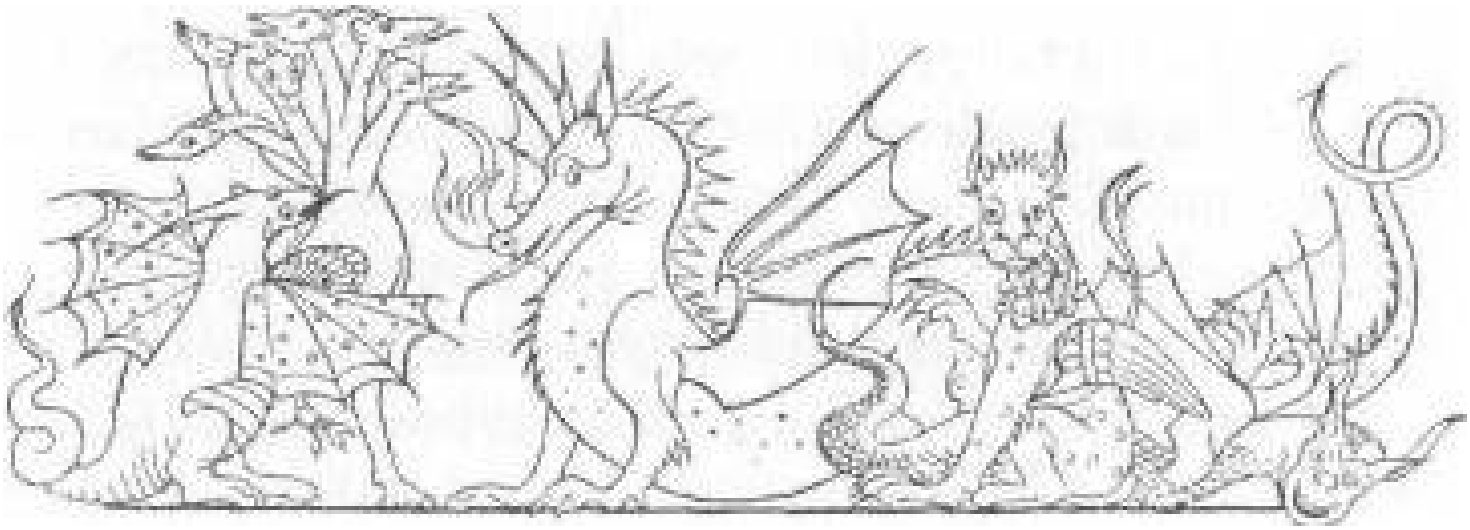
— Bem, dizem que não existe lugar melhor que a casa da gente. Mas pode ser que eu volte um dia, se me der vontade. Seja como for, já estive lá uma vez, o que é mais do que a maioria das pessoas poderia dizer. E quanto à panela de cobre?

— E essas terras riquíssimas — apressavam-se os outros a perguntar — essas terras aprazíveis,

cheias de gado indefeso, para que lado ficam? E a que distância?

— Ah — respondia ele -, muito longe, a leste e a sudeste. É uma longa viagem.

— Então iniciava um relato tão exagerado da distância que havia percorrido, dos bosques, montes e planícies que atravessara, que nenhum dos outros gigantes de pernas menos



compridas jamais empreendeu a viagem. Mesmo assim, a história se espalhou.

E então ao verão agradável seguiu-se um inverno rigoroso. Fazia um frio cortante nas montanhas, e havia escassez de alimento. Os comentários aumentaram.

Conversava-se muito sobre as vacas e os carneiros das boas pastagens das planícies.

Os dragões aguçavam os ouvidos; estavam famintos, e esses boatos lhes interessavam.

— Quer dizer que os cavaleiros são míticos*! — diziam os dragões mais jovens e menos experientes. — Essa sempre foi nossa opinião.

— Pelo menos, podem estar se tornando raros — pensavam os lagartos* mais velhos e mais prudentes -, tão poucos que não inspiram mais temor.

Houve um dragão que se deixou influenciar profundamente. Chamava-se Chrysophylax Dives*, pois era de antiga linhagem imperial*, além de muito rico. Era esperto, curioso, voraz, provido de boa couraça, mas não excessivamente corajoso.

Fosse como fosse, não tinha medo algum de moscas ou insetos de qualquer tipo ou tamanho, e estava morto de fome.

Assim, num dia de inverno, cerca de uma semana antes do Natal, Chrysophylax abriu as asas e levantou vôo. Pousou em silêncio, no meio da noite, bem no coração do

reino de Augustus Bonifacius rex et basileus. Em pouco tempo fez um monte de estragos, destruiu e queimou, além de devorar carneiros, gado e cavalos.

Isso ocorreu muito distante de Ham, mas Garm levou o maior susto de sua vida.

Tinha saído numa longa expedição e, aproveitando-se da complacência do dono, se arriscara a passar uma noite ou duas longe de casa. Seguia um odor atrativo às margens da floresta quando

fez uma curva fechada e, de repente, deu com um cheiro novo e assustador. Na realidade, bateu direto na cauda de Chrysophylax Dives, que acabava de pousar. Nunca um cachorro deu meia-volta e voltou para casa, em disparada, mais rápido que Garm*. O dragão, ao ouvir seu gritinho, virou-se e bufou, mas Garm já estava fora de alcance. Ele correu o resto da noite e chegou em casa perto da hora do café da manhã.

— Socorro! Socorro! Socorro! — gritou ele, do lado de fora da porta dos fundos.

Gil ouviu e não gostou nem um pouco. O som o fazia lembrar que o inesperado pode acontecer quando tudo parece estar indo às mil maravilhas.

— Mulher, deixe esse maldito cachorro entrar e dê-lhe umas pauladas!

Garm entrou alvoroçado na cozinha, com os olhos esbugalhados e a língua de fora.

— Socorro! — gritou ele.

— Então, o que você aprontou desta vez? — perguntou Gil, jogando uma lingüiça para o cachorro.

— Nada — respondeu Garm, ofegante, agitado demais para dar atenção à lingüiça.

— Bem, pare com isso ou eu lhe arranco o couro — disse o fazendeiro.

— Não fiz nada de errado. Não tive má intenção — disse o cachorro. — Mas dei com um dragão por acaso, e isso me apavorou.

O fazendeiro engasgou com a cerveja.

— Dragão? — disse ele. — Que os diabos o carreguem, seu enxerido*

imprestável! Por que você precisava sair para encontrar um dragão bem nesta época do ano? E eu com tanto o que fazer! Onde foi isso?

— Ah! Ao norte, do outro lado dos montes, para lá das Pedras-em-Pé*, mais ou menos — disse o cachorro.

— Lá para aqueles lados! — disse Gil, com um alívio enorme. — O povo é muito estranho por lá*, foi o que ouvi dizer. E qualquer coisa poderia acontecer nas terras deles.

Eles que tratem do assunto! Não venha você me importunar* com esse tipo de história.

Fora daqui!

Garm saiu e espalhou a notícia por toda a aldeia. Não se esqueceu de mencionar que seu dono não estava nem um pouco assustado.

— Na maior calma, era como ele estava, e continuou a tomar o café da manhã.

As pessoas tagarelavam alegres sobre o assunto à porta de casa.

— Como é parecido com os velhos tempos! — diziam. — E bem na chegada do Natal, ainda por cima. Veio a calhar. Como o Rei vai ficar feliz! Neste Natal poderá comer Cauda Verdadeira.

No dia seguinte, porém, chegaram outras notícias. Parecia que o dragão era de tamanho e ferocidade excepcionais. Estava causando danos terríveis.

— E os cavaleiros do Rei? — as pessoas começaram a indagar.

Outros já tinham feito a mesma pergunta. Com efeito, agora chegavam ao Rei mensageiros provenientes das aldeias mais atingidas por Chrysophylax, e se dirigiam a ele em voz tão alta e tantas vezes quanto ousavam.

— Senhor, e os seus cavaleiros?

No entanto, os cavaleiros nada faziam; as notícias que tinham do dragão eram totalmente extra-oficiais.

Por isso, o Rei levou a questão ao conhecimento deles, em comunicado formal, pedindo que tomassem as providências necessárias assim que lhes conviesse. O Rei ficou extremamente irritado ao descobrir que o momento que convinha aos cavaleiros não estava de modo algum próximo e que de fato era postergado todos os dias.

Contudo, as desculpas dos cavaleiros eram indubitavelmente bem fundamentadas. Em primeiro lugar, o Real Cozinheiro já tinha feito a Cauda de Dragão para aquele Natal, pois gostava de aprontar tudo com antecedência. Não ficava bem ofendê-lo, trazendo uma cauda de verdade na última hora. Tratava-se de um serviçal valiosíssimo.

— Esqueçam a Cauda! Basta decapitar o cozinheiro e acabar com ele! —

exclamavam os mensageiros das aldeias que quase tinham sido atingidas.

Mas o Natal chegara, e infelizmente um grande torneio fora organizado para o dia de São João*: cavaleiros de muitos reinos tinham sido convidados e estavam a caminho para competir por um prêmio valioso. Era obviamente irracional comprometer as chances dos cavaleiros da Terra Média enviando seus melhores homens para caçar o dragão antes que o torneio terminasse.

Depois, vinha o feriado do Ano-Novo.

Mas toda noite o dragão se movimentava, e se aproximava mais de Ham. Na noite de Ano-Novo, as pessoas podiam ver um clarão ao longe. O dragão tinha se instalado numa floresta, a cerca de dez milhas dali, que ardia em chamas saltitantes. Era um dragão fogoso, quando queria.

A partir daquele dia, as pessoas começaram a olhar para Mestre Gil e a sussurrar nas suas costas. Muito constrangido, ele fingia não perceber. No dia seguinte, o dragão se aproximou mais algumas milhas. Então o próprio Mestre Gil começou a reclamar do escândalo dos cavaleiros do Rei.

— Queria saber o que eles fazem para ganhar seu sustento — disse ele.

— Nós também! — disseram todos em Ham.

— Alguns homens ainda obtêm o título de cavaleiro por puro mérito —

acrescentou o moleiro. — Afinal de contas, nosso bom *A* Egidius já é um cavaleiro, de certa forma. O Rei não lhe enviou uma carta vermelha* e uma espada?

— Ser cavaleiro é mais do que ter uma espada — disse Gil. — Pelo que sei, é preciso ser armado cavaleiro* e tudo o mais. Seja como for, tenho meus próprios negócios com que me ocupar.

— Ah! Mas o Rei sem dúvida o armaria cavaleiro, se lhe pedissem — disse o moleiro. — Vamos

pedir antes que seja tarde demais!

— Não! — disse Gil. — Essa história de armar cavaleiro não é para gente como eu. Sou um homem da terra e tenho orgulho disso: um homem simples e honesto, e dizem que os honestos não se dão bem na corte. Acho que combinaria mais com seu estilo, Mestre Moleiro*.

O pároco sorriu. Não com a réplica do fazendeiro, pois Gil e o moleiro estavam sempre trocando respostas mordazes, já que eram inimigos do peito*, como se dizia em Ham. De repente ocorrera ao pároco uma idéia que lhe agradava, mas ele não disse mais nada naquele momento. O moleiro não ficou tão satisfeito e fechou a cara.

— Simples, sem dúvida, e honesto talvez — disse ele. — Mas será que é preciso ir à corte e ser cavaleiro para matar um dragão? Tudo o que é preciso é coragem, como ontem mesmo ouvi Mestre *A* Egidius declarar. Certamente ele tem tanta coragem quanto qualquer cavaleiro.

Alguns presentes gritaram:

— É claro que não! Outros disseram:

— Tem, sim! Três vivas para o Herói de Ham!

Mestre Gil foi para casa, muito constrangido. Descobria que uma reputação local precisava ser mantida, e que isso pode ser embaraçoso. Deu um chute no cachorro e escondeu a espada no armário da cozinha. Até aquele instante, ela ficara pendurada acima da lareira.

No dia seguinte, o dragão passou para a aldeia vizinha de Quercetum (Oakley, na língua do povo)*. Ali devorou não só carneiros e vacas, mas também uma ou duas pessoas de tenra idade, além do pároco. Bastante imprudente, o sacerdote procurara dissuadir o dragão dos seus hábitos nocivos. Houve então uma terrível comoção. Toda a população de Ham subiu o monte, liderada pelo seu próprio pároco, e juntos fizeram uma visita a Mestre Gil.

— Contamos com você! — disseram. E ficaram por ali, até o rosto do fazendeiro ficar mais vermelho que sua barba.

— Quando vai pôr o pé na estrada? — perguntaram.

— Bem, hoje não posso, essa é a pura verdade. Estou muito ocupado, com meu vaqueiro* doente e tudo o mais. Vou cuidar do assunto.

Todos foram embora, mas retornaram à noite, pois houve rumores de que o dragão tinha chegado ainda mais perto.

— Contamos com você, Mestre *A* Egidius — disseram.

— Bem — respondeu ele -, as coisas andam complicadas para o meu lado.

Minha égua está mancando, e as ovelhas começaram a parir. Vou cuidar disso assim que puder.

E lá foram eles embora mais uma vez, não sem alguns resmungos e sussurros.

O moleiro abafava risinhos. O pároco ficou, pois foi impossível livrar-se dele, que se convidou para o jantar e fez alguns comentários incisivos. Até perguntou o que havia acontecido com a espada, insistindo em vê-la.

Estava guardada no armário, numa prateleira que mal tinha comprimento suficiente para ela. Assim que Mestre Gil a tirou dali, ela saltou da bainha como um raio, e o fazendeiro deixou-a cair, como se estivesse queimando de tão quente. O pároco em um pulo pôs-se de pé, derrubando a cerveja. Apanhou a espada com cuidado e tentou enfiá-

la na bainha, mas ela se recusava a entrar um palmo que fosse e saltou para fora assim que o pároco largou o punho.

— Minha nossa! Que estranho! — disse o pároco, dando uma boa olhada tanto na bainha como na lâmina. Ele era um homem letrado*, ao contrário do fazendeiro, que mal conseguia soletrar letras unciais* grandes e não tinha certeza de como se lia sequer o próprio nome. Por isso Gil nunca tinha dado atenção às letras estranhas que mal se podia perceber na bainha e na espada. Quanto ao armeiro do Rei, estava tão acostumado a runas, nomes e outros sinais de poder e importância gravados em espadas e bainhas que não se incomodara com eles. Fosse como fosse, julgava-os obsoletos.

O pároco, porém, olhou detidamente e franziu o cenho. Esperava encontrar alguma inscrição na espada ou na bainha, e, na realidade, fora essa a idéia que lhe ocorrera no dia anterior. Mas agora estava surpreso com o que via, pois havia letras e sinais cujo significado ele não conseguia decifrar.

— Há uma inscrição na bainha e alguns, hum, sinais epigráficos na espada* —

disse ele.

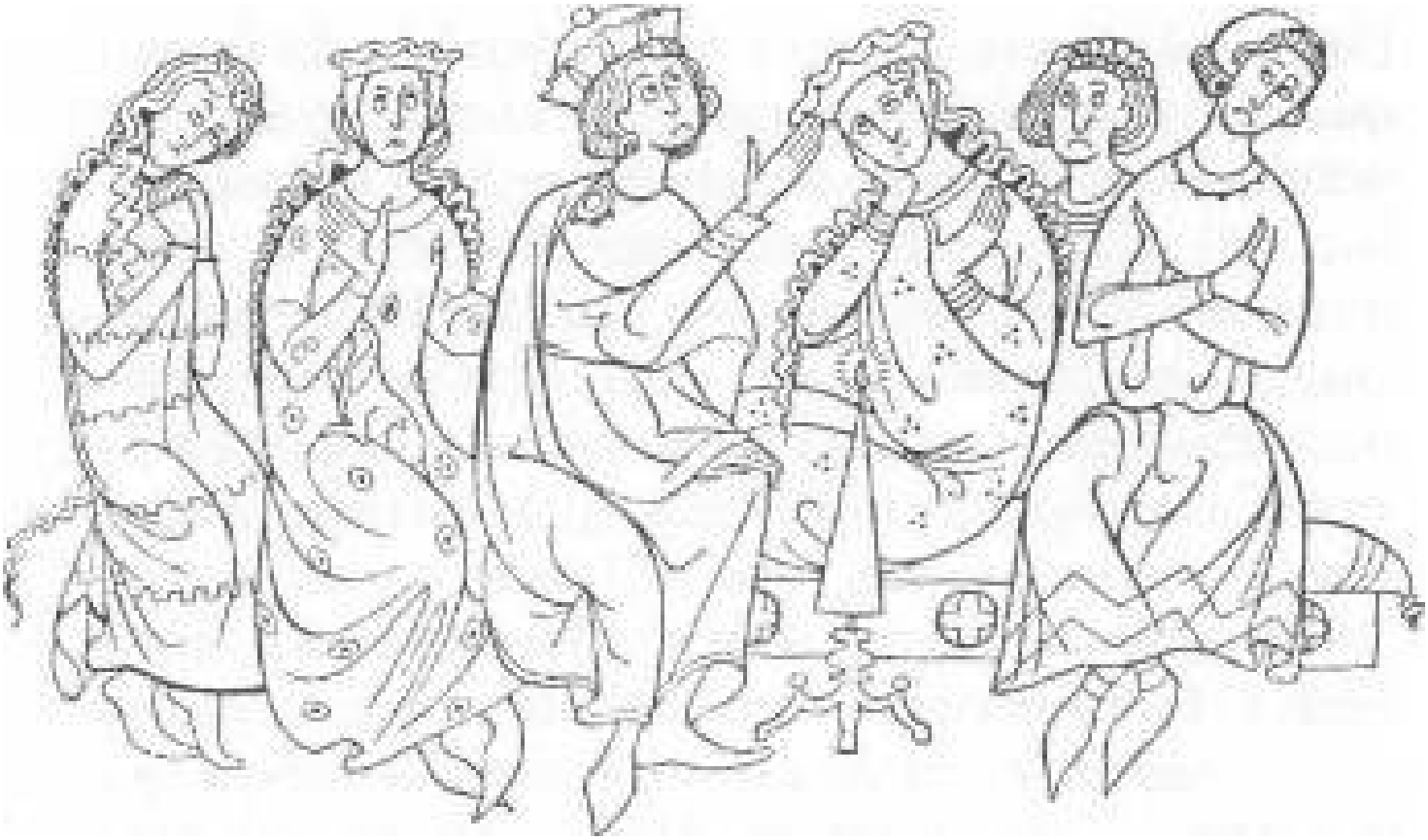
— É mesmo? — perguntou Gil. — E o que isso quer dizer?

— Os caracteres são arcaicos, e a linguagem, inculta — disse o pároco, para ganhar tempo. — Será preciso um exame mais minucioso. — Ele implorou que a espada lhe fosse emprestada por aquela noite, e o fazendeiro permitiu de bom grado que a levasse.

Quando o pároco chegou em casa, tirou muitos livros eruditos das estantes e ficou estudando durante a noite. Na manhã do dia seguinte, o dragão tinha se aproximado ainda mais. Toda a população de Ham pôs trancas nas portas e tapou as janelas. E os que tinham adega desceram para seu interior e ficaram ali sentados, tremendo à luz de velas.

Mas o pároco saiu sorrateiro e foi de porta em porta. Contou a todos os que se dispuseram a ouvir por uma fenda ou um buraco de fechadura o que descobrira.

— Nosso caro *A* Egidius — disse ele -, por cortesia do Rei, é agora o proprietário de Caudimordax, a famosa espada que no romanceiro popular é vulgarmente conhecida como Morde-cauda*.



Todos os que ouviam esse nome geralmente abriam a porta, pois conheciam a fama de Morde-cauda, espada que pertencera a Bel omarius, o maior de todos os matadores de dragões* do reino. Alguns relatos faziam dele o tetravô do Rei pelo lado materno. Eram muitas as canções e os relatos dos seus feitos e, se estavam esquecidos na corte, ainda eram lembrados nas aldeias.

— Essa espada — disse o pároco — recusa-se a permanecer na bainha se houver um dragão num raio de cinco milhas; e, sem dúvida, nas mãos de um bravo, nenhum dragão pode resistir a ela*.

O povo se reanimou, e alguns até abriram a janela e puseram a cabeça para fora. O pároco convenceu alguns a vir com ele, mas somente o moleiro estava realmente disposto. Na sua opinião, ver Gil numa situação verdadeiramente embaraçosa valia o risco.

Subiram a colina, não sem lançar olhares temerosos para o norte, do outro lado do rio. Nenhum sinal do dragão. Era provável que estivesse dormindo. Vinha se alimentando muito bem durante todo o período do Natal.

O pároco (e o moleiro) bateram insistentemente na porta do fazendeiro. Como não houve resposta, bateram com mais força. Afinal Gil apareceu, com o rosto muito vermelho. Também ele tinha ido dormir tarde, depois de tomar muita cerveja forte, e tinha recomeçado a beber assim que se levantou.

Todos o cercaram, chamando-o de Bom *A* Egidius, Bravo Ahenobarbus, Grande Julius, Fiel Agrícola, Orgulho de Ham, Herói do Campo. E falavam de Caudimordax, Morde-cauda, A Espada que se Recusava a Ficar na Bainha, Morte ou Vitória, Glória dos Pequenos Proprietários Rurais, Espinha Dorsal do País e Bem do Nosso Próximo*, até a cabeça do fazendeiro virar uma confusão insolúvel.

— Pois bem! Um de cada vez! — disse ele, quando teve oportunidade. — O que aconteceu? O que significa tudo isso? Esta é a minha manhã mais ocupada, vocês sabem.

Eles deixaram que o pároco explicasse a situação. E o moleiro teve o prazer de ver o fazendeiro num aperto tão difícil quanto poderia desejar. Só que o curso dos acontecimentos não foi exatamente o que o moleiro esperava. Para começo de conversa, Gil tinha bebido muita cerveja forte. E, além disso, teve uma estranha sensação de orgulho e estímulo ao saber que sua espada era realmente Morde-cauda. Quando era menino, gostava muito de histórias sobre Bel omarius e, antes de adquirir juízo, às vezes desejara ter uma espada heróica e maravilhosa só para si. Assim, repentinamente foi dominado pela vontade de apanhar Morde-cauda e sair à caça do dragão. Mas estava acostumado a sempre regatear e fez mais um esforço para adiar o acontecimento.

— O quê! — disse ele. — Eu sair à caça de dragões? Com meu colete e perneiras* velhas? Pelo que sei, lutar com dragões exige algum tipo de armadura. Não há nenhuma armadura nesta casa, essa é a pura verdade.

Todos admitiram que a situação era um pouco estranha, mas mandaram chamar o ferreiro. Ele abanou a cabeça. Era um homem lento, sombrio, conhecido como Sam Risonho, apesar de seu nome correto ser Fabricius Cunctator*. Jamais assoviava no trabalho, a menos que alguma catástrofe (como uma geada em maio) tivesse ocorrido exatamente como previsto por ele. Como diariamente predizia desastres de toda natureza, poucos aconteciam sem que ele tivesse previsto, e assim podia receber crédito por eles. Esse era seu principal prazer; logo, era natural que relutasse em fazer qualquer coisa que impedisse uma desgraça. Ele voltou a abanar a cabeça.

— Não posso fazer armadura sem material — disse ele. — E não é minha especialidade. É melhor vocês encomendarem ao carpinteiro um escudo de madeira. Não que vá ser de grande ajuda. Ele é um dragão quente.

Todos ficaram consternados, mas o moleiro não ia desistir com tanta facilidade de mandar Gil ao encontro do dragão, se ele quisesse ir; ou de acabar com sua reputação local, se ele se recusasse.

— Que tal uma cota de malha*? — sugeriu. — Serviria e não precisaria ser nenhum primor. Seria para a prática, não para exibição na corte. Onde está seu velho gibão* de couro, amigo *A* Egidius? Temos uma enorme pilha de elos e anéis na oficina do ferreiro. Suponho que nem mesmo Mestre Fabricius saiba o que pode estar jogado por lá.

— Você não sabe o que está dizendo — disse o ferreiro, com mais animação. —

Se pensa na verdadeira cota de malha, não vai consegui-la. Ela exige a habilidade dos anões*, pois cada anelzinho se encaixa em outros quatro e assim por diante. Mesmo que eu soubesse a técnica, o trabalho levaria semanas. E antes disso todos estaremos na cova ou pelo menos dentro do dragão.

Todos torceram as mãos em desespero, e o ferreiro começou a sorrir. Mas agora estavam tão alarmados que não se dispunham a desistir do plano do moleiro e se voltaram para ele em busca de conselho.

— Pois bem — disse ele -, ouvi dizer que, antigamente, quem não podia comprar as brilhantes cotas de malha* fabricadas no sul costumava prender anéis de aço numa camisa de couro e se contentava com isso. Vamos ver o que pode ser feito nesse sentido!

Assim, Gil teve de apanhar seu velho gibão, e o ferreiro foi levado às pressas de volta à oficina.

Lá eles vasculharam todos os cantos e reviraram a pilha de metal velho, como não acontecia havia muitos anos. No fundo, encontraram, totalmente coberto pela ferrugem, um monte de pequenos anéis, caídos de alguma cota esquecida, como aquela que o moleiro mencionara. Sam, mais relutante e sombrio à medida que a tarefa parecia mais promissora, foi posto a trabalhar no mesmo instante, recolhendo, separando e limpando os anéis. E, quando eles se revelaram obviamente insuficientes para alguém com peito e costas tão largos quanto Mestre *A* Egidius (como ele teve o prazer de salientar), fizeram Sam desmanchar velhas correntes e martelar os elos para formar anéis* tão bons quanto sua capacidade lhe permitisse criar.

Apanharam e prenderam os anéis de aço menores sobre o peito do gibão e costuraram os maiores e mais desajeitados nas costas; e depois, quando mais anéis surgiram, tamanha era a pressão sobre o pobre Sam, pegaram um par de calções do fazendeiro e também prenderam anéis neles. No alto de uma prateleira, num canto escuro da oficina, o moleiro encontrou a antiga armação de ferro de um elmo. Pôs então o sapateiro a trabalhar, para cobri-la com couro da melhor forma possível.

Trabalharam todo o resto daquele dia e o seguinte, que era véspera do dia de Reis e da Epifania*, mas os festejos foram deixados de lado. Mestre Gil celebrou a ocasião com mais cerveja do que de costume, mas o dragão felizmente dormiu. Por enquanto, ele estava totalmente esquecido da fome ou de espadas.

Bem cedo, no dia de Reis, subiram o monte levando o estranho resultado do seu artesanato. Gil os esperava. Agora não lhe restavam mais desculpas; assim, vestiu os calções e o gibão de cota de malha. O moleiro abafava o riso. Gil então calçou as botas de cano alto e um velho par de esporas e pôs na cabeça o elmo coberto de couro. No último instante, porém, enfiou um velho chapéu de feltro por cima do elmo, e sobre a cota de malha jogou sua grande capa cinzenta*.

— Para que isso, Mestre? — perguntaram-lhe.

— Bem — disse Gil -, se a idéia de vocês é caçar o dragão tilintando como os Sininhos de Cantuária*, essa não é a minha. Não faz sentido alertar o dragão sobre nossa aproximação antes da hora. E um elmo é um elmo, um desafio ao combate. É melhor que o lagarto veja somente meu velho chapéu por cima da sebe; assim talvez eu consiga me aproximar mais antes de começar a encrenca.

Eles tinham costurado os anéis no couro de modo que se sobrepusessem, cada um solto sobre o que ficava abaixo, e sem dúvida eles tilintavam. A capa até que abafava o barulho, mas Gil estava muito esquisito com aquele traje. Ninguém lhe disse isso.

Prenderam com dificuldade o cinto na sua cintura e penduraram nele a bainha; mas Gil precisou carregar a espada na mão, pois ela não ficava mais embainhada, a não ser por meio de uma força extrema.

O fazendeiro chamou por Garm. Considerava que era um homem justo.

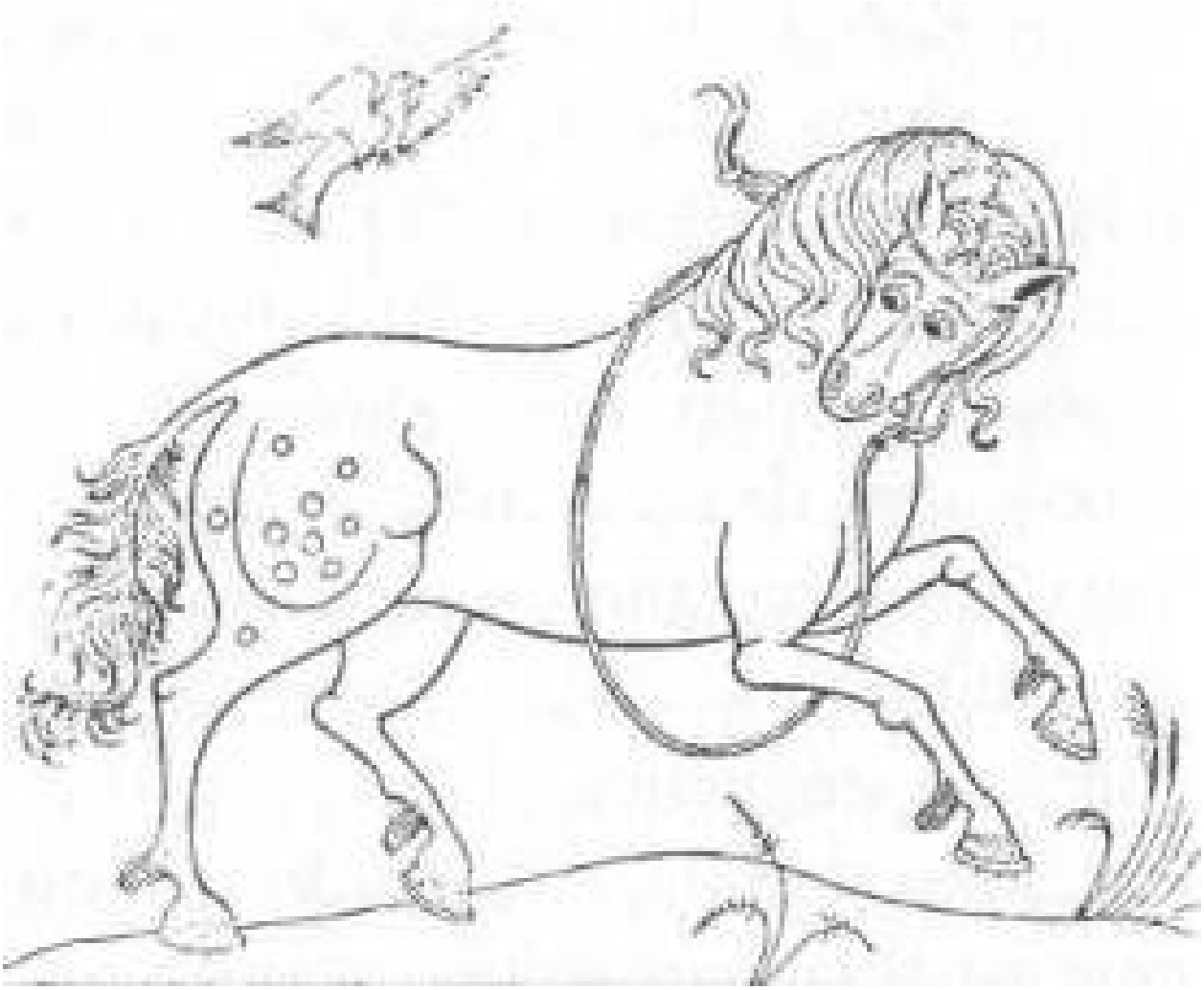
— Cachorro — disse ele -, você vem comigo. O cachorro uivou.

— Socorro! Socorro! — gritava.

— Vamos parar com isso! — disse Gil. — Ou lhe dou coisa muito pior do que um dragão lhe daria. Você conhece o cheiro desse lagarto, e talvez seja útil pelo menos uma vez.

Mestre Gil chamou então sua égua cinzenta. Ela lhe lançou um olhar estranho e torceu o nariz para as esporas. Mas deixou que ele montasse, e lá se foram eles, nenhum se sentindo feliz. Atravessaram o povoado a trote, e toda a população bateu palmas e deu vivas, em sua maioria das janelas das casas. O fazendeiro e a égua tentaram demonstrar a coragem possível, mas Garm não teve nenhuma vergonha e os acompanhou com ar furtivo, o rabo entre as pernas.

Atravessaram o rio pela ponte no final da aldeia. Quando finalmente estavam fora do alcance da visão, desaceleraram até andar a passo. No entanto, logo passaram das terras que pertenciam a Mestre Gil e a outros moradores de Ham e chegaram à região já visitada pelo dragão. Havia árvores quebradas, sebes queimadas e capim enegrecido*, além de um silêncio desagradável e perturbador.



O sol brilhava forte. Mestre Gil desejava tirar uma ou duas peças do traje, e se perguntava se não havia tomado um caneco além da conta.

— Belo encerramento de Natal essa história toda — pensou. — E vai ser muita sorte minha se não for o meu fim também.

Enxugou o rosto com um grande lenço verde, não vermelho, pois trapos vermelhos deixam os dragões furiosos*, ou era o que tinha ouvido falar.

Mas não encontrou o dragão. Seguiu por muitos caminhos, largos e estreitos, passou pelos campos desertos de outros fazendeiros, e mesmo assim não encontrou o dragão. É claro que Garm não ajudava em nada. Mantinha-se atrás da égua e se recusava a usar o faro.

Chegaram afinal a uma estrada sinuosa, que tinha sofrido poucos estragos e parecia tranqüila e em paz. Depois de caminhar meia milha, Gil começou a se perguntar se já não cumprira seu dever e tudo o que sua reputação exigia. Já tinha concluído que procurara bastante tempo e a uma distância suficiente. Porém, mal pensou em dar meia-volta, no jantar e na história que contaria aos amigos — de que o dragão o avistara e simplesmente fugira voando -, fez uma curva fechada, e lá estava o dragão, meio deitado sobre uma sebe quebrada, com a cabeça horrível no meio da estrada.

— Socorro! — gritou Garm e fugiu como um raio.

A égua cinzenta arriou no chão. Mestre Gil escorregou para trás, caindo numa vala. Quando pôs a cabeça para fora, lá estava o dragão, bem acordado, olhando para ele.

— Bom dia! — disse o dragão. — Você parece surpreso.

— Bom dia! — disse Gil. — E estou mesmo.

— Perdoe-me — disse o dragão, que tinha levantado uma orelha cheia de suspeita ao captar o som do tilintar dos anéis. — Perdoe-me perguntar, mas por acaso você não estava me procurando?

— De modo algum! — disse o fazendeiro. — Quem imaginaria encontrá-lo por aqui? Só estava passeando a cavalo.

Saiu todo alvoroçado da vala e foi recuando na direção da égua cinzenta. Ela agora estava em pé, mordiscando um pouco de capim à margem do caminho, aparentando total despreocupação.

— Quer dizer que nos encontramos por pura sorte — disse o dragão. — Muito prazer. Suponho que esses sejam seus trajes de festa. Talvez, uma nova moda? — O

chapéu de feltro de Mestre Gil tinha caído, e sua capa cinzenta se abrira, mas ele não perdeu a compostura.

— Isso mesmo, são novinhos em folha. Mas preciso ir atrás do meu cachorro.

Deve estar perseguindo coelhos, imagino.

— Acho que não — disse Chrysophylax, lambendo os beiços (sinal de que estava se divertindo). — Calculo que ele vai chegar em casa muito antes de você. Mas queira seguir caminho, Senhor... deixe-me ver... acho que não sei seu nome.

— Nem eu o seu — disse Gil -, mas vamos deixar como está.

— Como queira — disse Chrysophylax, lambendo os beiços mais uma vez, mas fingindo fechar os olhos. Tinha o coração perverso (como todos os dragões), mas não era muito corajoso (como não é raro). Preferia uma refeição pela qual não tivesse de lutar, mas seu apetite voltara depois de um longo e agradável sono. Achara o pároco de Oakley

muito fibroso e fazia anos que não provava um homem grande e gordo. Agora estava decidido a experimentar essa carne fácil e aguardava apenas um momento em que pudesse apanhar o velho pateta desprevenido.

Mas o velho pateta não era tão tonto quanto parecia e não tirava o olho do dragão, nem mesmo enquanto estava tentando montar. A égua, entretanto, não estava de acordo. Ela escoiceou e refugou quando Gil tentou subir. O dragão impacientou-se e se aprontou para dar o bote.

— Com licença! — disse ele. — Você não deixou cair alguma coisa?

Um velho truque, mas deu certo, pois Gil tinha de fato deixado cair alguma coisa.

Quando caiu para trás, soltou Caudimordax (vulgo Morde-cauda), e lá estava ela jogada ao lado do caminho. Gil abaixou-se para apanhá-la, e o dragão deu o bote. Mas não tão rápido quanto Morde-cauda. No instante em que se encontrou nas mãos do fazendeiro, ela saltou à frente como um raio, direto nos olhos do dragão.

— Epa! — disse o dragão, estancando de chofre. — O que é isso aí na sua mão?

— É só Morde-cauda, que me foi dada pelo Rei -disse Gil.

— Enganei-me! — disse o dragão. — Peço-lhe perdão. — Ele se prostrou no chão, e Mestre Gil começou a se sentir mais à vontade. — Mas acho que você não agiu limpo comigo.

— Como não? — perguntou Gil. — E, seja como for, por que eu deveria agir limpo?

— Você ocultou seu ilustre nome e fingiu que nosso encontro foi por acaso. No entanto, é óbvio que é um cavaleiro de alta linhagem. Antigamente, senhor, era costume os cavaleiros lançarem um desafio em casos semelhantes, depois da devida troca de títulos e credenciais.

— Talvez fosse o costume e talvez ainda seja — disse Gil, começando a se sentir satisfeito consigo mesmo. É compreensível que um homem que tenha um dragão grande e majestoso prostrado à sua frente se sinta um pouco enaltecido. — Mas você está se enganando mais uma vez, velho lagarto. Não sou cavaleiro. Sou Mestre *A* Egidius de Ham, o fazendeiro, é o que sou. E não tolero que invadam minha propriedade. Já atirei em gigantes com meu bacamarte, por estragos muito menores do que os que você causou. E também não lancei nenhum desafio.

O dragão ficou perturbado. "Maldito gigante mentiroso!", pensou. "É lamentável como fui ludibriado. E agora, o que é que se faz com um fazendeiro corajoso e uma espada tão brilhante e agressiva?" Não conseguia se lembrar de nenhum caso semelhante.

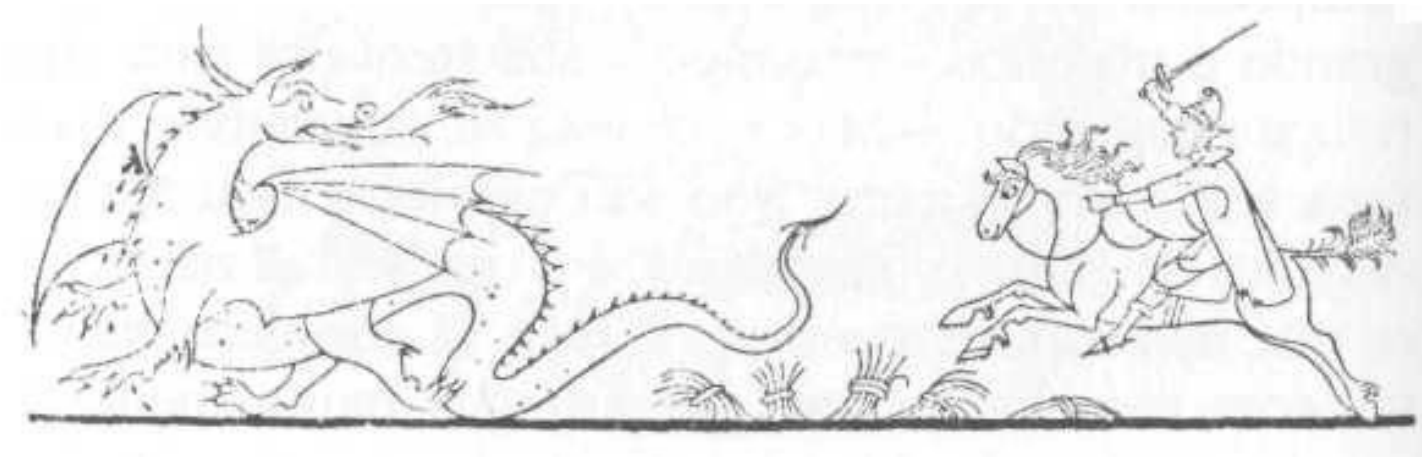
— Eu me chamo Chrysophylax — disse. — Chrysophylax, o Rico. Em que posso servir a Vossa Senhoria? — acrescentou em tom insinuante, com um olho na espada e esperando evitar o combate.

— Você pode sumir daqui, sua praga de carapaça* — disse Gil, também na esperança de evitar o combate. — Só quero me livrar de você. Volte para seu covil imundo! — Ele deu um passo na direção de Chrysophylax, agitando os braços como se estivesse espantando corvos.

Aquilo bastou para Morde-cauda. Ela descreveu um círculo no ar, lampejante, e caiu com força, atingindo o dragão na articulação da asa direita, com um golpe estridente que o deixou extremamente chocado. É claro que Gil não sabia quase nada sobre os métodos para matar um dragão, ou a espada teria pousado em parte mais tenra, mas Morde-cauda fez o melhor que pôde em mãos inexperientes. E foi o suficiente para Chrysophylax: ele não pôde usar a asa durante dias. Bem que tentou se levantar e se virar para voar, mas descobriu que não conseguia. De um salto, o fazendeiro montou na égua. O dragão começou a correr. A égua também. O dragão atravessou um campo a galope, arfando e bufando. A égua também. O fazendeiro berrava e

gritava como se estivesse assistindo a uma corrida de cavalos; e o tempo todo agitava Morde-cauda.

Quanto mais o dragão corria, mais atordoado ficava. E o tempo todo a égua cinzenta dava tudo de si* e se mantinha bem nos calcanhares do dragão.

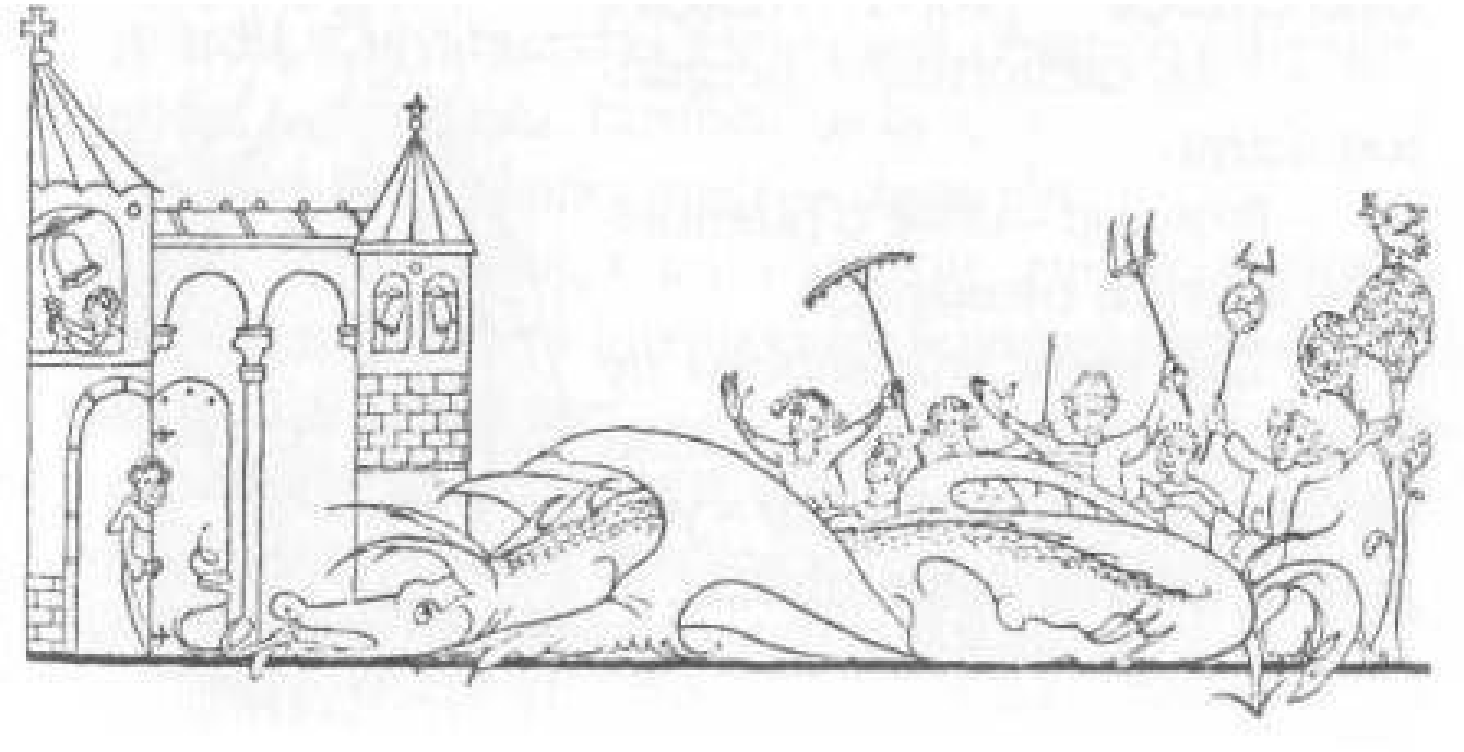


Correram ruidosamente pelos caminhos, passaram por buracos em cercas, atravessaram muitos campos e muitos córregos. O dragão fumegava, rugia e tinha perdido toda a noção de direção. Afinal chegaram à ponte de Ham, passaram estrondosamente por ela e desceram, fazendo muito barulho, a rua da aldeia. Ali Garm teve o descaramento de sair sorrateiro de um beco e se juntar à perseguição.

Toda a população estava à janela ou em cima do telhado. Alguns riam, outros davam vivas; alguns batiam em latas, panelas e chaleiras, outros sopravam clarins, flautas e apitos. O pároco mandou tocar os sinos da igreja. Havia um século não se ouvia falar de tamanho rebuliço e comoção em Ham.

Bem do lado de fora da igreja, o dragão desistiu. Deitou-se no meio da rua, arquejando. Garm veio e farejou-lhe a cauda, mas para Chrysophylax já não havia mais do que ter vergonha.

— Boa gente e bravo guerreiro — disse ofegante, quando Mestre Gil se aproximou e enquanto os aldeões se reuniam (a uma distância razoável) com forcados, paus e atiçadores nas mãos. — Boa gente! Não me matem! Sou muito rico. Pagarei por todos os estragos que causei. Pagarei os enterros de todas as pessoas que matei, especialmente o do pároco de Oakley; ele terá um cenotáfio* majestoso, embora fosse muito magro. Farei a cada um de vocês uma doação realmente valiosa, se ao menos me deixarem ir em casa buscá-la.



— De quanto? — disse o fazendeiro.

— Bem — disse o dragão, fazendo cálculos rápidos. Percebia que a multidão era bastante numerosa. — Treze xelins e oito pence* para cada um?

— Um absurdo! — disse Gil.

— Uma ninharia! — disseram as pessoas.

— Um disparate! — disse o cachorro.

— Dois guinéus de ouro para cada um e a metade disso para cada criança?* —

propôs o dragão.

— E os cachorros? — perguntou Garm.

— Prossiga! — disse o fazendeiro. — Estamos escutando.

— Dez libras e uma bolsa de prata para cada pessoa e coleiras de ouro para os cachorros? — perguntou Chrysophylax ansioso.

— Matem-no! — gritaram as pessoas, mais impacientes.

— Um saco de ouro para todos e diamantes para as damas? — disse Chrysophylax, apressado.

— Agora você está chegando lá*, mas ainda não é o suficiente — disse Mestre Gil.

— Mais uma vez deixou os cachorros de fora — disse Garm.

— Qual é o tamanho dos sacos? — perguntaram os homens.

— Quantos diamantes? — indagaram as mulheres.

— Ai, ai, pobre de mim! — disse o dragão. — Vão me arruinar.

— Você merece — disse Gil. — Pode escolher entre arruinar-se e ser morto aí mesmo onde está. — Ele brandiu Morde-cauda, e o dragão se encolheu.

— Decida-se! — gritavam as pessoas, ganhando coragem e se aproximando mais.

Chrysophylax piscou, mas bem no fundo estava rindo: um tremor mudo que ninguém percebeu. A barganha tinha começado a diverti-lo. Era evidente que esperavam levar alguma vantagem. Não conheciam quase nada dos costumes do mundo vasto e perverso — na realidade, não havia

naquela época, em todo o reino, ninguém que tivesse experiência em lidar com dragões e seus ardis. Chrysophylax estava recuperando o fôlego e também a esperteza. Lambeu os beiços.

— Façam seu próprio preço — disse ele.

Então todos começaram a falar ao mesmo tempo. Chrysophylax escutava interessado. Somente uma voz o perturbava: a do ferreiro.

— Nada de bom resultará disso tudo, ouçam bem — disse ele. — Os lagartos não voltam*, digam vocês o que quiserem. Seja como for, isso vai acabar mal.

— Você pode ficar de fora do acordo, se é essa sua opinião — disseram os outros, e continuaram a negociar, praticamente sem prestar mais atenção ao dragão.

Chrysophylax levantou a cabeça, mas, se pensou em investir contra eles ou em escapulir durante a discussão, ficou desapontado. Mestre Gil estava parado ali perto, mascando um pedaço de palha e refletindo, mas com Morde-cauda na mão e o olho no dragão.

— Fique onde está! — disse ele. — Ou vai ter o que merece, com ouro ou sem ouro.

O dragão permaneceu deitado. Por fim, o pároco foi nomeado porta-voz e se aproximou de Gil.

— Lagarto infame! — disse ele. — Você deverá trazer a este local toda a sua fortuna adquirida por meios escusos; e, depois de indenizar todos os que prejudicou, nós a repartiremos com lisura entre nós. E então, se fizer um voto solene de nunca mais perturbar nossa terra, o deixaremos voltar para casa, tanto com a cabeça como com a cauda. Agora, deve fazer juramentos tão sérios de que irá voltar (com o resgate) que até mesmo a consciência de um lagarto há de considerar impossível desrespeitar.

Chrysophylax aceitou, depois de uma plausível simulação de hesitação. Chegou mesmo a derramar lágrimas quentes, lamentando sua ruína, até se formarem poças fumegantes na estrada, mas ninguém se comoveu com elas. Fez muitos juramentos, solenes e espantosos, de que voltaria com toda a sua fortuna no dia de Santo Hilário e São Félix*. Isso lhe dava oito dias, tempo curto demais para a viagem, como até mesmo os que desconheciam geografia poderiam imaginar. Mesmo assim, deixaram que partisse e o acompanharam até a ponte.

— Até nosso próximo encontro! — disse ele, enquanto passava por cima do rio.

— Tenho certeza de que todos aguardaremos ansiosos por essa ocasião.

— Sem dúvida — responderam. É claro que estavam sendo muito tolos, pois, embora os juramentos que o dragão fizera devessem ter sobrecarregado sua consciência com tristeza e com um enorme temor de alguma desgraça, infelizmente ele não tinha nenhum tipo de consciência. E se essa lamentável falha em alguém de linhagem imperial estava fora do alcance da compreensão dos simples, pelo menos o pároco, com sua erudição, poderia ter imaginado isso.

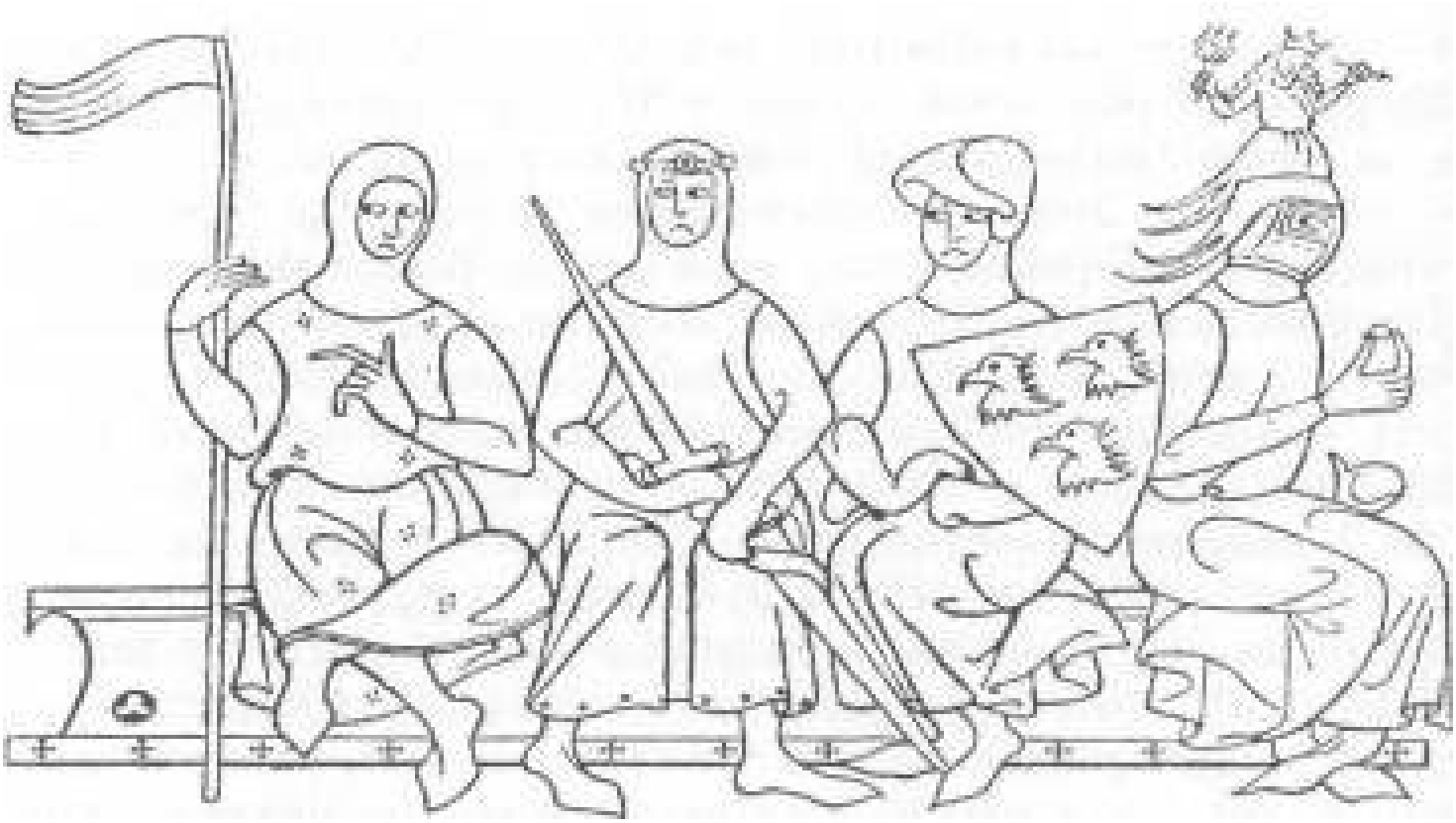
Talvez ele tenha imaginado. Era gramático e sem dúvida podia enxergar mais longe que os demais*.

O ferreiro abanou a cabeça enquanto voltava à sua oficina.

— Nomes inquietantes — disse ele. — Hilário e Félix! Não estou gostando nada disso*.

Naturalmente, o Rei logo soube da notícia, que atravessou o reino como um raio e não perdeu nada ao ser contada. O Rei ficou profundamente comovido, por vários motivos, sendo que o financeiro não era o menos importante deles; e tomou a decisão de cavalgar imediatamente até Ham, onde pareciam ocorrer fatos estranhos como esse.

Chegou quatro dias depois da partida do dragão, atravessando a ponte no seu



cavalo branco, acompanhado de muitos cavaleiros e clarins, além de uma grande fileira de carregadores de bagagem. Toda a população tinha vestido a melhor roupa e se postado ao longo da rua para dar-lhe as boas-vindas. O cortejo parou no pátio aberto diante do portão da igreja. Mestre Gil ajoelhou-se diante do Rei, quando lhe foi apresenta do; mas o Rei disse-lhe que se levantasse e chegou a dar-lhe um tapinha nas costas. Os cavaleiros fingiram não notar essa familiaridade.

O Rei ordenou que a aldeia inteira se reunisse no grande pasto de Mestre Gil, à margem do rio, e, quando todos ali estavam (até mesmo Garm, que achava que o assunto era de seu interesse), Augustus Bonifacius rex et basíleus teve a grata satisfação de se dirigir a eles.

Explicou com muito cuidado que a fortuna do facínora Chrysophylax pertencia inteira a ele, como senhor daquelas terras. Mencionou muito por alto seu direito de ser considerado suserano* da região montanhosa (o que era questionável).

— Não temos, porém, nenhuma dúvida de que, qualquer que seja o caso, todo o tesouro desse lagarto tenha sido roubado de nossos antepassados — disse ele. — No entanto, somos, como todos sabem, tanto justos como generosos; e nosso fiel lígio*

A Egidius será devidamente recompensado; e nenhum dos nossos leais súditos neste local sairá sem uma lembrança simbólica da nossa estima, desde o pároco até a criancinha mais nova. Estamos muito satisfeitos com Ham. Pelo menos aqui, um povo resoluto e incorrupto ainda mantém a antiga coragem da nossa raça.

Os cavaleiros conversavam entre si sobre a nova moda para chapéus*.

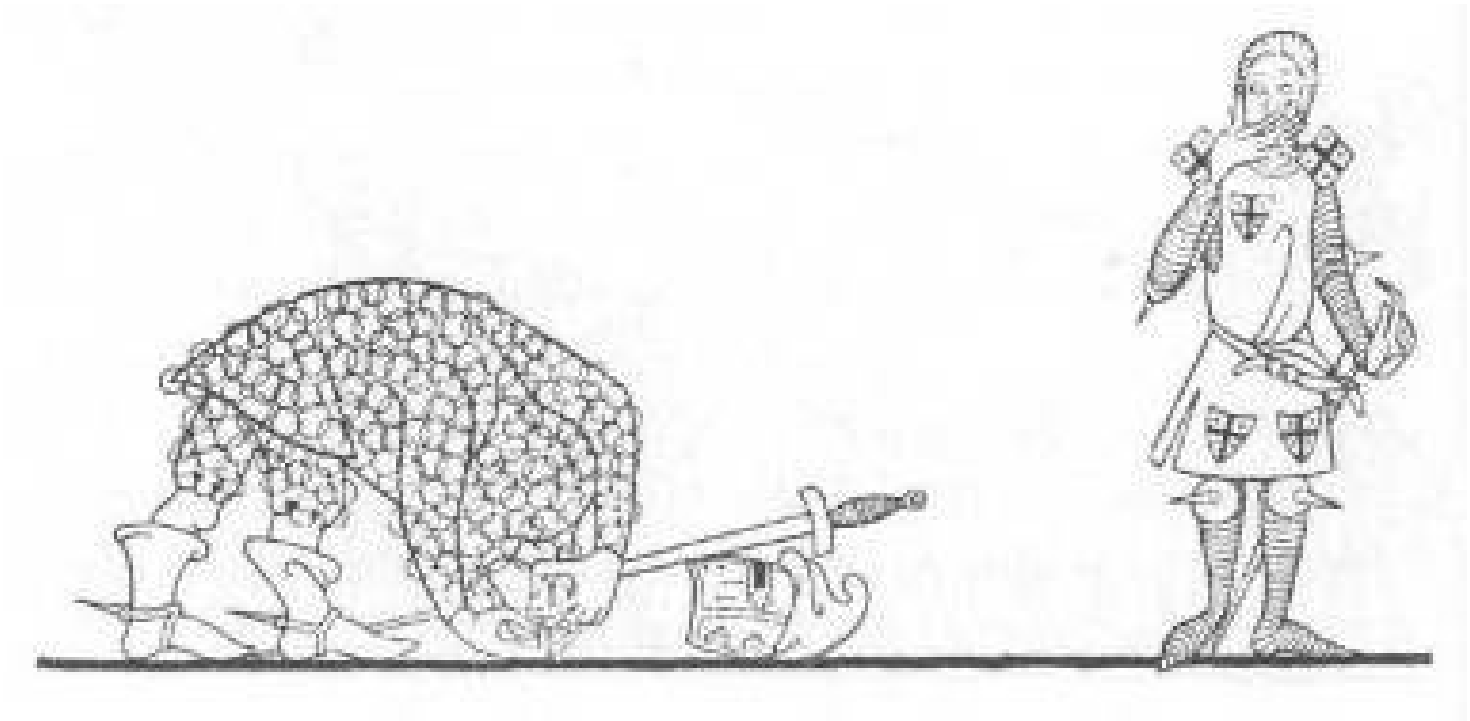
O povo fez reverências e mesuras, demonstrando sua humilde gratidão. Mas,

naquele momento, todos desejavam ter aceito a oferta do dragão de dez libras para cada um e mantido o assunto só entre eles. Fosse como fosse, sabiam que o reconhecimento do Rei não chegaria a tanto. Garm percebeu que não foi feita menção a cachorros. Mestre Gil foi o único que ficou realmente satisfeito. Tinha certeza de alguma recompensa, e de qualquer modo estava extremamente feliz por ter saído ileso de uma incumbência perigosa, com sua reputação local mais alta que nunca.

O Rei não foi embora. Fincou seus pavilhões* nas terras de Mestre Gil e esperou pelo dia 14 de janeiro, divertindo-se até onde era possível numa mísera aldeia, longe da capital. Nos três dias seguintes, o séquito real devorou quase tudo o que havia no lugar: pão, manteiga, ovos, galinhas, toucinho e cordeiro, e bebeu até a última gota de cerveja forte. Começaram então a reclamar das parcas provisões*. Mas o Rei pagou muito bem por tudo (em talhas* a serem honradas pelo Tesouro*, que em breve seria profusamente reabastecido, ao que ele esperava); e o povo de Ham ficou bem contente, sem ter conhecimento do verdadeiro estado do Tesouro.

Chegou o dia 14 de janeiro, festa de Hilário e Félix; todos estavam acordados e em atividade desde cedo. Os cavaleiros vestiram a armadura. O fazendeiro vestiu sua cota de malha feita em casa, e os outros sorriram abertamente enquanto não viram a cara amarrada do Rei. O fazendeiro também apanhou Morde-cauda, que entrou na bainha com enorme facilidade e ali permaneceu. O pároco olhou firme para a espada e fez que sim consigo mesmo.

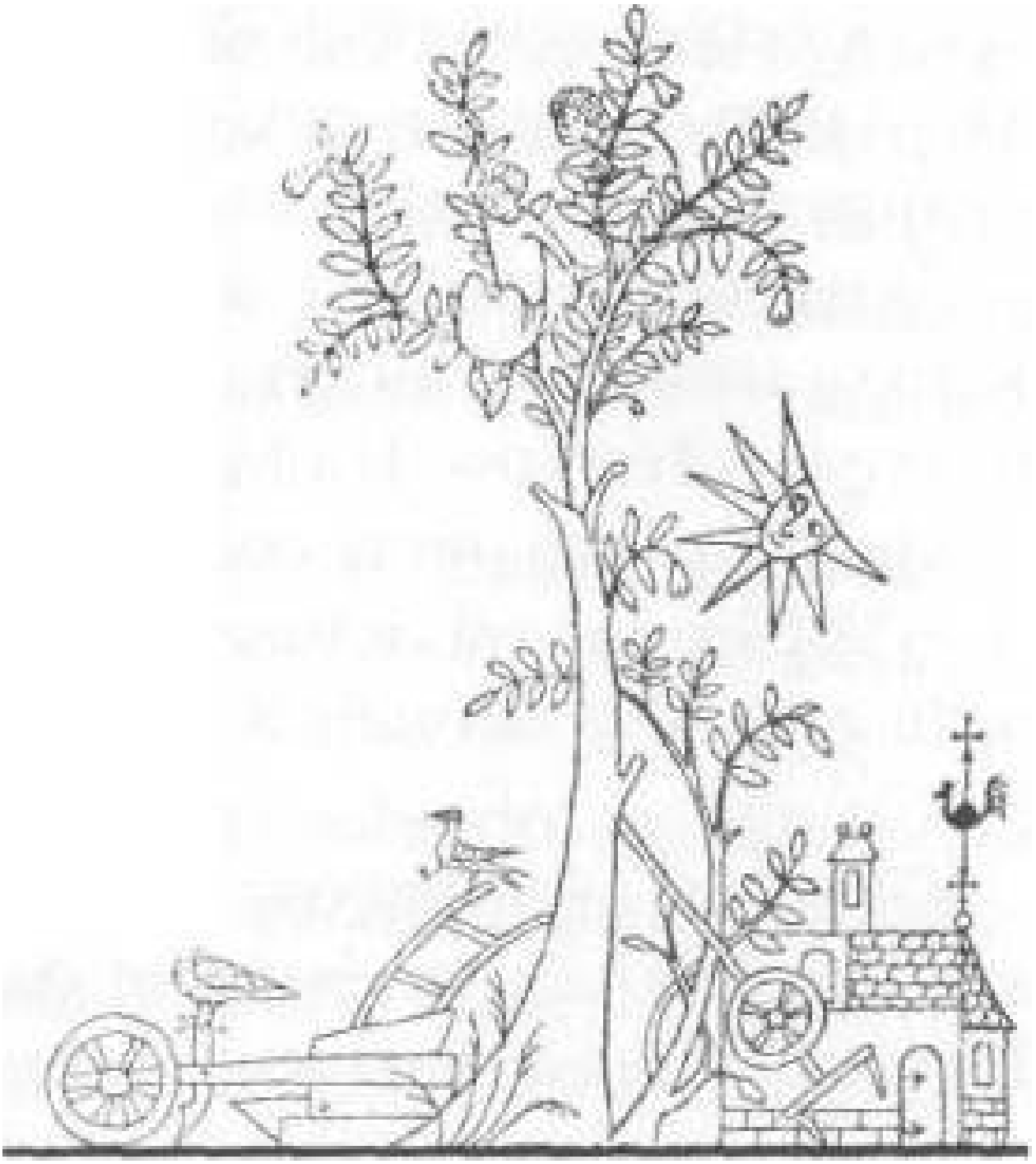
O ferreiro deu uma risada.



Deu meio-dia. As pessoas estavam ansiosas demais para comer bem. A tarde passou devagar. Entretanto, Morde-cauda não mostrava sinais de querer saltar da bainha.

Nenhuma das sentinelas na colina, nenhum dos meninos que subiram no alto das árvores conseguia ver nada por ar ou por terra que pudesse anunciar o retorno do dragão.

O ferreiro andava de um lado para o outro, assoviando. Mas só depois que anoiteceu e as estrelas surgiram os outros aldeões começaram a suspeitar que o dragão não tinha intenção de retornar. Mesmo assim, eles recordaram seus numerosos votos solenes e espantosos e continuavam a ter esperanças. Porém, quando bateu a meia-noite e o dia terminou, a decepção foi profunda. O ferreiro estava satisfeito.



— Eu não disse? — comentou ele. Mas os outros ainda não estavam convencidos.

— Afinal de contas, ele estava muito ferido — disseram alguns.

— Nós não lhe demos tempo suficiente — disseram outros. — Daqui até as montanhas é muito longe, e ele teria muito a carregar. Talvez tenha sido forçado a procurar ajuda.

Passou-se mais um dia e o seguinte. Então todos perderam a esperança. O Rei estava rubro de raiva. Os víveres e as bebidas tinham acabado, e os cavaleiros resmungavam para que todos ouvissem. Queriam voltar para os divertimentos da corte.

Mas o Rei queria o dinheiro.

Despediu-se de seus leais súditos, mas foi breve e incisivo; também cancelou metade das talhas a serem pagas pelo Tesouro. Foi bastante frio com Mestre Gil e o dispensou com um aceno de cabeça.

— Você receberá notícias nossas mais tarde — disse e partiu com seus cavaleiros e clarins.

Os mais esperançosos e ingênuos acharam que logo chegaria uma mensagem da corte para convocar Mestre *A* Egidius à presença do Rei, no mínimo para ser nomeado cavaleiro. Dentro de uma semana, chegou a mensagem, mas de outra natureza. Estava escrita e assinada em três vias: uma para Gil, outra para o pároco e outra para ser pregada na porta da igreja. Somente a via endereçada ao pároco teve alguma utilidade, pois a caligrafia da corte era esquisita e tão obscura para o povo de Ham quanto o latim dos livros*. Mas o pároco traduziu o texto para a língua do povo e o leu do púlpito. Era curta e direta (para uma carta régia); o Rei estava com pressa.

"Nós, Augustus B.A.A.P. e M., rex et cetera, comunicamos que, para a

segurança do nosso reino e manutenção da nossa honra, determinamos que o

lagarto ou dragão que se intitula Chrysophylax, o Rico, seja procurado e

condignamente punido por suas contravenções, seus delitos, seus crimes e seu

abominável perjúrio*. Todos os cavaleiros de nossa Casa Real estão por meio desta

convocados a armar-se e aprontar-se para partir nessa expedição assim que Mestre

AEgidius A. J. Agrícola chegar a esta corte. Tendo em vista que o referido AEgidius

se mostrou homem de confiança e perfeitamente capa3 de lidar com gigantes,

dragões e outros inimigos da paz do Rei, nós agora ordenamos que ele parta

imediatamente para juntar-se a nossos cavaleiros com toda a presteza."

As pessoas disseram que se tratava de uma alta honra praticamente equivalente a ser armado cavaleiro. O moleiro ficou com inveja.

— O amigo *A* Egidius está subindo na vida — disse ele. — Espero que ainda nos conheça quando voltar.

— Pode ser que nunca volte — disse o ferreiro.

— Já chega, seu cara de cavalo! — disse o fazendeiro, muitíssimo aborrecido. —

A honra que se dane! Se eu voltar, até mesmo a companhia do moleiro será bem-vinda.

Mesmo assim, já é um consolo pensar que vou sentir falta de vocês dois por uns tempos.

— E com isso foi embora.

Não é possível apresentar desculpas ao Rei como se faz com os vizinhos. Por isso, com ou sem cordeiros, com ou sem aração da terra, não importava o leite nem a água, ele tinha de montar na égua cinzenta e partir. O próprio pároco assistiu à sua partida.

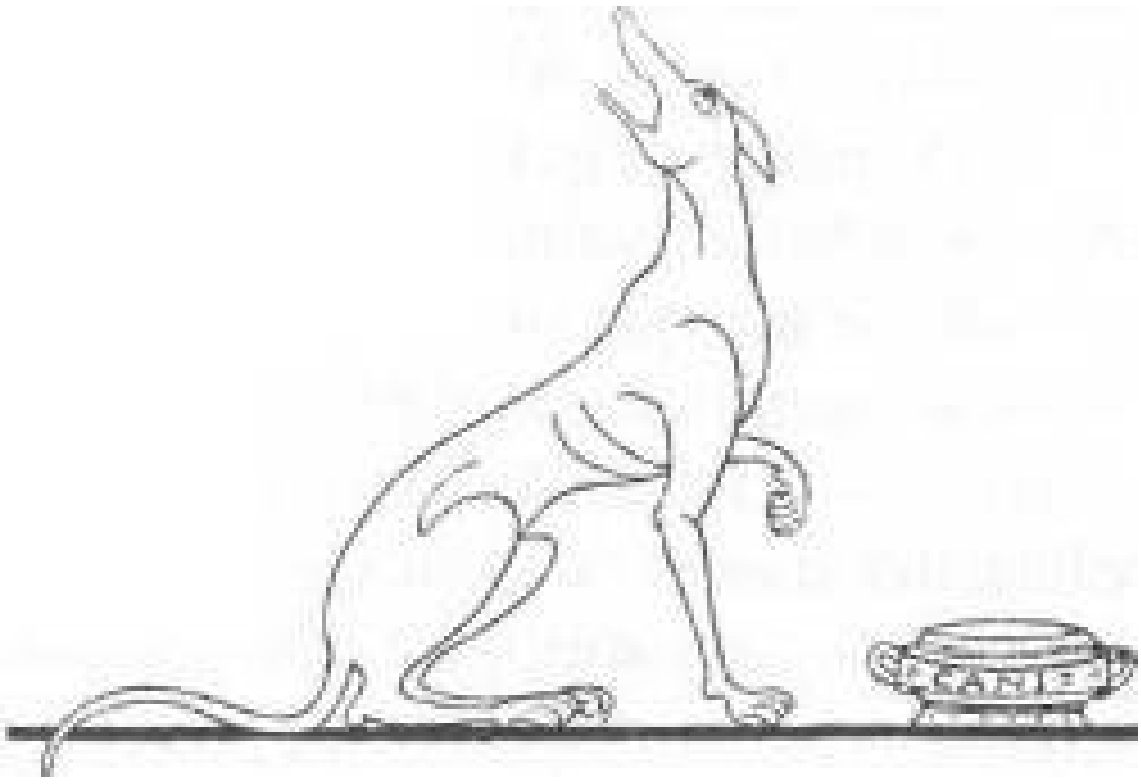
— Espero que você esteja levando um pedaço de corda resistente — comentou o pároco.

— Para quê? — disse Gil. — Para me enforcar?

— Não! Anime-se, Mestre *A* Egidius! — disse o pároco. — Parece-me que você pode confiar na sorte. Mas leve também uma corda longa, pois poderá precisar dela, a menos que minha intuição me engane. E agora adeus, e volte em segurança!

— É! Voltar para encontrar minha casa e minha terra numa situação terrível.

Dragões dos infernos! — disse Gil.



E então, enfiando um grande rolo de corda numa bolsa junto à sela, montou e partiu.

Não levou o cachorro, que tinha se mantido bem longe dos olhos do dono a manhã inteira. Mas, depois que ele se foi, Garm voltou sorrateiro para casa e ali permaneceu. Uivou a noite inteira, levou umas pancadas por isso, mas continuou a uivar.

— Socorro, ai, socorro! — gritava. — Nunca mais vou ver meu querido dono, tão terrível e

maravilhoso. Queria ter ido com ele, queria, sim.

— Cale a boca! — disse a mulher do fazendeiro. — Ou não vai viver para ver se ele volta ou não.

O ferreiro ouviu os uivos.

— Mau agouro — comentou, animado.

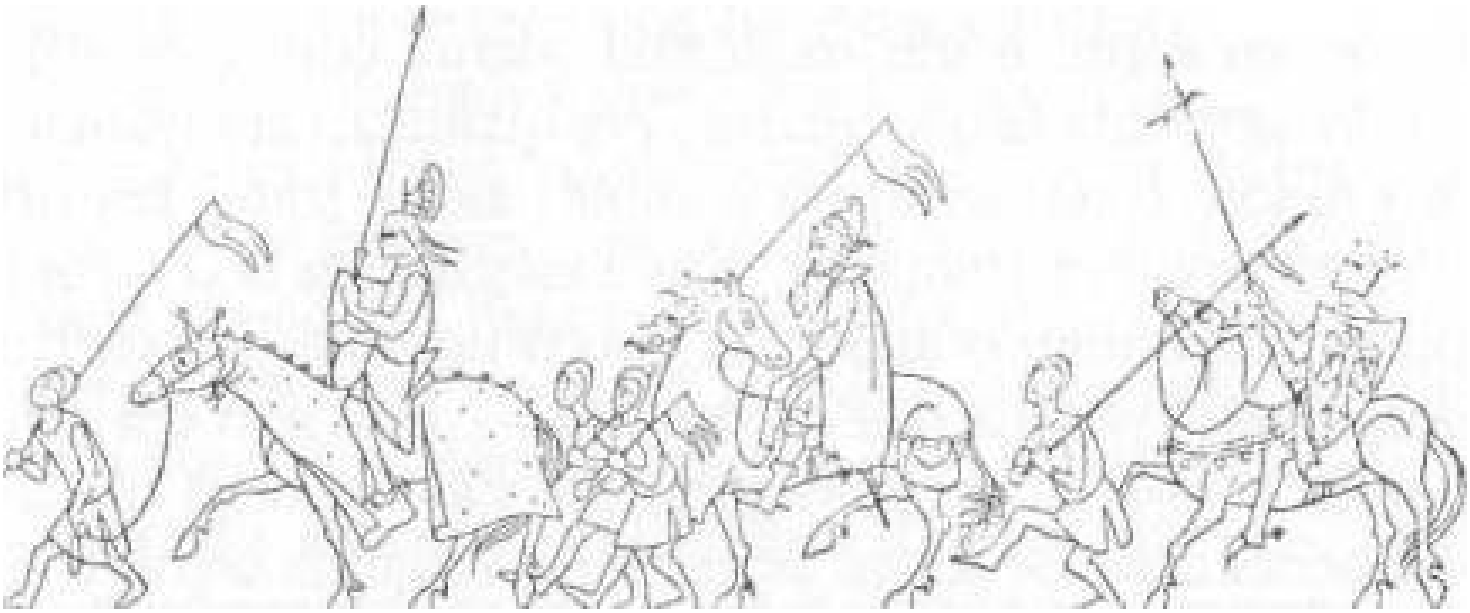
Muitos dias passaram, e não chegava nenhuma notícia.

— A falta de notícias é má notícia* — disse ele, começando a cantar.

Quando Mestre Gil chegou à corte, estava cansado e empoeirado. Mas os cavaleiros, em cotas de malha polidas e com elmos reluzentes na cabeça, estavam todos a postos junto aos cavalos. A convocação do Rei e a inclusão do fazendeiro irritaram-nos, e por isso insistiram em obedecer às ordens ao pé da letra, partindo no instante em que Gil chegou. O pobre fazendeiro mal teve tempo de engolir um pão molhado* num gole de vinho antes de se pôr de novo na estrada. A égua ficou ofendida. Por sorte, não exprimiu o que pensava do Rei, pois era profundamente desleal.

O dia já ia alto. "Alto demais para iniciar uma caçada ao dragão", pensou Gil.

Mas eles não foram longe. Depois de partir, os cavaleiros não demonstraram nenhuma



pressa. Seguiam tranqüilos, numa fila dispersa, cavaleiros, escudeiros*, servos e pôneis carregados com bagagem; e Mestre Gil lá atrás, a trote, na égua exausta.

Quando anoiteceu, pararam e armaram as tendas. Nenhuma providência tinha sido tomada para a presença de Mestre Gil, e ele emprestou o que pôde. A égua ficou indignada e renegou sua lealdade à casa de Augustus Bonifacius.

No dia seguinte, prosseguiram viagem, bem como no próximo. No terceiro dia, avistaram ao longe as montanhas sombrias e inóspitas. Em pouco tempo, estavam em regiões nas quais a autoridade de Augustus Bonifacius não era universalmente reconhecida. Passaram a cavalgar com mais cuidado, mantendo-se mais próximos uns dos outros.

No quarto dia, chegaram aos Montes Ermos e às fronteiras das terras misteriosas, onde, diziam, habitavam criaturas lendárias. De repente, um dos que iam à frente deparou com pegadas assustadoras na areia à margem de um córrego. Chamaram o fazendeiro.

— Que marcas são essas, Mestre *A* Egidius? — perguntaram-lhe.

— Pegadas de dragão — respondeu.

— Vá na frente! — disseram eles.

Agora seguiam rumo a oeste, com Mestre Gil à frente; todos os anéis do seu casaco de couro tilintavam. Isso pouco importava, porque todos os cavaleiros riam e conversavam, e um menestrel seguia com eles, cantando uma balada. De quando em quando, cantavam todos juntos o refrão, em voz muito alta e forte. Era um comportamento animador, pois a canção era boa — composta muito tempo antes, na época em que as batalhas eram mais comuns que os torneios -, mas não era prudente. A essa altura a chegada dos cavaleiros já era do conhecimento de todas as criaturas daquela terra, e os dragões estavam com os ouvidos alerta em todas as cavernas do oeste. Não havia a menor chance de que apanhassem o velho Chrysophylax cochilando.

Quis a sorte (ou a própria égua cinzenta) que, quando afinal penetraram na sombra das montanhas escuras, a égua de Mestre Gil começasse a mancar. Eles agora seguiam por trilhas íngremes e pedregosas, subindo com enorme esforço e com uma inquietação cada vez maior. Aos poucos, ela foi ficando para trás, tropeçando, mancando e demonstrando tanta paciência e tristeza que afinal Mestre Gil foi obrigado a desmontar e seguir a pé. Logo estavam bem no final, entre os pôneis de carga, mas ninguém notou.

Os cavaleiros debatiam questões de precedência e etiqueta, com a atenção ocupada com outra coisa. Não fosse por isso, teriam percebido que as pegadas de dragão agora eram evidentes e numerosas.

De fato, haviam chegado aos lugares por onde Chrysophylax costumava perambular ou onde pousava depois do seu exercício diário. Os montes mais baixos e as encostas de cada lado da trilha pareciam ter sido chamuscados e pisoteados. Havia pouco capim, e os tocos retorcidos de urze e tojo sobressaíam negros no meio de largas ilhas de terra calcinada e cinzas. A região servia de parque para dragões havia muitos anos. Um escuro paredão de montanha erguia-se mais adiante.

Mestre Gil estava preocupado com a égua, mas feliz pela desculpa para não estar em posição tão proeminente. Não lhe agradara conduzir um cortejo daqueles numa região tão lúgubre e suspeita.

Pouco mais tarde, ficou ainda mais contente e teve motivos para agradecer à sorte (e à égua), pois, logo depois do meio-dia — sétimo dia da cavalgada e Festa da Candelária* -, Morde-cauda saltou da bainha; e o dragão, da caverna.

Sem aviso nem formalidade*, o dragão se atirou ao ataque. Aos rugidos, abateu-se sobre eles com ímpeto. Longe de casa, não demonstrara grande coragem, apesar de sua linhagem antiga e imperial. Mas agora, dominado por uma ira imensa, lutava diante do próprio portão, por assim dizer, e com todo o seu tesouro a defender. Surgiu de trás de uma saliência da montanha como uma saraivada de trovões, com o barulho de uma tempestade e uma rajada de raios vermelhos.

A discussão a respeito da precedência interrompeu-se. Todos os cavalos refugaram para um lado ou para o outro, e alguns cavaleiros caíram. Os pôneis com a bagagem e os serviçais deram meia-volta e fugiram correndo. Não tinham dúvidas quanto à ordem de precedência.

De repente, veio uma nuvem de fumaça que sufocou a todos; e bem no meio dela o dragão colidiu com a vanguarda do cortejo. Vários cavaleiros morreram antes de sequer lançar seu desafio formal ao combate, e vários outros foram derrubados, com cavalo e tudo. Quanto aos restantes, seus corcéis se encarregaram de dar meia-volta e fugir, levando seus donos, quer desejassem ou não. A maioria deles de fato assim desejava.

No entanto, a velha égua cinzenta não saiu do lugar. Talvez estivesse com medo de fraturar as pernas na trilha íngreme e pedregosa. Talvez cansada demais para fugir correndo. No fundo, ela sabia que dragões voadores são piores atrás de você do que à sua frente; e que é preciso mais velocidade que a de um cavalo de corrida para que a fuga adiante alguma coisa. Além disso, ela já conhecia Chrysophylax e se lembrava de tê-

lo perseguido pelos campos afora na sua terra, até ele se prostrar, manso, na rua principal do povoado. Fosse como fosse, firmou bem as pernas abertas e bufou. Mestre Gil ficou tão pálido quanto possível, mas permaneceu ao lado da égua, pois não havia outra coisa a fazer.

E foi assim que o dragão, precipitando-se contra a fila de cavaleiros, de repente viu à sua frente o velho inimigo, com Morde-cauda na mão. Era a última coisa que esperava. Desviou de lado como um morcego gigante e colidiu com a encosta que beirava a estrada. A égua cinzenta aproximou-se, totalmente esquecida de mancar.

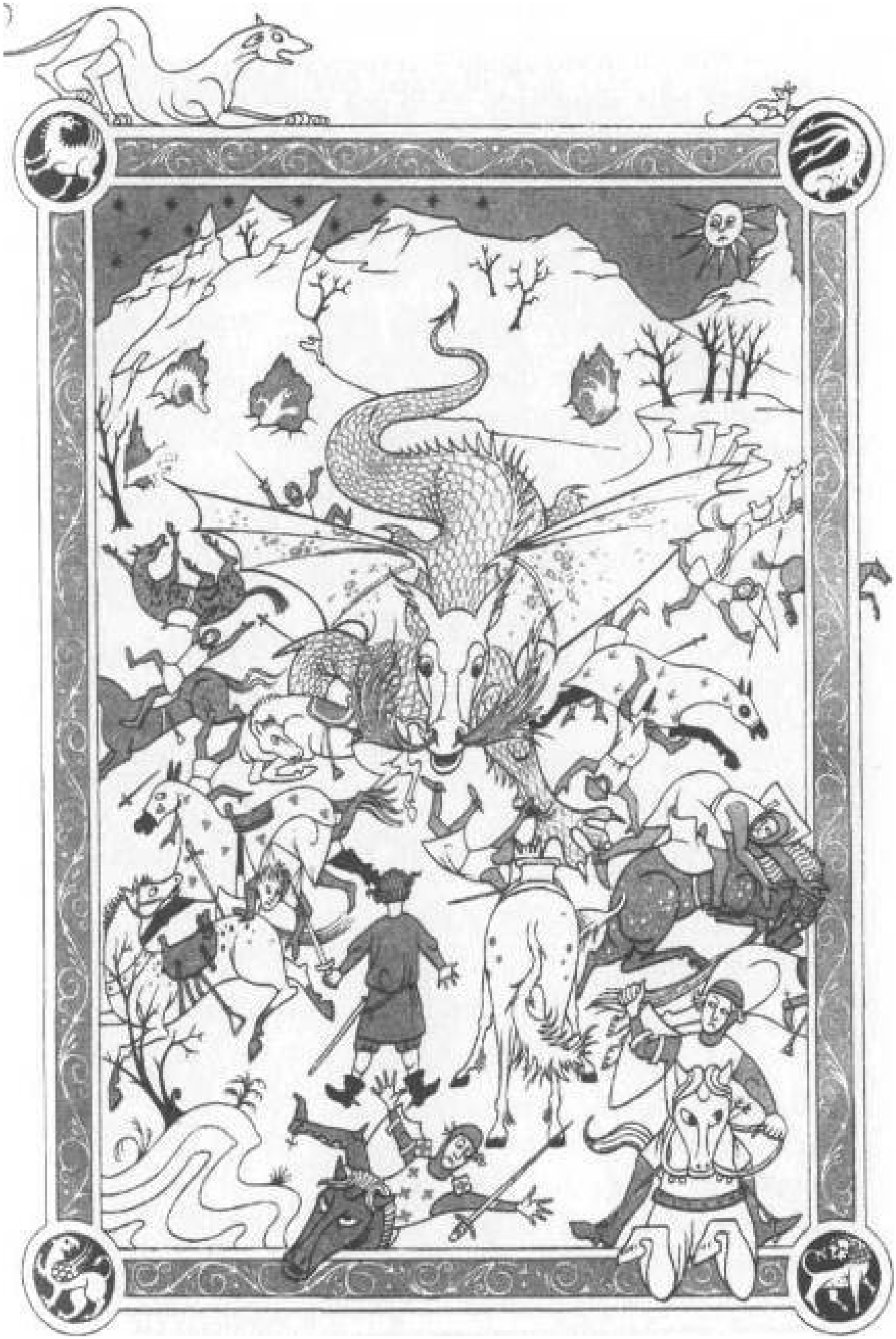
Mestre Gil, muito animado, tinha montado às pressas.

— Com licença — disse ele -, você por acaso estava à minha procura?

— Não, de modo algum! — respondeu Chrysophylax. — Quem teria imaginado vê-lo por aqui? Eu estava só dando uma voltinha.

— Quer dizer que nos encontramos por sorte — disse Gil -, e o prazer é meu, porque estava à sua procura. Além disso, tenho um assunto a tratar com você, diversos assuntos, aliás.

O dragão bufou. Mestre Gil levantou o braço para se proteger do bafo quente; e, com um lampejo, Morde-cauda lançou-se adiante, perigosamente perto do focinho do dragão.

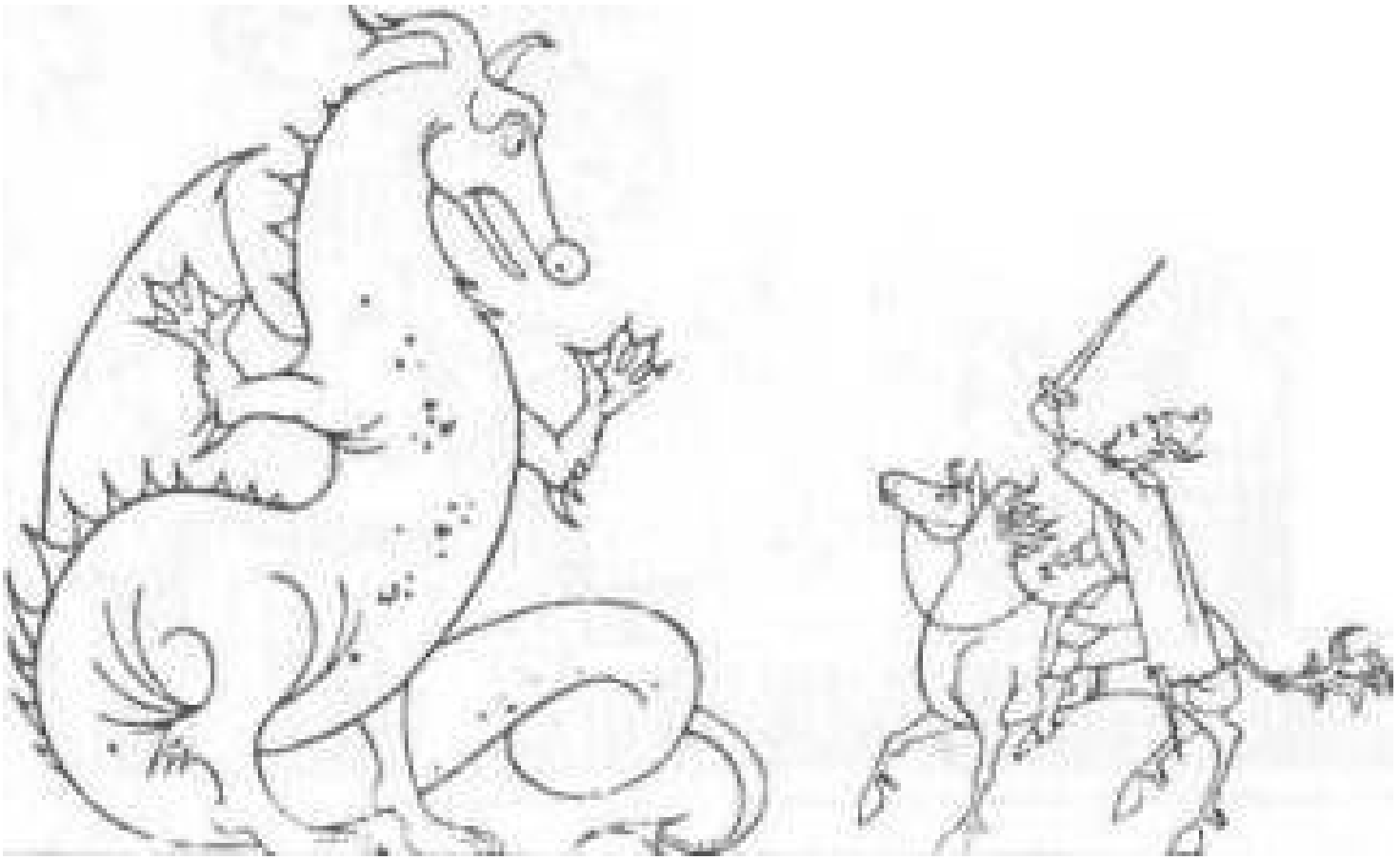


— Ei! — disse o dragão, parando de bufar. Ele começou a tremer e recuou. E

todo o fogo no seu interior resfriou. — Espero que não tenha vindo me matar, meu bom senhor — disse, choramingando.

— Não! Não! — garantiu o fazendeiro. — Eu não disse nada sobre matar ninguém. — A égua cinzenta torceu o nariz.

— Posso então lhe perguntar o que está fazendo com todos esses cavaleiros? —



disse Chrysophylax. — Cavaleiros sempre matam dragões, se nós não os matarmos primeiro.

— Não estou fazendo absolutamente nada com eles. Não são nada para mim —

disse Gil. — E de qualquer modo, estão todos mortos agora, ou fugiram. E aquilo que você disse no último dia de Reis?

— Qual é o problema? — perguntou o dragão, ansioso.

— Já se passou quase um mês — explicou Gil -, e o pagamento está atrasado.

Vim fazer a cobrança. Você deveria pedir desculpas por todo o trabalho que me deu.

— Lamento muito! — disse o dragão. — Gostaria que não tivesse se dado ao trabalho de vir até

aqui.

— Desta vez, vai dar até a última peça do tesouro, sem trapaças* — disse Gil -, ou considere-se morto; e ainda penduro seu couro no alto do campanário da igreja, como advertência.

— É muita crueldade! — disse o dragão.

— Promessa é dívida — disse Gil.

— Será que não posso ficar com um anel ou dois, e um pouquinho de ouro, em reconhecimento ao pagamento à vista*?

— Nem com um botão de latão*! — disse Gil.

E assim continuaram por mais um tempo, pechinchando e discutindo como se estivessem num mercado*. O final, porém, foi como se poderia esperar; pois não importava o que pudessem dizer a seu respeito, poucas pessoas conseguiam suplantar Mestre Gil numa pechincha.

O dragão percorreu todo o caminho de volta até a caverna porque Gil não desgrudou do seu lado, segurando Morde-cauda assustadoramente perto. A trilha que subia sinuosa em torno da montanha era estreita, e nela mal havia espaço para os dois. A égua vinha logo atrás e parecia bastante pensativa.

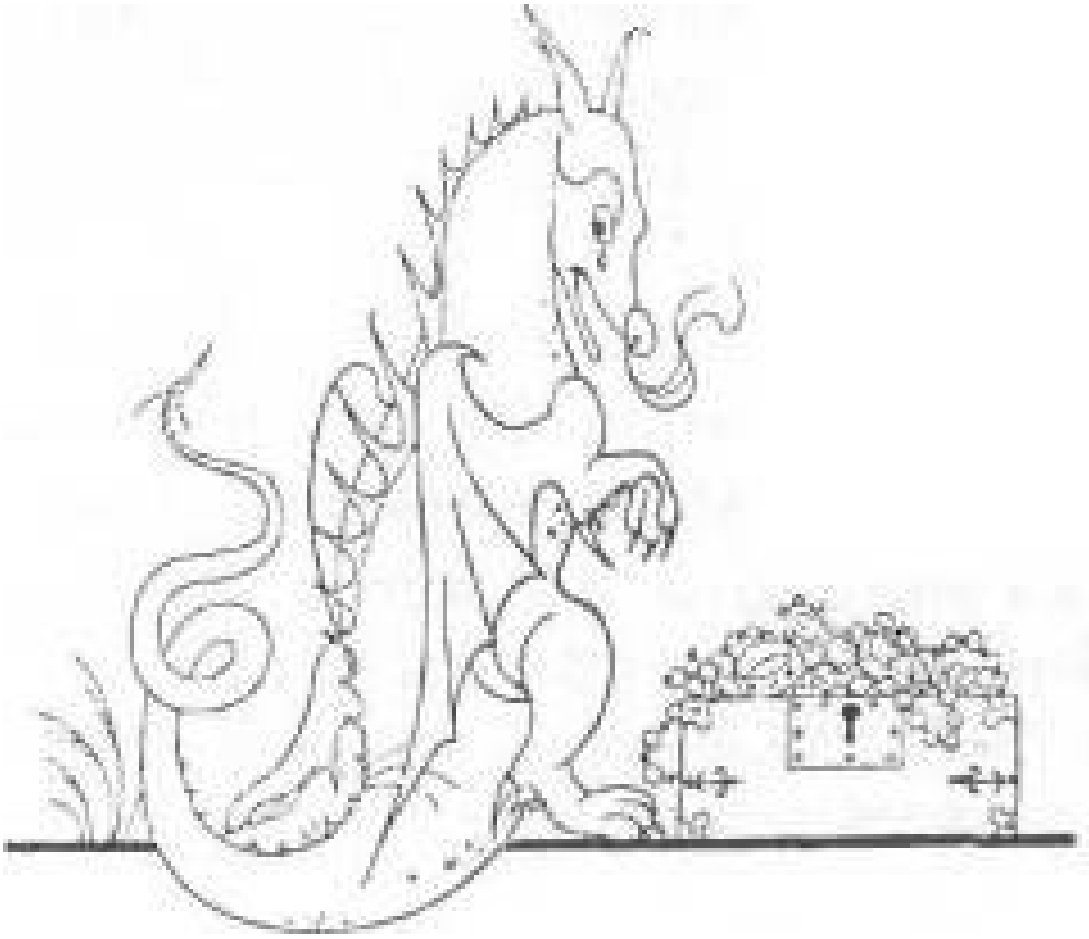
Foram cinco milhas, no mínimo, de uma subida difícil. Gil seguia penosamente, arfando e bufando, mas sem tirar os olhos do lagarto. Afinal, a oeste da montanha, chegaram à boca da caverna. Era grande, escura e ameaçadora, e suas portas de bronze estavam presas a enormes colunas de ferro. Obviamente, aquele local havia sido de poderio e orgulho em tempos remotíssimos, pois os dragões não constroem esse tipo de obra nem escavam esse tipo de mina, mas preferem, quando possível, morar nos túmulos e esconderijos de tesouros de homens e gigantes poderosos de outrora*. As portas dessa casa profunda estavam bem abertas; e à sua sombra eles pararam. Até ali, Chrysophylax não tivera oportunidade alguma de fuga; mas agora, ao chegar ao próprio portão, deu um salto à frente e se preparou para mergulhar na escuridão.

Mestre Gil atingiu-o com a folha da espada. — Espere aí! — disse ele. — Antes de você entrar, tenho algo a lhe dizer. Se não voltar rapidinho, trazendo algo que valha a pena, entro aí e corto fora sua cauda, para começo de conversa*.

A égua fungou. Ela não conseguia imaginar Mestre Gil entrando sozinho no covil de um dragão por dinheiro nenhum neste mundo. Mas Chrysophylax acreditava perfeitamente naquilo, com Morde-cauda parecendo tão brilhante, tão afiada e tudo o mais. E podia ser que ele estivesse com razão e que a égua, apesar de toda a sua sabedoria, ainda não tivesse compreendido a mudança ocorrida no seu dono. Mestre Gil apostava na própria sorte*; depois de dois confrontos, começava a imaginar que nenhum dragão tinha condições de enfrentá-lo.

De qualquer modo, Chrysophylax retornou rapidíssimo, com vinte libras t*roy)* de ouro e prata*,

uma arca com anéis, colares e outras peças bonitas.



— Pronto! — disse ele.

— Como assim, pronto? — perguntou Gil. — Nem o dobro seria suficiente, se foi isso o que você quis dizer. E garanto que não é metade dos seus bens.

— É claro que não! — disse o dragão, bastante perturbado ao descobrir que o fazendeiro parecia ter se tornado mais esperto desde aquele dia no povoado. — É claro que não! Mas não posso trazer para fora tudo de uma vez só.

— Nem em duas vezes, posso apostar — disse Gil. — Entre novamente e saia bem rápido, ou eu lhe darei uma amostra de Morde-cauda!

— Não! — disse o dragão, voltando a entrar e sair num piscar de olhos. —

Pronto! — disse ele, pondo no chão uma enorme carga de ouro e duas arcas de diamantes.

— Agora tente de novo! — disse o fazendeiro. — E trate de se esforçar mais!

— É muita, muita crueldade — disse o dragão, ao entrar de novo na caverna.

Àquela altura, porém, a égua cinzenta já estava preocupada com a própria sorte.

"Quem vai carregar todo esse peso para casa é o que me pergunto", pensou ela, lançando um olhar tão triste e prolongado para as caixas e os sacos que o fazendeiro adivinhou o que estava passando pela sua cabeça.

— Não se preocupe, menina! — disse ele. — Vamos fazer o velho lagarto se encarregar do carreto.

— Tenha piedade de nós! — disse o dragão, que por acaso ouviu essas palavras quando saía da caverna pela terceira vez, com a maior carga de todas e um monte* de pedras preciosas que brilhavam como fogo vermelho e verde. — Tenha piedade! Se eu carregar tudo isso, já vai ser quase a minha morte; e um saco a mais que seja eu nunca teria como conseguir carregar, nem que você me matasse por esse motivo.

— Então restou mais alguma coisa, não é? — disse o fazendeiro.

— É — respondeu o dragão. — Restou o suficiente para eu me manter com dignidade. — Estava quase dizendo a verdade, o que era uma raridade, e acabou se revelando prudente. — Se me deixar ficar com o que resta — disse ele, muito matreiro -, serei seu amigo para sempre. E levarei todo esse tesouro até a casa de Vossa Senhoria, não à casa do Rei. E ainda por cima eu o ajudarei a guardá-lo.

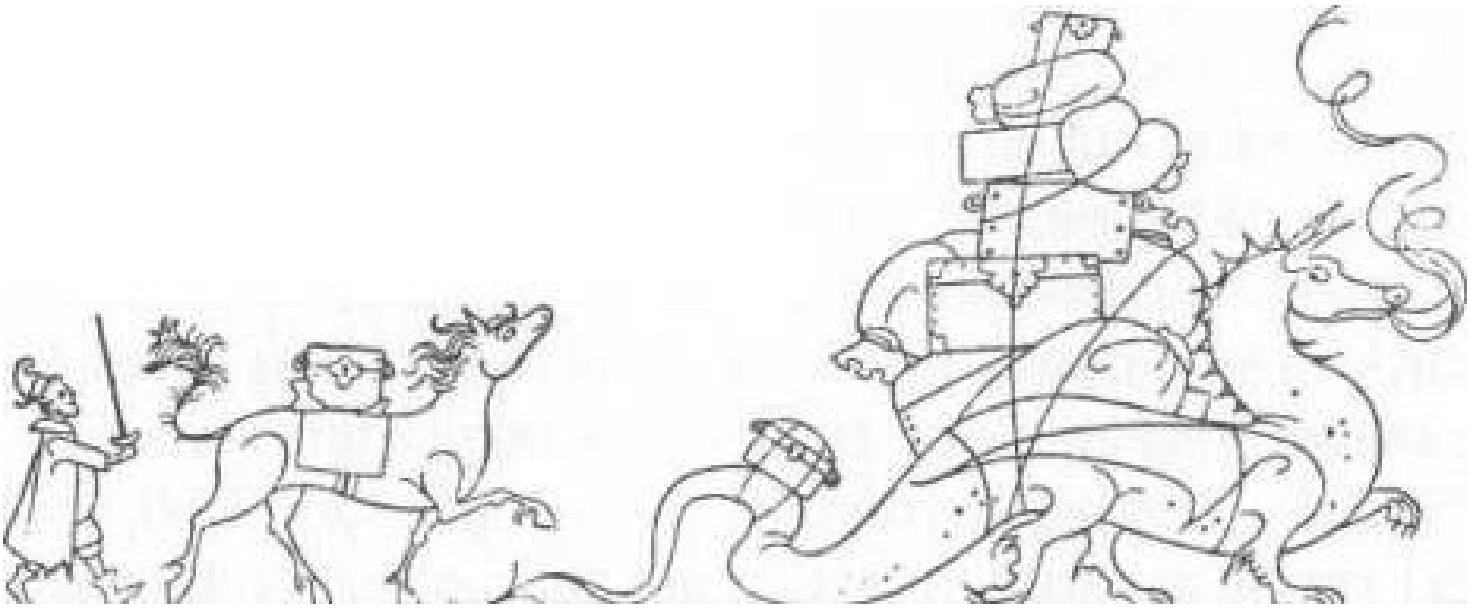
O fazendeiro apanhou um palito com a mão esquerda e pensou sério por um minuto.

— Fechado! — disse ele, com louvável discernimento. Um cavaleiro teria feito questão de todo o tesouro, dando ensejo a que ele fosse amaldiçoado*. E era bem provável que, se Gil tivesse levado o lagarto ao desespero, este teria se revoltado e lutado no final, com Morde-cauda ou sem Morde-cauda. E nesse caso Gil, se não tivesse sido morto, teria sido obrigado a matar seu meio de transporte e a deixar a maior parte do lucro nas montanhas.

Bem, foi assim que tudo terminou. O fazendeiro encheu os bolsos com pedras preciosas, para a eventualidade de algo dar errado; e deu à égua cinzenta uma pequena carga para levar. Todo o resto ele amarrou nas costas de Chrysophylax, em caixas e sacos, até o dragão ficar parecido com um caminhão de mudanças da realeza*. Não havia nenhuma chance de ele sair voando, pois sua carga era excessiva, e Gil tinha amarrado também suas asas.

— Essa corda veio a calhar*! — pensou Gil, lembrando-se com gratidão do pároco.

E o dragão saiu a trote, arfando e bufando, com a égua logo atrás e o fazendeiro segurando Caudimordax, muito brilhante e ameaçadora. Por isso o dragão não mais ousou fazer das suas.

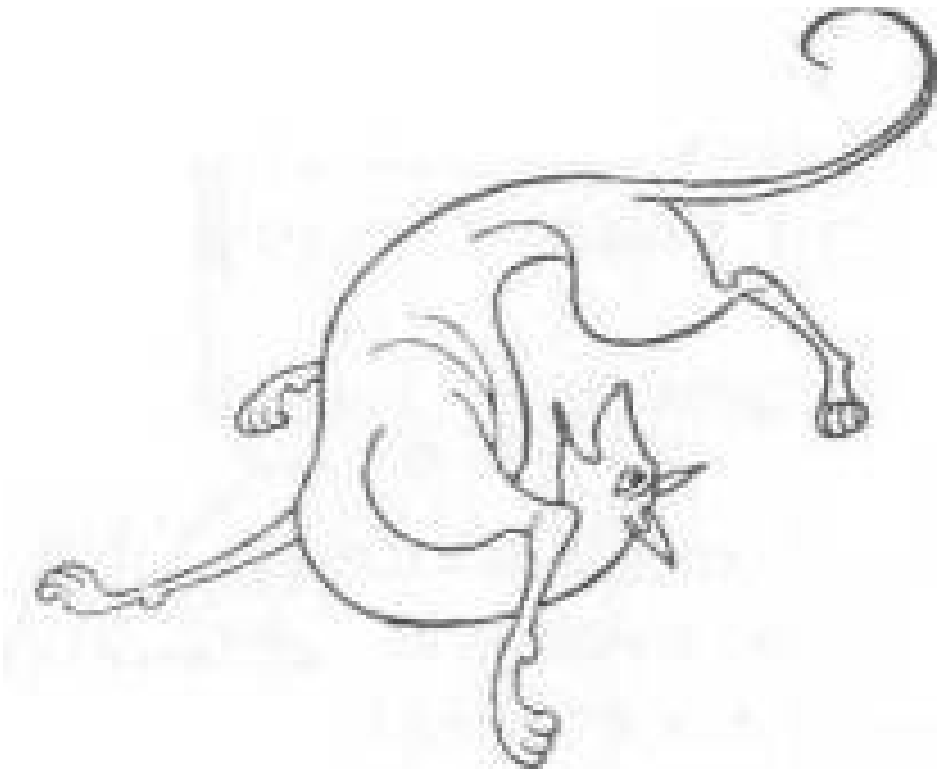


Apesar da carga, a égua e o dragão fizeram o caminho de volta mais rápido do que os cavaleiros na vinda. É que Mestre Gil estava com pressa, já que restava pouco alimento nas bolsas. Além disso, já não confiava em Chrysophylax, depois que o dragão tinha rompido votos tão solenes e de tamanha obrigação moral; e muito se preocupava em como passar uma noite sem mortes ou grandes perdas. Mas, antes do anoitecer, ele mais uma vez teve sorte, pois alcançaram uma meia dúzia de serviçais e pôneis, que haviam partido às pressas e agora estavam perambulando sem saber o que fazer nos Montes Ermos. Eles se dispersaram espantados e com medo, mas Gil chamou-os.

— Ei, rapazes! Voltem! Tenho um trabalho para vocês, e bons salários enquanto essa bolada* durar.

Eles passaram então a servi-lo, felizes por ter um guia e acreditando que os pagamentos viriam com maior regularidade do que de costume. Prosseguiam sete homens, seis pôneis, uma égua e um dragão; e Gil começou a se sentir um senhor e a empinar o peito. Pararam o mínimo possível. À noite, Mestre Gil amarrou o dragão a quatro espeques, um para cada perna, com três homens a vigiá-lo em turnos. Mas a égua cinzenta dormiu com meio olho aberto, para a eventualidade de que os homens tentassem alguma tramóia.

Depois de três dias, já estavam dentro das fronteiras do próprio país e sua chegada provocou assombro e alvoroço, como raramente se vira antes entre os dois mares. No primeiro povoado em que pararam, foram presenteados com alimentos e bebida de graça e metade dos rapazes jovens quis unir-se ao cortejo. Gil escolheu uma dúzia de rapazes promissores*. Prometeu-lhes bons salários e comprou para eles as montarias que pôde encontrar. Estava começando a ter idéias.



Depois de descansar um dia, prosseguiu viagem, com a nova escolta logo atrás.

Entoavam canções em seu louvor, criadas de improviso, mas que agradavam aos ouvidos de Gil. Algumas pessoas davam vivas e outras riam. Era um quadro ao mesmo tempo alegre e maravilhoso.

Logo Mestre Gil desviou-se para o sul, encaminhando-se para sua própria casa e sem passar perto da corte do Rei nem enviar-lhe mensagem alguma. Mas a notícia da volta de Mestre *A* Egidius espalhou-se como fogo vindo do oeste e gerou enorme espanto e confusão. Pois ele chegava logo após um decreto real que determinava a todas as cidadezinhas e povoados que

entrassem em luto pela queda dos valorosos cavaleiros no passo das montanhas.

Por onde quer que Gil passasse, o luto era jogado de lado, os sinos repicavam e o povo se apinhava junto ao caminho, gritando e acenando com bonés e cachecóis. Mas vaiavam tanto o pobre dragão que ele até começou a se arrepender do acordo feito. Era uma humilhação extrema para alguém de linhagem antiga e imperial. Quando chegaram a Ham, todos os cachorros latiam desdenhosos. Todos menos Garm, que só tinha olhos, ouvidos e nariz para seu dono. Na realidade, perdeu totalmente o juízo e virava cambalhotas pela rua abaixo.

Ham, naturalmente, ofereceu uma recepção maravilhosa ao fazendeiro, mas é provável que nada tenha sido tão gratificante quanto descobrir que o moleiro não conseguia encontrar algo para menosprezar e que o ferreiro estava totalmente desconcertado.

— Este não é o fim da história, ouçam minhas palavras! — disse ele, mas não conseguiu pensar em nada pior para dizer e abaixou a cabeça, melancólico. Mestre Gil, com os seis homens, doze rapazes razoáveis, dragão e tudo o mais, subiram até o alto do monte e ali ficaram quietos por um tempo. Somente o pároco foi convidado para a casa.

A notícia logo chegou à capital; e, esquecido do luto oficial e também de seus negócios, o povo reuniu-se nas ruas. Havia muito barulho e gritaria.

O Rei estava na sua imensa casa, roendo as unhas e puxando a barba. Entre a dor e a cólera (e a ansiedade financeira), seu estado de espírito estava tão azedo que ninguém ousava lhe dirigir a palavra. Mas afinal o barulho da cidade chegou-lhe aos ouvidos: não era parecido com luto nem com lamentações.

— Que barulho é esse? — perguntou. — Mandem as pessoas ficarem dentro de casa e prantearem os mortos decentemente! Isso está parecendo uma festa do ganso*.

— O dragão voltou, senhor — responderam.

— O quê! — disse o Rei. — Convoquem nossos cavaleiros, ou o que restou deles!

— Não há necessidade, senhor — responderam. — Com Mestre *A* Egidius atrás dele, o dragão está mansinho, mansinho. Foi o que nos informaram. A notícia acabou de chegar, e os relatos são conflitantes.

— Valha-me Deus! — disse o Rei, parecendo imensamente aliviado. — E

imaginem que encomendei um réquiem* pelo camarada para depois de amanhã!

Cancelem-no! Algum sinal do nosso tesouro?

— Dizem os relatos que se trata de uma verdadeira montanha, senhor —

responderam.

— E quando estará aqui? — disse o Rei, ansioso. — Bom homem, esse *A* Egidius... tragam-no à nossa presença assim que ele chegar!

Houve alguma hesitação na resposta a essa pergunta. Afinal alguém reuniu coragem.

— Com seu perdão, senhor, mas ouvimos dizer que o fazendeiro tomou o caminho de casa. Mas sem dúvida ele se apresentará aqui em trajes adequados na primeira oportunidade.

— Sem dúvida — disse o Rei. — Diabos levem seus trajes! Não foi correto ele ir para casa sem se apresentar. Estamos muito irritados.

A primeira oportunidade surgiu e passou, da mesma forma que muitas outras.

Com efeito, Mestre Gil já estava de volta havia uma semana ou mais, e nenhuma palavra ou notícia dele ainda tinha chegado à corte.

No décimo dia, o Rei teve um acesso de cólera.

— Mandem buscar o camarada! — disse ele. Era um dia inteiro de cavalgada forçada até Ham, só de ida.

— Ele não virá, senhor! — disse um mensageiro, trêmulo, dois dias depois.

— Pelos raios dos infernos! — disse o Rei. — Ordenem-lhe que venha na próxima terça-feira, ou será condenado à prisão perpétua!

— Perdão, senhor, mas ele ainda não quer vir — disse um mensageiro verdadeiramente aflito, ao voltar sozinho na terça-feira.

— Com dez mil demônios! — disse o Rei. — Levem este pateta para a cadeia no lugar do outro! Agora mandem alguns homens trazer o caipira acorrentado! — berrou ele aos que o cercavam.

— Quantos homens? — perguntaram, hesitantes. — Ele tem um dragão, Morde-cauda e...

— Tolices e bobagens*! — disse o Rei.

Mandou buscar seu cavalo branco, convocou seus cavaleiros (ou o que restava deles) e uma companhia de homens de armas e partiu, explodindo de raiva. A população inteira saiu correndo de casa, surpresa.

Só que Mestre Gil agora tinha se tornado mais do que o Herói do Campo: era o Bem-amado do País*. Por isso, as pessoas já não davam vivas aos cavaleiros e homens de armas que passavam, embora ainda tirassem o chapéu diante do Rei. À medida que ele se aproximava de Ham, os olhares foram se tornando mais carrancudos. Em alguns povoados, as pessoas fechavam as portas, e não se via um rosto sequer.

Foi então que o Rei passou da cólera inflamada à raiva surda. Seu ar era tenebroso quando finalmente chegou ao rio, na margem oposta a Ham e à casa do fazendeiro. Sua intenção era arrasar a casa e queimá-la. Mas lá estava Mestre Gil na ponte, montado na égua cinzenta com Morde-cauda na mão. Não se via mais ninguém, a não ser Garm, deitado no meio da estrada.

— Bom dia, senhor! — disse Gil, alegre como um dia ensolarado, sem esperar que o Rei falasse primeiro.

O Rei olhou-o friamente.

— Sua conduta não condiz com nossa presença -disse ele -, mas isso não é desculpa para você não se apresentar quando convocado.

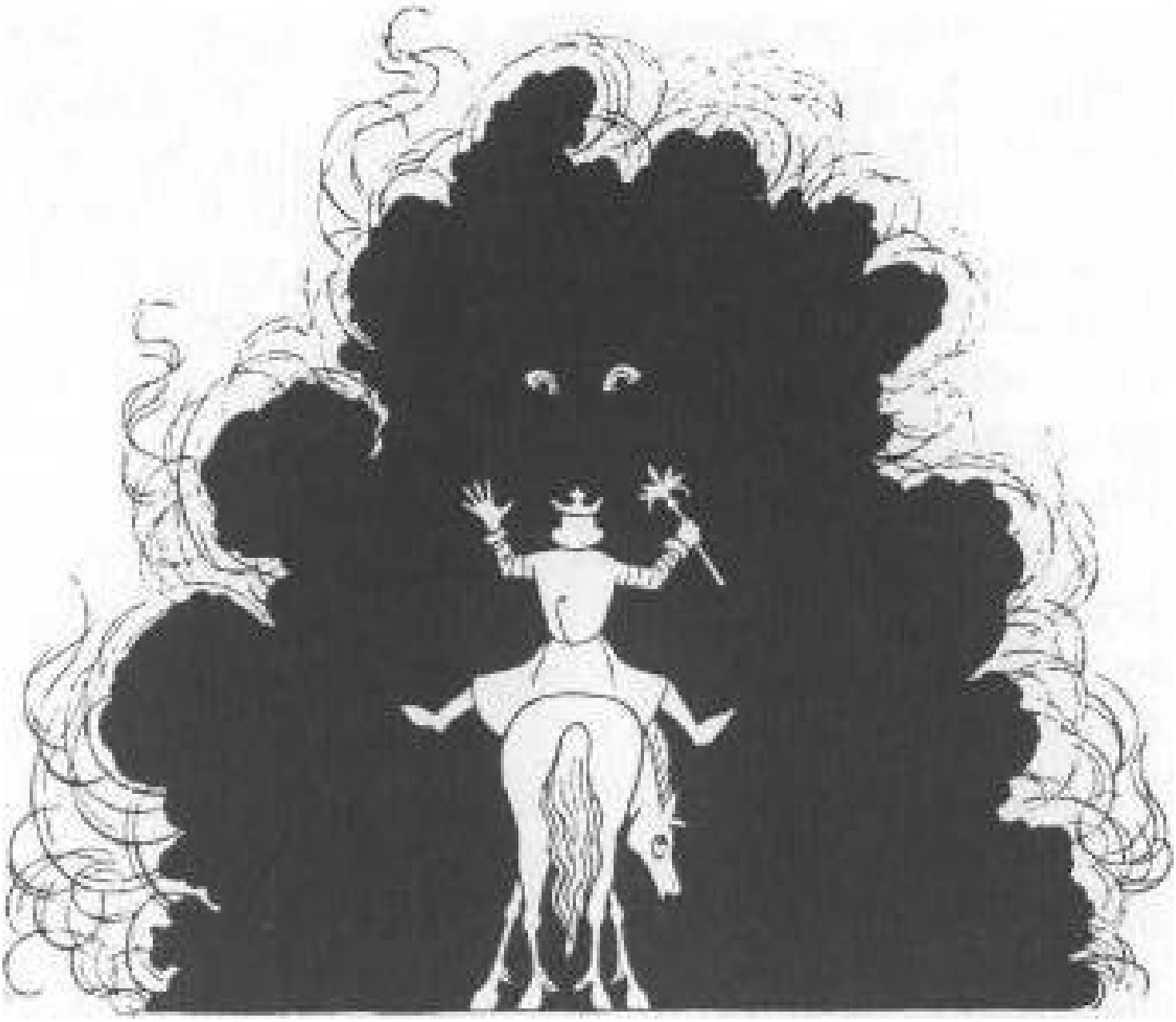
— Nem pensei nisso, senhor, e essa é a pura verdade — disse Gil. — Tinha assuntos particulares a tratar e já perdera bastante tempo cumprindo tarefas para o senhor.

— Com dez mil demônios! — gritou o Rei, novamente inflamado de cólera. —

Vão para o inferno você e sua insolência! Depois dessa, não receberá recompensa alguma! E será muita sorte se escapar do enforcamento. É o que acontecerá com você, a menos que peça nosso perdão neste exato momento e nos devolva nossa espada.

— É mesmo? — disse Gil. — Já recebi minha recompensa, creio eu. O que se encontra, se guarda; e o que se guarda, se tem. É o que dizemos por aqui. E na minha opinião Morde-cauda está melhor comigo que com seu pessoal. Mas, afinal, para que todos esses cavaleiros e homens? Se veio me visitar, seria bem-vindo com menos. Se veio me capturar, vai precisar de muitos mais.

O Rei engasgou, e os cavaleiros enrubesceram e abaixaram o olhar. Alguns dos homens abriram um sorriso, já que o Rei estava de costas para eles.



— Dê minha espada! — gritou o Rei, recuperando a voz, mas se esquecendo do plural*.

— Dê-nos sua coroa! — disse Gil, uma frase espantosa, como nunca tinha sido ouvida em todos os tempos do Reino Médio.

— Raios! Peguem esse homem e o amarrem! — gritou o Rei, justificadamente enfurecido. — O que estão fazendo aí parados? Peguem-no vivo ou morto.

Os homens de armas avançaram.

— Socorro! Socorro! Socorro! — gritou Garm.

Naquele exato momento, o dragão levantou-se de sob a ponte. Estava ali oculto, na margem oposta, bem no fundo do rio. Soltou então uma terrível nuvem de vapor, pois tinha bebido muitos

galões de água. Imediatamente formou-se um denso nevoeiro, onde só se viam os olhos vermelhos do dragão*.

— Voltem para casa, seus patetas — bramiu ele. — Ou os farei em pedaços. Já há cavaleiros congelados no passo da montanha e logo haverá mais no rio. Todos os cavalos e homens do Rei*! — rugiu.

Deu então um salto à frente e atingiu o cavalo branco do Rei com uma garra, o que o fez fugir a galope, como os dez mil demônios que o Rei mencionava com tanta freqüência. Os outros cavalos acompanharam à mesma velocidade: alguns já conheciam esse dragão e não gostavam das lembranças. Os homens de armas correram para todas as direções, exceto a de Ham.

O cavalo branco recebeu somente um arranhão e não teve permissão para se afastar muito. Dali a algum tempo, o Rei trouxe-o de volta. Fosse como fosse, ele era senhor do seu próprio cavalo, e ninguém poderia dizer que teve medo de qualquer homem ou dragão existente na Terra. Quando voltou, o nevoeiro tinha sumido, mas o mesmo acontecera com todos os seus cavaleiros e homens. Agora, a situação estava muito diferente, com o Rei totalmente só para conversar com um fazendeiro robusto, acompanhado de Morde-cauda e também de um dragão.

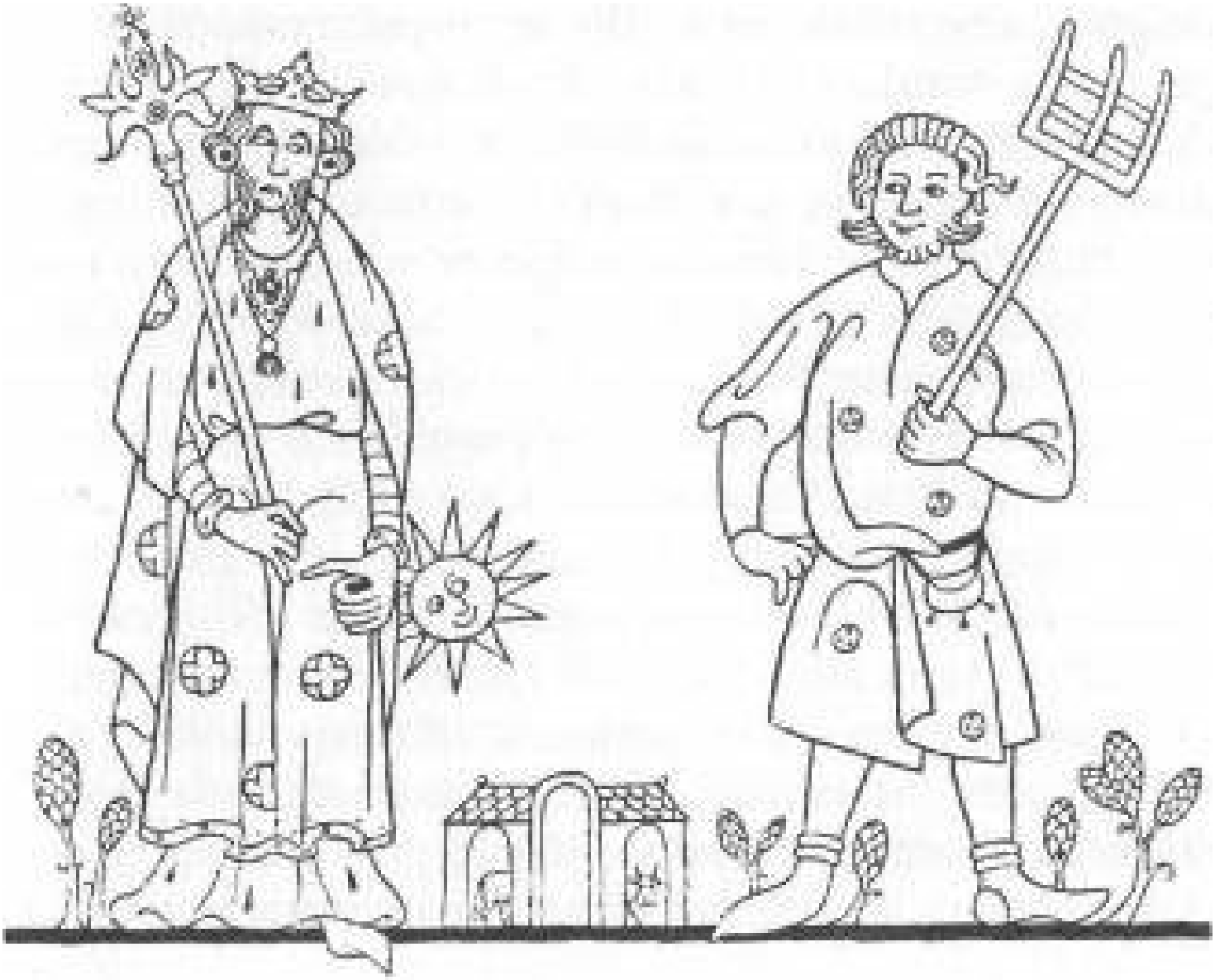
Mas a conversa de nada adiantou. Mestre Gil estava irredutível. Não se dispunha a ceder ou a lutar, muito embora o Rei o desafiasse a um duelo ali mesmo.

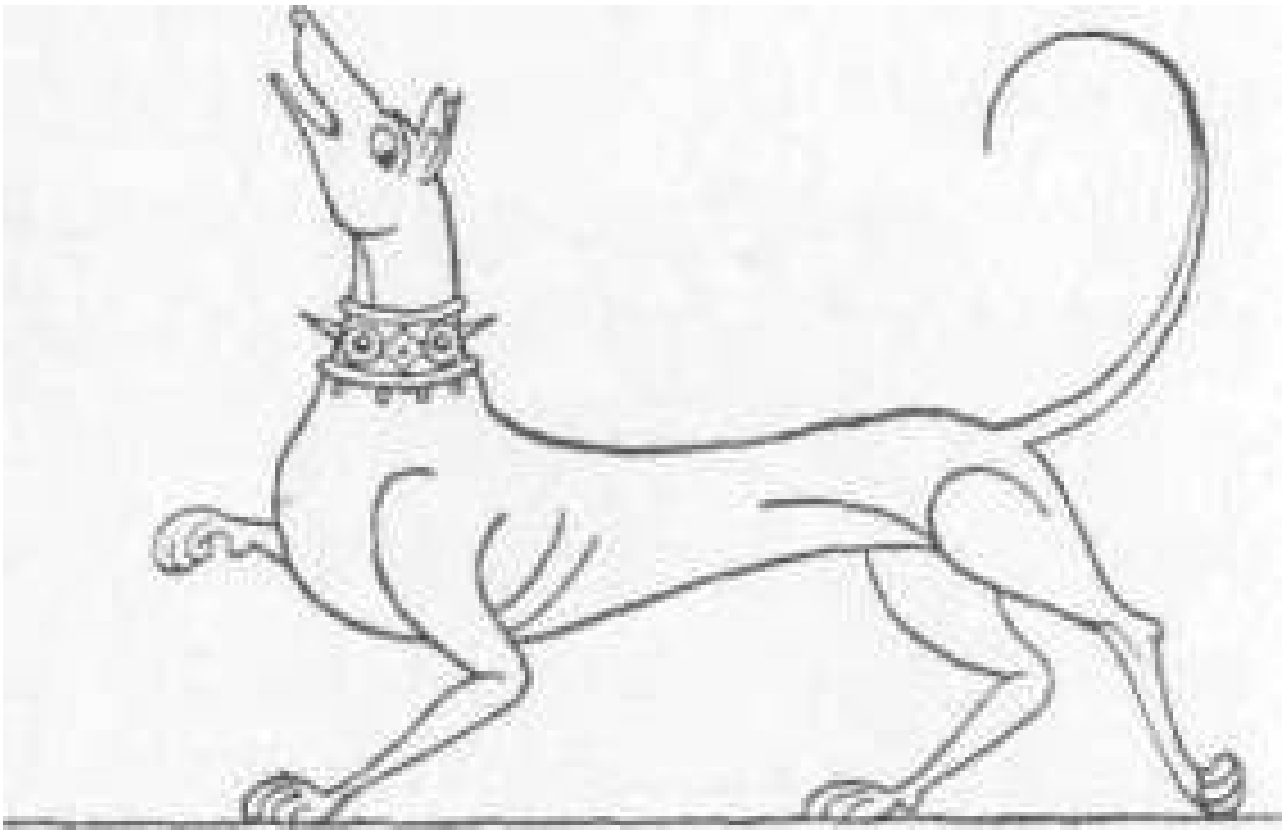
— Não, senhor! — disse ele, rindo. — Volte para casa e esfrie os ânimos! Não quero feri-lo, mas é melhor o senhor ir andando, ou não poderei responder pelo lagarto.

Tenha um bom-dia!

Esse foi o final da Batalha da Ponte de Ham. De todo o tesouro, nem uma moedinha o Rei conseguiu; nem um pedido de desculpas de Mestre Gil, que começava a ter uma opinião muito favorável sobre si mesmo. E mais: a partir daquele dia o poder do Reino Médio cessou na região. Por muitas milhas ao redor, os homens consideravam Gil seu senhor. O Rei, com todos os seus títulos, jamais conseguiu que homem algum atacasse o rebelde *A* Egidius, Bem-amado do País, tema de canções. Era impossível proibir todas as baladas que celebravam seus feitos. A canção preferida de todos tratava do encontro na ponte, numa centena de dísticos heróico-cômicos*.

Chrysophylax permaneceu muito tempo em Ham, para grande proveito de Gil; pois o homem que tem um dragão domesticado é alvo de um respeito natural. O dragão foi instalado no celeiro do dízimo*, com permissão do pároco, e ali era guardado pelos doze rapazes promissores. Foi assim que surgiu o primeiro dos títulos de Gil: Dominus de Domito Serpente, que na língua do povo quer dizer Senhor do Lagarto Manso, ou, na forma abreviada, Senhor de Tame*. Com esse título, era respeitado por toda parte, mas ainda pagava um tributo insignificante ao Rei: seis rabos de boi e meio litro de cerveja*, entregues no dia de São Matias*, data do encontro na ponte. Em pouco tempo, porém, passou de Senhor a Conde*, e o cinto do Conde de Tame* era bem comprido.





Após alguns anos, tornou-se Príncipe Julius *A* Egidius, e o tributo cessou. Pois Gil, dono de uma fortuna fabulosa, construíra para si um paço de imenso esplendor e reunira ao seu redor um enorme contingente de homens de armas. Eram muito brilhantes e alegres, pois seu equipamento era o melhor que se poderia encontrar. Cada um dos doze rapazes promissores tornou-se capitão. Garm ganhou uma coleira de ouro e, enquanto viveu, perambulou à vontade, um cachorro orgulhoso e feliz, se bem que fosse insuportável com seus colegas, pois esperava que eles lhe dedicassem o devido respeito, tendo em vista o terror e assombro inspirados por seu dono. A égua cinzenta chegou em paz ao final dos seus dias, sem dar nenhuma pista do que lhe passava pela cabeça.

No final, é claro que Gil se tornou rei, Rei do Pequeno Reino. Foi coroado em Ham com o nome de *A* Egidius Draconarius, mas era mais conhecido como o Velho Gil do Lagarto. Pois a língua do povo era moda na sua corte, e nenhum dos seus discursos foi

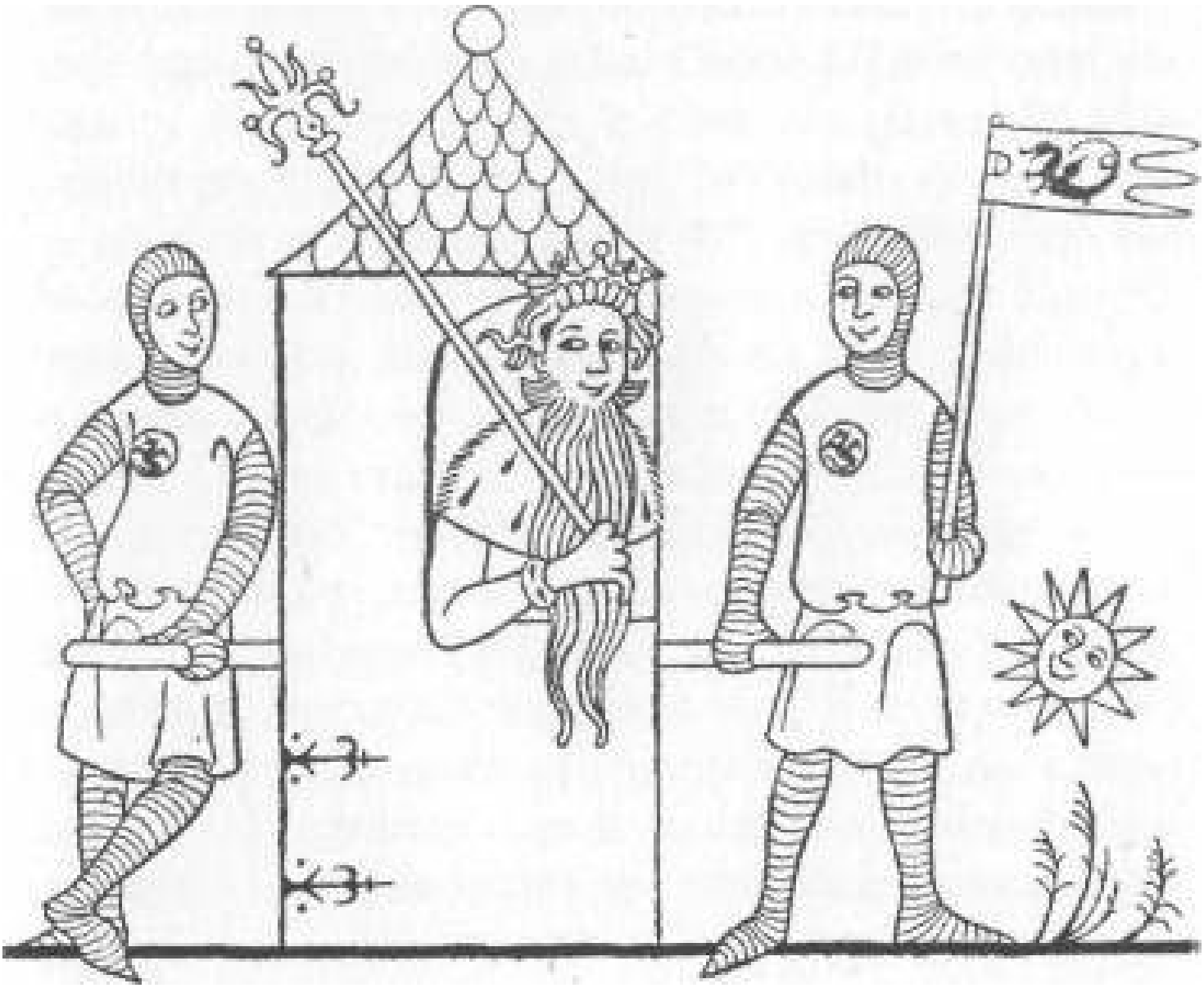
feito em latim literário. Sua mulher tornou-se uma rainha de grande majestade, que mantinha as contas da casa sob rédea curta. Não havia como dar uma volta na Rainha Agatha — no mínimo era preciso andar muito.

Gil envelheceu e se tornou venerável, com uma barba branca que lhe descia até os joelhos, uma corte muito respeitável (na qual era freqüente que o mérito fosse recompensado) e uma ordem de cavalaria totalmente nova. Eram os Guardas do Lagarto*, que tinham como pavilhão* um dragão e como principais membros os doze rapazes promissores.

Pode-se dizer que Gil deveu sua ascensão em grande parte à sorte, se bem que revelasse certa argúcia no seu uso. Tanto a sorte quanto a argúcia o acompanharam até o final dos seus dias, o que foi de grande benefício para seus amigos e vizinhos. Ele deu ao pároco uma generosa recompensa; e até mesmo o ferreiro e o moleiro receberam seu quinhão, pois Gil tinha

condições de ser generoso. No entanto, depois que se tornou rei, criou uma lei rigorosa contra profecias desagradáveis e tornou a moagem um monopólio da realeza. O ferreiro trocou seu ofício pelo de encarregado de casa funerária, mas o moleiro tornou-se um obsequioso servo da coroa*. O pároco foi promovido a bispo e instalou sua sé na igreja de Ham, que foi devidamente ampliada.

Quem ainda vive nas terras do Pequeno Reino vai encontrar nesta história a verdadeira explicação para os nomes que algumas de suas cidadezinhas e aldeias apresentam nos dias atuais. Os especialistas nesses assuntos nos informam que Ham,



que se tornou a principal cidade do novo reino, por uma confusão natural entre o Senhor de Ham e o Senhor de Tame, passou a ser conhecida por este último nome, que mantém até hoje, já que Thame com *h* é uma tolice sem justificativa*. Enquanto isso, em memória ao dragão, em quem sua fama e sua fortuna se apoiavam, os Draconari construíram para si uma casa enorme, cerca de quatro milhas a noroeste de Tame*, no local em que Gil e Chrysophylax se conheceram. Esse lugar tornou-se conhecido no Reino inteiro como Aula Draconaria ou, na língua do povo,

Worminghal *, em homenagem ao nome do Rei e seu estandarte. Desde aquela época, o aspecto físico da região sofreu mudanças: reinos surgiram e desapareceram, bosques foram derrubados, rios mudaram de lugar e somente as colinas permaneceram, desgastadas pela chuva e pelo vento. Mesmo assim, o nome perdura, se bem que os homens agora o pronunciem Wunnle (ou foi o que me informaram), pois as aldeias caíram da sua altivez. Mas nos tempos relatados nesta história era mesmo Worminghall*, e ali ficava a sede do Reino*; e o estandarte-do-dragão tremulava acima das árvores; e tudo ali transcorria bem e com alegria, enquanto Morde-cauda permaneceu acima do chão*.

Posfácio

CHRYSOPHYLAX implorava com freqüência por liberdade; e alimentá-lo se tornou dispendioso, pois ele continuava a crescer, tal como acontece com dragões enquanto viverem. Depois de alguns anos, quando Gil já se sentia firmemente estabelecido, resolveu deixar o pobre lagarto voltar para casa. Despediram-se com expressões de mútua estima e com um pacto de não-agressão por parte de cada um. No fundo de seu coração cruel, o dragão nutria por Gil um sentimento tão afetuoso quanto um dragão poderia nutrir por alguém. Afinal de contas, havia Morde-cauda, que poderia ter-lhe tirado a vida com facilidade, e também seu próprio tesouro. O fato era que ele ainda possuía um tesouro enorme em casa, na caverna (como Gil suspeitava).

Ele voltou voando para as montanhas, devagar e com muito esforço, pois suas asas estavam destreinadas, depois de tanto tempo sem uso, e seu tamanho e couraça tinham aumentado enormemente. Ao chegar em casa, de imediato expulsou um jovem dragão que cometera a temeridade de fixar residência na sua caverna, enquanto estava ausente. Dizem que o barulho da luta foi ouvido por toda a Venedotia*. Quando, com enorme satisfação, devorou seu adversário derrotado, Chrysophylax sentiu-se melhor, as cicatrizes da sua humilhação foram amenizadas e ele pôde dormir por um bom tempo.

Porém, acordando de repente, partiu em busca do mais alto e mais tolo dos gigantes, que tinha começado toda aquela encrenca numa noite de verão, muito tempo atrás. Passou-lhe um bom sermão, e o pobre camarada se sentiu arrasadíssimo.

— Um bacamarte, era isso mesmo? — perguntou, coçando a cabeça. — Achei que fossem mutucas!

Fínís

ou, na língua do povo, **FIM**

A primeira versão (manuscrita)

PAPAI começou a contar uma história, e foi isto o que ele disse: Era uma vez um gigante, um gigante bem grande: seu cajado era como uma árvore, e seus pés eram enormes. Se ele tivesse passado por esta estrada, teria deixado buracos no chão; se tivesse pisado no nosso jardim, teria esmagado tudo; e se tivesse tropeçado na nossa casa, não teria sobrado nada. E teria sido muito fácil ele tropeçar, já que sua cabeça ficava muito acima do telhado da casa e ele raramente olhava para onde seus pés estavam indo.

Felizmente, esse gigante morava muito longe daqui, distante de qualquer lugar habitado por gente. Possuía uma enorme casa de gigante no meio das montanhas, mas tinha pouquíssimos amigos e costumava passear totalmente só, pelos montes e locais ermos ao pé das montanhas.

Um dia, depois de muito caminhar, percebeu que estava chegando a hora do jantar. Virou-se para voltar para casa e andou sem parar até escurecer. Descobriu que estava perdido numa parte do país que desconhecia totalmente. Por isso, sentou e esperou a lua nascer. Em seguida, andou bastante sob o luar, sem saber que ia na direção errada, aproximando-se de lugares habitados por gente, em especial da fazenda de Mestre Gil e do povoado chamado Ham.

Era uma noite quente, e as vacas estavam nos campos. O cachorro de Mestre Gil tinha saído de

casa para dar um longo passeio (o que não tinha permissão para fazer) sozinho. Ele sabia que os coelhos adoram o luar, mas é claro que não fazia idéia de que um gigante também estava dando umas voltas.

Quanto ao gigante, ele agora estava nas terras de Mestre Gil, pisoteando as cercas-vivas de modo absolutamente revoltante. O cachorro ouviu as pancadas surdas quando seguia pelo vale que margeava o rio, e subiu até a crista do morro para ver o que estava acontecendo.

De repente, viu o gigante atravessar o rio com uma só passada e pisotear uma das melhores vacas do fazendeiro, esmagando a pobre coitada como se fosse um besouro.

Aquilo bastou para o cachorro. Deu um ganido de pavor e fugiu para casa em disparada. Totalmente esquecido de que não tinha que estar ali fora, correu, latiu e uivou diante da janela do quarto de Mestre Gil.

Mestre Gil apareceu na janela:

— Cachorro, o que você está fazendo? — perguntou.

— Nada — disse o cachorro. — Mas tem um gigante nas suas terras fazendo coisas terríveis. Está pisoteando suas vacas. E se o senhor não se levantar agora e agir com bravura, não vão lhe sobrar sebes, lavouras, carneiros nem vacas. — E o cachorro começou a uivar.

— Cale a boca! — disse o fazendeiro, fechando a janela. E, embora a noite estivesse quente, sentiu um calafrio e estremeceu. Estava muito preocupado com as vacas, e talvez não acreditasse que fosse um gigante de verdade, um gigante realmente grande, como o cachorro dissera.

Entrou então na cozinha e apanhou um bacamarte que estava pendurado na parede.

— Papai, o que é um bacamarte?

— Um bacamarte é uma espécie de espingarda grande e gorda, com uma boca que se abre na ponta como uma corneta, que dispara com um estrondo incrível e às vezes acerta naquilo que se está mirando.

Pois bem, Mestre Gil apanhou o bacamarte e nele enfiou pregos velhos e pedacinhos de chumbo, cacos de louça, correntes velhas, ossos e pedras, e muito algodão. Depois encheu o outro lado com pólvora, calçou as botas, vestiu o sobretudo e saiu para o jardim.

Não via nada além da lua brilhando. Mas achou que ouvira umas pancadas muito fortes, morro acima. Lembrou-se do que o cachorro dissera, que precisava agir com bravura, e (apesar de não ter a menor vontade de fazê-lo) aproximou-se da borda do monte.

Foi nesse exato instante que a cara do gigante surgiu acima do cume do monte (seus pés ainda

estavam longe, devastando os campos). A lua iluminava o rosto do gigante, de modo que ele não viu o fazendeiro. Mas o fazendeiro o viu, e seu terror foi real, verdadeiro e imenso. Sem pensar, disparou o bacamarte — bangue! Atirou direto na carantonha do gigante, e da arma saíram algodão, ossos, pedras, pedaços de corrente, cacos, chumbo e pregos. Muitos objetos atingiram o gigante no rosto, e um prego fincou-se no nariz dele.

— Droga! — disse o gigante. — Estou sendo picado por criaturas desagradáveis.

Deve haver mosquitos ou mesmo mutucas por aqui. E das grandes, senão eu não as sentiria. Acho que vou mudar de direção!

Apanhou um par de carneiros na encosta para comer quando chegasse em casa e voltou a caminhar ao longo do rio. Só Deus sabe o que lhe aconteceu depois disso.

Imagino que tenha encontrado o caminho de casa. Seja como for, não voltou a incomodar Mestre Gil.

Quanto a Mestre Gil, quando o bacamarte disparou com estrondo, ele caiu para trás e ficou deitado no chão, olhando para a lua e esperando que o gigante o pisoteasse.

E o que ouviu em seguida foram os vivas das pessoas. Levantou-se e esfregou a cabeça. Todos os moradores de Ham estavam olhando pela janela, e muitos se vestiram e foram até a encosta. Tinham ouvido os estrondos apavorantes dos pés do gigante, e em sua maioria se esconderam até a cabeça, embaixo das cobertas; alguns até entraram debaixo da cama. Mas o cachorro tinha seu dono em alta conta e sentia tanto medo do fazendeiro quando este estava com raiva, que não conseguia imaginar que não intimidasse nem mesmo um gigante. E agora vinha correndo por todo o povoado, latindo e berrando.

— Levantem-se, levantem-se! Venham ver Mestre Gil agir com muita bravura.

Mestre Gil vai atirar num gigante por invasão de propriedade!

E quando as pessoas e o cachorro viram o gigante dar meia-volta e ir embora, todos disseram que Mestre Gil o havia espantado, e que ele provavelmente morreria de medo e das balas do bacamarte, e todos começaram a festejar.

Todos vieram apertar as mãos do fazendeiro, e alguns deles, o pároco, o moleiro e mais uma ou duas pessoas importantes, deram-lhe tapinhas nas costas. Depois de tomar um gole e distribuir rodadas a um monte de pessoas que nada tinham feito para merecer essa cortesia, Mestre Gil começou a sentir tanta coragem quanto afirmavam que tinha. No dia seguinte de manhã, sentia-se ainda mais corajoso. Dentro de uma semana, tornara-se realmente importante, o Herói do Campo.

Finalmente, a notícia chegou até mesmo aos ouvidos do Rei, e ele enviou uma carta magnífica, escrita em ouro, com um grande selo vermelho, a seu leal e mui amado súdito Gil e, ainda

melhor, enviou-lhe um cinto e uma grande espada.

O próprio Rei não chegara a usar a espada. Ela pertencia à sua família e estava guardada no arsenal havia séculos.

Nem mesmo o armeiro do Rei sabia dizer como ela chegara ali ou qual era seu valor. Por isso, o Rei achou que aquele era um presente ideal. Fosse como fosse, espadas pesadas daquele tipo estavam muito fora de moda na corte naquela ocasião. No entanto, a satisfação de Mestre Gil foi imensa, e sua reputação nas imediações tornou-se enorme. Podem ter certeza de que ninguém ousou invadir suas terras a partir de então —

pelo menos ninguém de Ham.

E assim as coisas permaneceram por um bom tempo — até a chegada do dragão. Naquela época, embora as montanhas desabitadas não ficassem tão longe, os dragões já eram muito raros, pelo menos na região. Antigamente eram até comuns demais, mas a terra se tornara famosa pela bravura dos cavaleiros do Rei, e tantos dragões foram mortos que os sobreviventes desistiram de vir naquela direção. Ainda era costume servir Cauda de Dragão no Banquete de Natal do Rei, e um dos cavaleiros deveria sair à caça no dia de São Nicolau e voltar para casa com uma cauda de dragão, no máximo na Véspera de Natal. Mas já fazia muito tempo que o Cozinheiro Real criara uma Cauda de Dragão de imitação, feita de gelatina, geléia* e pasta de amêndoas, com belas escamas de açúcar de confeiteiro, para ser levada pelo cavaleiro-mor até o salão na véspera de Natal, enquanto os violinos tocavam e os clarins soavam.

Era essa a situação quando um dragão de verdade apareceu, não sei por que motivo. O inverno que se seguiu ao verão da visita do gigante foi rigoroso. Portanto, talvez tenha sido pela fome.

Ou talvez tenha sido pela curiosidade. Afinal de contas, os dragões podiam estar se esquecendo dos cavaleiros e de suas espadas, da mesma forma que os cavaleiros estavam se esquecendo dos dragões de verdade e se habituando a caudas de imitação, preparadas na cozinha. Seja como for, os dragões têm vida longuíssima e memória tremenda. Logo, o mais provável é que fosse em decorrência do gigante. Eu diria que ele começou a falar, lá nas montanhas, sobre a região aqui embaixo, onde havia fartura de alimento, vacas nos prados e carneiros a serem colhidos direto da encosta, "se ao menos não houvesse moscas que picassem com tanta ferocidade".

Ora, se o dragão ouviu esse tipo de conversa, ele sem dúvida viria dar uma olhada, pois dragões não têm medo algum de moscas, seja de que tipo for. E veio.

Causou muitos estragos, destroçando e queimando, além de devorar vacas, carneiros e até cavalos.

Ele apareceu primeiro numa parte muito distante do país. No povoado de Mestre Gil, as pessoas ouviram a notícia e tagarelavam a respeito com prazer.

— Como nos velhos tempos — diziam. — E bem perto do Natal também. Faz tudo parecer

emocionante e antiquado.

Mesmo assim, o dragão continuava a causar estragos.

— E os cavaleiros do Rei? — as pessoas começaram a perguntar.

O que faziam os cavaleiros do Rei? Nada. Para começar, parecia que o Real Cozinheiro já tinha preparado a Cauda de Dragão para o Natal, e não seria interessante ofendê-lo trazendo uma cauda verdadeira na última hora. Era um serviçal muito estimado.

Depois, quando as pessoas disseram que a cauda não fazia diferença, que lhe cortassem fora a cabeça e interrompessem suas perversidades, revelou-se que infelizmente havia um grande torneio marcado para o dia de São João, ao qual cavaleiros de muitos outros reinos compareceriam para competir por um prêmio importante.

É lógico que seria impossível comprometer as chances dos cavaleiros do Rei enviando qualquer um deles para lutar com dragões enquanto o torneio internacional não estivesse encerrado. Em seguida, vinham os feriados do Ano-Novo. Assim os dias iam passando. E o dragão se aproximava cada vez mais do povoado de Mestre Gil.

Uma noite, já se via o clarão ao longe, do alto do monte. A cerca de dez milhas dali, o dragão tinha se instalado num bosque, que ardia em chamas saltitantes. Era um dragão quente quando queria — em especial depois de uma boa refeição.

Desse momento em diante, as pessoas começaram a olhar para Mestre Gil, e isso o deixava terrivelmente constrangido, mas ele não dava atenção. Em um dia ou dois, o dragão se aproximou mais algumas milhas. Então o fazendeiro começou a falar sobre o escândalo dos cavaleiros do Rei dizendo que gostaria de saber o que eles estavam fazendo.

— Nós também — disseram as pessoas.

— Afinal de contas — disse, porém, o moleiro -, nosso Mestre Gil é uma espécie de cavaleiro. O Rei não lhe mandou uma espada de cavaleiro? É verdade que ele não o nomeou cavaleiro, nem disse "levante-se *Sir* Gil", mas poderia fazê-lo se lhe solicitassem.

O fazendeiro disse que não era digno dessa honraria e que tinha orgulho de ser um homem simples e honesto, nem um pouco melhor que seus vizinhos, como o moleiro.

— E é preciso ser cavaleiro para matar um dragão? — perguntou então o pároco.

— Nosso bom Gil não tem a bravura de um cavaleiro?

Toda a gente respondeu "Claro que não" (à primeira pergunta) e "Tem, sim, hurra!" (à segunda).

O fazendeiro voltou para casa muitíssimo constrangido e escondeu a espada num armário. *Antes*

ela estava pendurada acima do console da lareira.

O dragão passou para o povoado vizinho e não devorou apenas carneiros e vacas; comeu o pároco também. A comoção foi terrível.

Toda a gente subiu o monte, liderada pelo pároco local, para uma visita a Mestre Gil.

— Contamos com você — disseram. E contavam. Não desviaram os olhos dele até o rosto do fazendeiro ficar tão vermelho quanto seu colete. — Quando vai partir? —

perguntaram.

— Bem, hoje não vou poder — disse ele. — Estou ocupadíssimo, com meu vaqueiro doente. Vou pensar num jeito.

Eles foram embora. Ao meio-dia, o dragão chegou mais perto. E eles vieram novamente.

— Contamos com você, Mestre Gil.

— Bem, a situação está muito difícil para mim neste momento. Meu cavalo ficou manco, e a parição de cordeiros começou cedo. Vou dar um jeito, assim que for possível.

E foram todos embora, menos o pároco, que se convidou para o jantar e disse um monte de coisas muito estranhas. Pediu para ver a espada. Quando Gil a tirou do armário, ela saltou da bainha, quase matando o fazendeiro e o pároco de susto e fazendo-os derrubar a cerveja.

Mas o pároco a apanhou com cuidado e a devolveu à bainha — até onde a espada permitiu, pois não quis entrar de modo algum e saltou fora de novo assim que ele a largou.

— Minha nossa! — disse o pároco, e deu uma boa olhada na bainha. Era um homem letrado, mas o fazendeiro não sabia ler nem letras maiúsculas simples. Era por isso que nunca percebera o que estava escrito na bainha. Quanto ao armeiro do Rei, estava tão acostumado a runas e inscrições em espadas e bainhas que nunca se dera ao trabalho de olhar para aquela. Mas o pároco olhou. E o que viu o deixou surpreso, porque não conseguiu entender. Por isso, copiou a inscrição no seu caderno e foi embora depois do jantar.

Quando chegou em casa, tirou muitos livros eruditos das estantes e passou a noite em claro. No dia seguinte, o dragão aproximou-se ainda mais, e todas as pessoas fecharam as portas e trancaram as janelas. Os que tinham adega desceram e ficaram lá, trêmulos, à luz de velas.

No entanto, o pároco saiu e foi de porta em porta contar o que havia descoberto.

— Mestre Gil está com a espada chamada Morde-cauda, que pertenceu ao maior de todos os matadores de dragões dos tempos do tetravô do nosso Rei — disse ele. —

Ela se recusa a permanecer embainhada se houver um dragão num raio de cem milhas; e sem

dúvida, nas mãos de um bravo, nenhum dragão poderá lhe oferecer resistência.

Então algumas pessoas puseram a cabeça para fora da janela, e houve até quem saísse de casa. No final, alguns subiram o monte com o pároco, apesar dos olhares ansiosos lançados para o outro lado do rio. Não havia sinal do dragão. Provavelmente estava dormindo. Vinha se alimentando muito bem durante todo aquele período natalino.

Bateram com força na porta do fazendeiro. Ele saiu, com a cara bastante vermelha. Estivera bebendo muita cerveja. Todos começaram a elogiá-lo e a chamá-lo de Herói do Campo, a falar de Morde-cauda e da espada que se recusava a ficar na bainha, de "vencer ou morrer", da glória dos pequenos proprietários rurais e da espinha dorsal do país, até o fazendeiro ficar mais confuso que nunca. Então o pároco esclareceu.

Talvez o fazendeiro se sentisse um pouco aliviado ao saber que sua espada era Morde-cauda, a mesma sobre a qual ouvira histórias quando menino. Fosse como fosse, percebia que algo precisava ser feito ou sua reputação local (que lhe havia sido muito agradável) estaria arruinada para sempre. Também tinha bebido muita cerveja.

Mesmo assim, fez mais um esforço para postergar o momento fatal.

— O quê! Com esse colete e essas perneiras velhas? — disse. — Pelo que sei, lutar com dragões exige algum tipo de armadura. Não há nenhuma armadura nesta casa, é a pura verdade — disse ele.

Todos admitiram que a situação era um pouco embaraçosa, mas mandaram chamar o ferreiro. O ferreiro abanou a cabeça.

— Esse trabalho levaria dias e mais dias — disse ele -, e antes disso já estaremos na cova ou no mínimo dentro do dragão.

Era um homem sorumbático. Com aquelas palavras, o povo começou a se lamentar, e o ferreiro ficou satisfeitíssimo. Ele nem mesmo assoviava no trabalho a não ser quando alguma tragédia (como uma geada em maio) acontecia de acordo com suas previsões. Como estava sempre fazendo previsões, às vezes as coisas acabavam acontecendo como ele dizia. No entanto, a satisfação o animou, e ele teve uma idéia. Fez o fazendeiro trazer-lhe um colete de couro reforçado que possuía e o levou para casa, a fim de que sua mulher prendesse mangas de couro nele. Abriu todos os elos das correntes menores que estavam jogadas pela oficina e os uniu a marteladas. Depois, eles prenderam todos os elos no casaco de couro até ele se tornar uma espécie de pesado gibão de cota de malha. Levaram um dia e meio nisso e, no final, tinham feito também um gorro de couro e malha do mesmo tipo. Então, levaram o traje ao fazendeiro.

Agora Mestre Gil não tinha desculpa. Calçou as botas de cano alto e um velho par de esporas, vestiu o casaco de cota de malha e o gorro. Os elos retiniam e tilintavam quando ele andava, como um monte de sinos de Cantuária. Mas ele pôs um velho chapéu de feltro por cima do gorro

e uma velha capa por cima da cota de malha, talvez para abafar os retinidos. É totalmente desnecessário que um dragão saiba, com antecedência, que se está vindo pela estrada. De qualquer modo, ele estava muito engraçado.

Amarraram na sua cintura o cinto e a bainha, mas a espada ele teve de carregar, pois ela não entrava na bainha. Ele montou na égua cinzenta e seguiu caminho muito infeliz, embora as pessoas batessem palmas e dessem vivas.

Desceu o monte e atravessou o rio. Mas, quando já estava bem longe, seguiu devagar. Em pouco tempo, já tinha saído das próprias terras e chegado às regiões visitadas pelo dragão. Árvores quebradas, sebes e pastos queimados e um silêncio desagradável e inquietante logo o alertaram para isso. Àquela altura, sentia muito calor e comichões e não parava de enxugar o rosto com um lenço enorme (não um lenço vermelho; esse ele deixara em casa, pois achava que trapos vermelhos tornam os dragões especialmente ferozes).

Mesmo assim, não encontrou o dragão. Percorreu todas as trilhas, passou pelos campos abandonados de outros fazendeiros, e ainda assim não encontrou o dragão.

Começava a se perguntar se já não teria cumprido seu dever e procurado o suficiente. Só pensava em dar meia-volta, no jantar e na história que contaria aos amigos: de que o dragão ouvira sua aproximação e fugira voando. Quando fez uma curva, lá estava o dragão deitado, meio atravessado por cima de uma sebe, com a cabeça horrenda no meio da estrada.

A égua cinzenta caiu sentada, e Mestre Gil foi jogado dentro de uma vala.

Quando pôs a cabeça para fora, ali estava o dragão, bem acordado, olhando para ele.

— Bom dia! — disse o dragão. — Você parece surpreso.

— Bom dia — disse o fazendeiro. — Estou mesmo!

— Perdoe-me perguntar — disse o dragão, que, cheio de suspeitas, tinha empinado uma orelha quando ouviu o tilintar da cota de malha. — Por acaso, você vinha me matar?

— Não, não — apressou-se em dizer o fazendeiro, saindo da vala e recuando na direção da égua.

O dragão lambeu os beiços. Era um dragão perverso, como todos, mas não muito corajoso (alguns deles não são mesmo), e apreciava comida pela qual não tivesse de lutar.

— Espere aí um minutinho — disse ele. — Você deixou cair alguma coisa. —

Com isso pretendia distrair a atenção do fazendeiro para agarrar tanto a ele quanto à égua e transformá-los numa refeição.

Foi então que o fazendeiro percebeu que tinha deixado cair a espada. Ele a apanhou, e o dragão

deu o bote, mas não tão rápido quanto Morde-cauda. Assim que se viu na mão do fazendeiro, ela saltou à frente, direto nos olhos do dragão, e refulgiu ao sol.

— Epa — disse o dragão, parando de imediato. — O que é isso aí na sua mão?

— Só Morde-cauda, que o Rei me deu de presente — disse Gil.

— Ui, peço-lhe desculpas — disse o dragão, deitando-se prostrado.

O fazendeiro começou a se sentir mais à vontade.

— Volte daqui mesmo, seu animal cruel e irritante — começou Mestre Gil, avançando na direção do dragão com os braços em movimento, como se quisesse enxotá-lo para sempre de volta às suas montanhas malignas.

Foi o suficiente para Morde-cauda. Ela atravessou o ar como um raio e desfechou um sonoro golpe, bem na articulação da asa direita do dragão. O ferimento foi sério, mesmo através das escamas (é claro que Gil não sabia nada sobre a forma correta de matar dragões, ou a espada teria ido parar num local mais macio). Mas foi mais do que suficiente para o dragão — que não pôde usar as asas por semanas. Ele se levantou e deu meia-volta para voar. O fazendeiro montou na égua. O dragão não conseguiu voar, apenas correr. E correu mesmo. A égua também. O dragão galopou. A égua também. O

fazendeiro berrava e gritava, como se estivesse assistindo a uma corrida de cavalos. E o tempo todo agitava Morde-cauda. Quanto mais o dragão corria, mais pavor sentia. Quanto mais o fazendeiro agitava Morde-cauda, mais confuso e atordoado ele ficava. O tempo todo a égua cinzenta dava tudo de si. Galopavam pelos caminhos, através de buracos nas sebes, pelos campos e córregos. O dragão rugia, fumegava e já perdia toda a noção de direção.

Assim, atravessaram o rio e desceram com estrépito pelo meio da aldeia. Todos os moradores estavam à janela ou em cima do telhado. Alguns davam vivas; outros riam.

Alguns batiam em latas, panelas e chaleiras; outros sopravam clarins e apitos. O pároco mandou fazer soar os sinos da igreja. Havia anos não se via tanto rebuliço, alvoroço e comoção, nem mesmo em época de festa.

Bem do lado de fora da igreja, o dragão desistiu. Deitou-se no meio da rua e arquejou.

— Boa gente e bravo guerreiro — disse ele quando o fazendeiro se aproximou, enquanto toda a população se mantinha a uma distância razoável, com forcados e atiçadores nas mãos. — Boa gente! Não me matem. Sou um dragão riquíssimo. Pagarei por todos os estragos. Pagarei por todas as pessoas que matei. Darei a todos vocês um presente realmente valioso, se ao menos me permitirem ir buscá-lo.

— De quanto? — disse o fazendeiro.

— Bem — disse o dragão, refletindo, pois a multidão era muito numerosa — 13

xelins e 8 pence para cada um?

— Uma ninharia — disse o fazendeiro. E todos concordaram.

— Dois guinéus de ouro para cada adulto e meio guinéu por criança? — sugeriu o dragão.

— Continue — disse o fazendeiro, e todos concordaram.

— Dez libras e uma bolsa de prata por cabeça? — disse ele.

— Matem-no! — gritaram todos.

— Um saco de ouro para todos e diamantes para as damas? — disse ele.

— Agora você está chegando lá, mas ainda não é o suficiente — disseram.

— Pobre de mim, pobre de mim, vão me arruinar — disse ele.

— Você merece — disseram. — Pode escolher entre arruinar-se e ser abatido a sangue frio — responderam, aproximando-se mais.

No fundo, o dragão ria, mas não deixou que ninguém ouvisse. Dragões nunca são bobos, mesmo quando fogem. Mas nos últimos tempos era raro as pessoas lidarem com dragões e, por isso, não estavam acostumadas a todos os seus ardis.

O dragão estava recuperando o fôlego e a esperteza.

— Façam seu preço — disse ele.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo. O dragão sentou-se, mas não podia escapar porque Mestre Gil estava bem ali, com Morde-cauda, e cada vez que o dragão se mexia Morde-cauda dava um salto na sua direção.

— Traga toda a sua fortuna adquirida por meios escusos — disse afinal o pároco.

— Fortuna roubada há muito tempo, não tenho dúvida. Traga-a aqui para nós e a dividiremos com justiça. E, se você for muito educado e prometer nunca mais perturbar nossa terra, lhe devolveremos um pouquinho.

Assim, deixaram o dragão ir embora, com a promessa de que estaria de volta no dia de Reis, com toda a sua fortuna. Só se pode dizer que foi muita ingenuidade deles.

Aquele era o dia seguinte ao Ano-Novo. É claro que o Rei soube da notícia imediatamente e veio ao povoado, montado num cavalo branco com muitos cavaleiros e clarins. As pessoas vestiram

as melhores roupas e se postaram ao longo da rua. Mestre Gil ajoelhou-se diante do Rei e chegou a levar um tapinha nas costas, mas os cavaleiros fingiram não perceber.

O Rei explicou então, com muito cuidado, que a fortuna do dragão lhe pertencia, já que era senhor de toda aquela terra ("e não tenho dúvida de que foi tudo roubado de meus antepassados", disse). Naturalmente prometeu tomar providências para que Mestre Gil, o pároco e o ferreiro fossem devidamente recompensados e para que todos recebessem um presente, como demonstração do afeto que sentia por esse povoado

"onde a antiga coragem da nossa terra ainda é tão forte", nas suas palavras. Os cavaleiros estavam todos conversando uns com os outros sobre caçadas.

As pessoas fizeram reverências e mesuras, em humilde agradecimento, se bem que começassem a desejar ter fechado com a oferta de dez libras e uma bolsa de prata para todos, feita pelo dragão, mantendo o assunto só entre elas.

Mestre Gil era o único realmente satisfeito. Estava feliz por ter se saído bem de uma situação perigosa e por descobrir que sua reputação local estava mais alta do que nunca.

O Rei não foi embora. Fincou seus pavilhões nas terras de Mestre Gil e esperou pelo dia de Reis. Durante os quatro dias seguintes, o Rei e sua comitiva comeram a maior parte dos pães, ovos, frangos e toucinho, e beberam quase toda a cerveja que podia ser encontrada no lugar. No entanto, como pagava extremamente bem por tudo ("afinal de contas", pensava ele, "logo vou receber toda a fortuna do dragão"), as pessoas não se importavam.

Chegou o dia de Reis, e todos acordaram cedo. Os cavaleiros vestiram a armadura. Mestre Gil vestiu a cota de malha feita em casa (e os cavaleiros não ousaram rir para não irritar o Rei). Ele também apanhou Morde-cauda, que entrou na bainha sem nenhuma dificuldade.

O pároco olhou para a espada um pouco ansioso. Chegou a hora do almoço.

Depois a tarde — e Morde-cauda não dava sinal de pular para fora da bainha. Nenhum dos observadores no monte, nem os meninos que tinham subido no alto das árvores, conseguia ver indícios da chegada do dragão.

Foi só quando caiu a noite e as estrelas surgiram que eles começaram a suspeitar de que o dragão jamais tivesse pretendido voltar. Quando bateu a meia-noite e o dia de Reis terminou, encerrando assim os festejos natalinos para aquele ano, eles realmente ficaram ansiosos.

— Afinal de contas, ele estava com a asa muito ferida — disseram alguns.

Mas passou-se mais um dia e o seguinte. Então, perderam as esperanças, e o Rei enfureceu-se. Os alimentos começavam a escassear, e os cavaleiros estavam loucos para voltar aos divertimentos da corte. Mas o Rei queria dinheiro.

Mesmo assim, precisava partir. Despediu-se dos seus leais súditos, mas não foi tão gentil com Mestre Gil na partida como havia sido na chegada.

— Você receberá notícias minhas — disse, ao partir com seus cavaleiros e clarins.

As pessoas acharam que chegaria uma mensagem da corte, convocando o fazendeiro a se apresentar diante do Rei, no mínimo para ser nomeado cavaleiro. Mas, quando a mensagem chegou, era bem diferente. O Rei tinha decidido que, para a segurança do reino e a manutenção de sua honra e reputação, o dragão deveria ser encontrado e punido por traição. (O que ele queria, acima de tudo, era o tesouro, mas nunca o mencionou.) Todos os cavaleiros tinham recebido ordens de armar-se e partir a cavalo; e, como seu mui amado Mestre Gil já provara ser poderoso com dragões, e ainda por cima tinha um conhecimento desse dragão em especial, tendo-o seguido por muitas milhas no território do Rei, era o desejo de Sua Majestade que Mestre Gil seguisse na companhia dos cavaleiros.

As pessoas disseram que era de fato uma grande honra. O moleiro sentiu muita inveja do fazendeiro por acompanhar os cavaleiros. O pároco deu-lhe parabéns sinceros.

Mas Gil sentia-se muito perturbado. Não se podem dar desculpas a reis como se dão aos vizinhos. Por isso, com cordeiros ou sem eles, com aração ou sem ela, com muito leite ou sem nenhum, ele precisava montar na égua cinzenta e partir.

Quando Mestre Gil chegou à corte, encontrou todos os cavaleiros em cota de malha bem polida e com elmo na cabeça, já a cavalo. Só houve tempo para uma saideira*

de vinho quente que lhe foi entregue antes que partissem.

O dia já ia alto. "Tarde demais para sair à caça do dragão", pensou Gil; mas eles seguiram, numa longa fila, cavaleiros, escudeiros e serviçais com pôneis carregados com a bagagem. Mestre Gil seguiu a trote na sua égua cinzenta, logo atrás dos cavaleiros, até anoitecer, quando armaram as tendas. Foi assim também no dia seguinte, até que encontraram rastros do dragão.

— Que marcas são essas, Mestre Gil? — perguntaram.

— Pegadas de dragão — respondeu ele.

— Vá na dianteira — disseram eles.

Foi o que teve de fazer. Agora seguiam com Mestre Gil à frente, e todos os elos de corrente tilintavam no seu casaco de couro. Os cavaleiros riam e conversavam. Com eles seguia um menestrel, de modo que, de vez em quando, se uniam em coro ao refrão de uma canção e o cantavam todos juntos, a plenos pulmões.

Era muito animador, e as canções eram boas, pois tinham sido compostas havia algum tempo, quando as batalhas eram mais freqüentes que os torneios. Mas não era prudente. O dragão soube

da chegada dos cavaleiros muito antes que encontrassem sua caverna. Já não havia nenhuma chance de o apanharem cochilando.

Ora, quis a sorte que, quando afinal entraram em regiões montanhosas e começaram a percorrer trilhas pedregosas, em meio aos montes menos importantes, a égua de Mestre Gil começasse a mancar — ou talvez, por gostar tanto do seu dono (e ser um pouco parecida com ele), tivesse inventado uma desculpa para se livrar da posição de vanguarda em uma cavalgada por lugares tão medonhos e aparentemente perigosos.

Pouco a pouco, a égua foi ficando para trás na fila, e ninguém notou. Agora os rastros do dragão eram inconfundíveis. A expedição estava bem na região em que o dragão costumava passear ou pousar, depois de um breve vôo. Na realidade, todos os montes menores tinham o topo marrom, como se ali tivesse sido um parque para dragões por muitos séculos. E de fato tinha.

Mestre Gil estava satisfeito por não se encontrar mais em posição tão proeminente. E ficou mais ainda quando, no exato instante em que o sol se pôs no nono dia da cavalgada (portanto, dois dias depois da festa da Candelária), o dragão irrompeu desembestado, aos rugidos. Longe de casa, não tinha sido um dragão muito corajoso, mas agora estava quase louco de raiva, lutando à porta de casa, sem poder fugir e deixar desprotegidos todos os tesouros da caverna. Logo, lutar era preciso, o que fazia com valentia. Vocês devem lembrar que ele não tinha a menor idéia de que Mestre Gil e Morde-cauda fizessem parte do grupo. Àquela altura, Mestre Gil já estava bem na retaguarda, cavalgando em meio aos pôneis de carga. O dragão surgiu desenfreado, por detrás de uma saliência da montanha que ocultava a entrada para sua caverna, com o barulho de uma tempestade e uma explosão de fogo, semelhante a um trovão.

Todos pararam de cantar. Os cavalos refugaram para um lado ou para o outro, e alguns dos cavaleiros caíram. Os pôneis com a bagagem deram meia-volta e fugiram de pronto. Um bafo de fumaça sufocou a todos e, bem no meio da fumaça, o dragão colidiu com a primeira fileira de cavaleiros. Matou diversos antes que pudessem sequer fazer seus desafios formais ao combate, e vários foram derrubados com cavalo e tudo. Quanto aos outros, os cavalos se encarregaram de dar meia-volta para fugir, levando embora seus donos, quer desejassem, quer não. A maioria deles assim desejava.

Mas a velha égua cinzenta não se mexeu. Fincou as patas bem abertas e bufou, enquanto Mestre Gil se sacudia e tremia como gelatina em cima dela.

A égua estava cansada demais para que a fuga fosse bem-sucedida. Por instinto, sabia que dragões em corrida são piores atrás da gente do que à frente. Além disso, ela já conhecia esse dragão. Lembrava-se de tê-lo perseguido por vales e montes na sua terra natal, até ele se prostrar, manso, na rua principal do povoado.

Foi por isso que o dragão de repente viu Mestre Gil, bem ali diante dos seus olhos, com Morde-cauda na mão. Era a última coisa que esperava. Desviou bruscamente para um lado, como um morcego enorme, e se chocou com a encosta. A égua cinzenta aproximou-se (realmente aqui

não se pode dar o crédito a Mestre Gil). O dragão bufou.

Mestre Gil levantou o braço para se proteger do bafo quente (estava sem escudo), e lá saltou Morde-cauda lampejante, perigosamente perto do focinho do dragão.

— Ai! — disse o dragão, parando de bufar. Ele começou a tremer e a recuar. —

Espero que não tenha, por acaso, vindo me matar, meu bom senhor.

— Não, não — respondeu Mestre Gil (e a égua cinzenta torceu o nariz).

— Então, o que está fazendo com todos esses cavaleiros? — disse ele. —

Cavaleiros sempre matam dragões, se os dragões não os matarem primeiro.

— Não estou fazendo absolutamente nada com eles — disse Mestre Gil. — E, seja como for, todos se foram, quer dizer, aqueles que você deixou a cavalo. O que tem a dizer sobre sua promessa no último dia de Reis?

— Qual é o problema? — disse o dragão.

— Bem, agora vai ter de dar até a última peça do seu tesouro, e sem trapaças, ou se considere morto e eu ainda penduro seu couro no alto do campanário da igreja, como advertência. — Mestre Gil ganhava cada vez mais coragem, à medida que via o dragão vacilando. Era algo que havia aprendido na feira.

— É uma crueldade — disse o dragão.

— Promessa é dívida — disse Mestre Gil. — É a pura verdade.

— Não posso ficar com um anel ou dois, como recompensa pelo pagamento à vista? — perguntou o dragão.

— Nem com um botão de latão — disse o outro. Assim negociaram por um bom tempo, mas o final foi como seria de se esperar, pois, não importava o que dissessem a seu respeito, ninguém jamais se dera melhor que Mestre Gil numa pechincha. O dragão teve de voltar a pé para sua caverna e mostrar à égua cinzenta o caminho mais seguro para subir. Então Mestre Gil postou-se à porta, e o dragão entrou.

— Se você não voltar rapidinho, entro aí e corto sua cauda, só para começo de conversa — disse o fazendeiro.

Nem por um instante ele pretendia fazer isso. Bem que eu gostaria de ver Mestre Gil enfurnar-se no covil de um dragão, por qualquer dinheiro que fosse. Mas como o dragão ia saber disso, com Morde-cauda parecendo tão afiada, tão brilhante e tudo o mais? Por isso ele saiu ligeiro, com libras e mais libras de ouro e prata, uma arca de anéis e outras peças bonitas.

— Pronto! — disse ele.

— Como? — disse o fazendeiro. — Isso aí nem chega à metade do necessário; nem é tudo o que você possui, posso garantir.

— Claro que não — disse o dragão, tremendamente decepcionado por descobrir que a inteligência de Mestre Gil estava mais aguçada do que naquele dia no povoado. —

Mas não posso trazer tudo de uma vez.

— Nem em duas vezes, tenho certeza — disse Mestre Gil. — Volte lá e saia rápido, ou vou lhe dar uma mostra de Morde-cauda.

— Uuuui! — gemeu o dragão, entrando e saindo bem depressa.

— Pronto! — disse, despejando uma enorme quantidade de ouro e prata, além de dois baús de diamantes.

— Agora tente de novo — disse o fazendeiro — e trate de se esforçar mais.

— É muita, muita crueldade — disse o outro, quando voltava a entrar na caverna.

Àquela altura a égua cinzenta começava a ficar um pouco preocupada com a própria sorte. "Quem vai carregar todo esse peso para casa é o que me pergunto", pensou ela e lançou um olhar tão triste e prolongado para os sacos e caixas que o fazendeiro soube o que passava pela sua cabeça.

— Não se preocupe, menina — disse ele. — Vamos fazer o velho lagarto se encarregar do carreto.

— Tenha piedade de mim — disse o dragão, que por acaso ouvira esse último comentário quando saía da caverna pela terceira vez, com a maior carga de todas e as pedras mais preciosas. — Tenha piedade de mim! Se eu carregar tudo isso, será quase a minha morte, e um saco a mais eu jamais conseguiria carregar, nem que você me matasse por esse motivo — disse ele.

— Então restou mais alguma coisa, não é? — disse o fazendeiro.

— Um pouco — disse o dragão. — O suficiente para me manter com dignidade.

— Estava falando a verdade, provavelmente pela primeira vez na vida, o que acabou se revelando prudente. — Mas, se me deixar ficar com esse pouquinho — disse ele, muito matreiro -, serei seu amigo para sempre. Levarei todo esse tesouro até a casa de Vossa Senhoria, não à do Rei; e o ajudarei a guardá-lo, ainda por cima.

O fazendeiro apanhou um palito com a mão esquerda e palitou forte por um minuto.

— Fechado! — disse Mestre Gil, demonstrando discernimento e verdadeira sabedoria. Qualquer cavaleiro teria feito questão de todo o tesouro e, com grande probabilidade, nunca teria conseguido o carreto de volta, ou o tesouro poderia ter sido amaldiçoado; ou, ainda, talvez deixasse o dragão tão desesperado que ele acabaria lutando, com ou sem Morde-cauda.

Bem, foi assim que terminou. O fazendeiro encheu os bolsos de pedras preciosas, para a eventualidade de algo dar errado, e deu à égua cinzenta uma carga leve para carregar. Todo o resto, porém, o dragão teve de agüentar; e lá saiu trotando, com a égua nos calcanhares e o fazendeiro segurando Morde-cauda, muito feroz e chamejante, para mantê-lo no caminho certo.

Assim voltaram para casa. No sopé das montanhas, viraram à esquerda e nem passaram perto da corte do Rei. Mas as notícias sobre eles logo se espalharam como um incêndio. Todos os povoados estavam de luto, entristecidos pela queda dos bravos cavaleiros no passo da montanha (para não falar em Mestre Gil, que era dado como morto). Quanto ao Rei, roía as unhas e repuxava a barba; e ninguém ousava chegar perto dele.

Logo, porém, todos os sinos repicavam, e as pessoas vinham para a beira da estrada, cantando e agitando cachecóis, enquanto Mestre Gil passava com o dragão mansinho, mansinho, à sua frente. O barulho sobre tudo aquilo chegou à casa do Rei.

— Por que todo esse barulho? — perguntou o Rei. — Espero que o dragão não esteja vindo para cá. Convoquem meus cavaleiros, ou o que restou deles.

— Não há necessidade, senhor — disseram-lhe. — O dragão voltou, mas bem mansinho, com Mestre Gil logo atrás.

— Valha-me Deus! — disse o Rei, parecendo imensamente aliviado. — E pensar que seu funeral está marcado para depois de amanhã! Quando é que ele chega?

Houve alguma hesitação na resposta a essa pergunta.

— Infelizmente, meu amo e senhor, ele se encaminhou para sua própria casa —

disse alguém afinal. — Mas sem dúvida vai apressar-se a vir aqui, em trajes adequados, na primeira oportunidade.

— Falta de educação — disse o Rei -, mas o que se pode esperar de roceiros?

A primeira oportunidade apresentou-se e passou, da mesma forma que muitas outras. Na realidade, depois de uma semana, ainda não se tinha ouvido na corte nenhuma notícia de Mestre Gil nem do dragão.

— Mandem buscar o camarada! — disse o Rei, e eles mandaram.

— Ele não quer vir, senhor — disse um mensageiro, trêmulo.

— Pelos raios dos infernos — disse o Rei. — Ordenem-lhe que venha ou irá para a cadeia na terça-feira.

— Ele ainda não quer vir, senhor — disse um mensageiro, verdadeiramente aflito, na segunda.

— Com dez mil demônios! — disse o Rei. — Por que não trazem o homem?

— Ele tem Morde-cauda — disse o mensageiro — e... e...

— E... e... tolice — disse o Rei. Mandou aprontar seu cavalo branco, convocou seus cavaleiros e uma tropa de soldados e partiu, explodindo de raiva. E toda a gente saiu correndo de casa, surpresa. Mas Mestre Gil se tornara mais que o Herói do Campo; ele era o Bem-amado do País. E as pessoas não davam vivas aos soldados que passavam, se é que ainda tiravam o chapéu para o Rei.

Na realidade, era enorme a ira do Rei quando afinal chegou ao rio que o separava das terras de Mestre Gil. Lá estava Mestre Gil na ponte, montado na égua cinzenta e com Morde-cauda na mão.

— Bom dia, senhor — disse ele.

— O que você está querendo dizer, camarada? — disse o Rei. — Não há de receber recompensa alguma depois disso, e terá sorte se escapar da forca. E isso, só se vier humildemente e chorar, implorando meu perdão.

— Já recebi minha recompensa, essa é a verdade — disse o fazendeiro. — O

que se encontra se guarda, e o que se guarda se tem — disse ele. — E para que todos esses cavaleiros e soldados? Não são para fazer um fazendeiro acompanhá-lo espontaneamente, creio eu.

O Rei ficou muito vermelho, e os cavaleiros abaixaram os olhos, mas sem dúvida nunca tantos homens tinham saído para buscar um fazendeiro e levá-lo à corte.

— Dê-me sua espada! — disse o Rei.

— Dê-me sua coroa! — falou o fazendeiro, o que foi uma frase espantosa, jamais ouvida de um roceiro até então.

— Peguem esse homem e o amarrem — disse o Rei, verdadeira e justificadamente perplexo, e alguns soldados avançaram. Foi nesse exato instante que o dragão se levantou de sob a ponte, em meio a um tremendo vapor, pois tinha bebido muita água. Logo formou-se um denso nevoeiro, no qual só se viam os olhos vermelhos do dragão.

— Voltem para casa, seus patetas — disse o dragão -, ou os farei em pedaços.

Cavaleiros ainda jazem nos passos da montanha, e logo haverá outros no rio... e soldados também — rugiu.

Fincou uma garra no cavalo branco do Rei, o que o fez fugir a galope, como os dez mil demônios que o Rei mencionava com tanta freqüência. E é claro que todos os outros foram atrás dele. O cavalo branco não pôde ir longe porque o Rei logo o trouxe de volta. Ninguém poderia dizer que o Rei teve medo de qualquer homem ou dragão existente na Terra. No entanto, se o nevoeiro tinha desaparecido quando retornou, todos os seus cavaleiros e soldados também tinham sumido. Agora as coisas pareciam muito diferentes, com um rei sozinho para falar com Mestre Gil acompanhado de Morde-cauda e de um dragão.

De fato, foi esse o fim da Batalha da Ponte. Nem uma moedinha de todo o tesouro o Rei conseguiu, nem uma palavra sequer de desculpas do fazendeiro. E mais, daquele dia em diante, o antigo reino terminava no rio; e do outro lado, por muitas milhas, Mestre Gil era o senhor. O Rei jamais conseguiu que homem algum marchasse contra Gil, pois este se tornara o Bem-amado do País. Primeiro, chamavam-no Senhor Gil dos Povoados Livres*. Mas logo ele se tornou conde e mais tarde príncipe, depois de construir um belíssimo paço para si mesmo (porque era riquíssimo); e reuniu soldados, pagando aos melhores armeiros para trajá-los com esmero.

No final, era chamado Rei, o Rei do outro lado do rio. Quando estava velho e venerável, tinha uma barba branca e uma corte muito respeitável. E de fato era o que merecia. Sem dúvida, dava uma boa parte aos vizinhos, muito ao pároco, bastante ao ferreiro e até mesmo um pouco ao moleiro.

A família de Gil adotou o nome de Worming em homenagem ao dragão, e o povoado de Ham, dali em diante, ficou conhecido como Worminghal , por esse motivo.

Creio que ainda se pode encontrar o lugar no mapa, se bem que os rios tenham mudado desde aquela época e nenhum rei more por lá agora.

Seja como for, naquela época ela se tornou a sede do reino, e o pároco era seu bispo. Tudo ali dava certo e transcorria com alegria, enquanto Gil ou seus descendentes viveram.

Quanto ao dragão, permitiram-lhe ir embora. E se acreditava que a sorte tivesse sorrido para Mestre (quer dizer, para o Rei) Gil, não ousou dizer isso. Afinal de contas, sempre havia Morde-cauda — e, fosse como fosse, ele ainda tinha um bom tesouro em casa. Muito tempo depois, ele se encontrou por acaso com o gigante que deu início a tudo isso, ao fazer Mestre (quer dizer, o Rei) Gil acordar no meio da noite num mês de junho, e acabaram conversando sobre o Rei do outro lado do rio.

— Um bacamarte, foi mesmo? — disse o gigante. — E eu achei que eram borrachudos. Talvez tenha valido a pena eu dar meia-volta e ir em outra direção. — De qualquer modo, nem ele nem nenhum outro gigante jamais voltou a se aproximar de Worminghall*. E esse pelo menos foi um bom motivo pelo qual o Rei Gil permaneceu em paz, cercado de honrarias, até sua barba atingir

um metro e meio de comprimento.

— Mas quem foi o verdadeiro herói desta história, na sua opinião? — perguntou Papai.

— Não sei.

— A égua cinzenta, é claro* — disse ele, e foi assim que terminou.

A continuação

QUANDO GEORGIUS DRACONARIUS (OU, na língua do povo, o jovem George Worming, filho de Gil) se tornou Rei do Pequeno Reino.

George Worming era um rapaz robusto, bom para lidar com cavalos e cachorros, mas não era grande coisa com números ou com o latim literário. Isso não tinha muita importância, já que ele era Rei — seu nome correto era, na realidade, Georgius Crassus *A* Egidianus Draconarius, Dominus et Comes de Domito (Serpente) Princeps de Hammo et rex totius regni (minoris)*. Mas ele raramente usava tudo isso, nem mesmo em documentos oficiais. Seu povo chamava-o Nosso Georgie. Seu pai era Gil (vocês se lembram?) e lhe deixara apenas um pequeno reino, mas uma fortuna muito superior à de muitos reis de grandes territórios: uma situação quase perfeita. Quando subiu ao trono, ou, mais corretamente, sentou na poltrona do pai, estava com trinta anos e tinha dois irmãos *[riscado:* e Gil tinha se casado bastante tarde, partindo enfim para seu descanso].

[O *parágrafo precedente foi abandonado, e a história, recomeçada:]*

George Worming era um rapaz robusto, bom para lidar com cavalos e cachorros, mas não era grande coisa com números ou com o latim literário. Isso não tinha muita importância, já que ele era príncipe: seu nome correto era, na realidade, Georgius Crassus AEgidianus Draconarius Princeps de Hammo (um título de cortesia*); mas ele raramente usava tudo isso. O povo do Pequeno Reino chamava-o Nosso Georgie. Seu pai era o Rei Gil (ex-fazendeiro), de quem vocês talvez se lembrem, e de quem ele herdou a barba ruiva e uma predileção pela cerveja. Sua mãe era a Rainha Agatha, por quem ele sentia enorme temor e respeito — sentimento muito adequado e compartilhado com toda a gente daquele reino (talvez com a única exceção de Gil). Dela ele herdou uma certa obesidade e uma tenacidade de propósitos.

— Georgius, meu garoto — disse o Rei um dia, ao encontrar Georgie próximo às estrebarias reais, mascando palha. — E então, quais são os planos para hoje?

— Não sei, Pai — respondeu Georgie. — As coisas estão um pouco devagar.

— Eu diria que gosto delas devagar — disse Gil. — Sai mais barato e evita acidentes. Mas temos um probleminha lá para as bandas do norte. Parece que o povo está de novo se queixando daqueles estrangeiros. Pensei que você podia ir ver qual é a situação.

— Podia mesmo — disse Georgie. — Alguma probabilidade de combate?

— Talvez — disse Gil. — Isso você é quem vai dizer.

— Está bem — disse Georgie. — Contanto que eu volte a tempo para o concurso hípico, não me importo.

— Bom garoto — disse Gil. — Agora tire essa palha da boca e limpe a sujeira das botas. É bom você se apresentar com a melhor aparência; leve alguns cavaleiros junto, um estandarte e um clarim ou dois. Cause uma boa impressão.

— Está bem — disse Georgie, tirando a palha da boca e olhando com atenção para as botas. Deu um assovio entre os dentes, e Suet, um garoto, se aproximou.

Assim o jovem George cavalgou na direção norte, com um estandarte desfraldado e acompanhado por uma animada tropa, numa bela manhã de maio.

— Lá vem Georgie chegando — gritou a gente de [o *texto é interrompido no meio da frase]*

George tem uma namorada lá no norte (escolher povoado adequado). No caminho até Farthinghoe ele se desvia da rota, com seu séquito, para fazer-lhe uma visita. Lá é capturado durante um ataque surpresa (proveniente do reino de Bonifacius?).

Traição da dama (ou do pai dela). Gil não recebe notícia alguma. George é levado como prisioneiro. ?? *[sic]* Troca de mensagens entre Gil e Bonifácio, mas Gil não aceita os termos (pagamento de um alto resgate e submissão à autoridade de Bonifácio). Prepara-se para marchar com os Draconari *. O encarregado do chiqueiro, Suovetaurilius, vulgo Suet*, oferece-se para ir *[i.e.* levar] uma perigosa mensagem a Chrysophylax.

Enquanto isso, Georgius foge da prisão e, graças a um jeito maravilhoso com cavalos, usa o disfarce de cavalariço para esperar uma oportunidade, ou se torna amigo do melhor cavalo do Rei, Cabeça-de-boi (ou Bucephelus III) — vulgo Cara-de-vaca*.

Perseguido, foge a cavalo na direção noroeste. Por acaso, topa com o gigante.

Infelizmente, vai morar com [o gigante] Caurus* e revela ser filho de Gil. Caurus é muito perverso com ele. Suet chega aos Montes Ermos e descobre o paradeiro de George, imitando animais domésticos* do lado de fora das cavernas (George adorava sons de animais domésticos e, em casa, tratava Suet com regalias por esse motivo). Suet vai procurar Chrysophylax. Dificuldade para fazer Chrysophylax cooperar. Longa discussão entre Suet e o dragão. Por fim, Suet convence Chrysophylax a salvar George. Eles amarram Caurus e o espetam com alfinetes*. Enquanto isso, a guerra começa. Os homens do Rei Gil são empurrados para o sul, e a batalha tem início, perto de Islip*. No instante crítico, George vem do noroeste montado no dragão, e Suet, em Bucephelus. O

terror domina os súditos do Reino Médio, que fogem; muitos se perdem nos pântanos de Otmoor. Extensão do Reino Médio, anexação de novas áreas, a oeste de Cherwel *?

Mestre Gil vive no apogeu da prosperidade até o final de seus dias. Constrói castelo para o dragão, dá título de lorde a Suet?

Com o tempo, George sucede [ao trono], mas, decepcionado com as mulheres, recusa-se a se casar e nomeia Suet seu herdeiro.

Notas

Dedicatória. Em 5 de julho de 1947, Tolkien escreveu a Al en & Unwin a respeito de *Farmer Giles of Ham:* "Foi... escrito por encomenda, para ser lido na Lovelace Society em Worcester Col ege... Por esse motivo, gostaria de inserir uma dedicatória a C. H.

Wilkinson, numa folha separada, pois foi o Cel. Wilkinson... que me instigou a escrever a história e, desde então, vem insistindo comigo para publicá-la" *{Letters of J. R. R. Tolkien,* p. 119). Cyril Wilkinson (1888-1960) foi reitor de Worcester Col ege, Oxford, por trinta e quatro anos. — A justaposição, casual ou deliberada, de *Wilkinson* ao desenho de Pauline Baynes, representando a espada Morde-cauda, foi inevitavelmente considerada um jogo de alusões visuais. A empresa Wilkinson Sword fabrica espadas para a realeza na Grã-

Bretanha desde 1772 e é célebre pela qualidade de suas lâminas.

Prefácio. Como já mencionado na introdução, o prefácio em tom cômico-erudito foi um acréscimo tardio a *Farmer Giles of Ham* e se desenvolveu ao longo de vários rascunhos. No primeiro deles, a "Desde que Brutus chegou à Grã-Bretanha" segue-se uma tradução de quatro versos do poema *Sir Gawain and the Green Knight,* do século XIV, os mesmos versos no original em inglês médio, e um comentário de Tolkien: Many strange things, strife and sadness

At whiles in the land did fare

And each other grief and gladness

Oft fast have fol owed there.*

Where werre and wrake and wonder

Bi sythes has wont therinne

And oft bothe blysse and blunder

Ful skete has skyfted sinne:

Nas palavras concisas de um historiador mais recente do reinado de Artur.

A versão em inglês moderno é quase idêntica àquela publicada em 1975, como parte do poema completo *(Sir Gawain and the Green Knight, Pearl, and Sir Orfeo)*. Num subseqüente original datilografado do prefácio, somente a versão em inglês médio é apresentada no texto, e uma tradução diferente, mais literal, em uma nota de rodapé: Where war and woe and wonder

At times have had their day,

And oft both bliss and blunder

In turn have passed away."

Originalmente, esses versos eram complementados pelo comentário: "Houve quem visse nessas palavras uma referência à arma usada por Gil1 na sua primeira aventura ou a outras histórias semelhantes. É improvável que tenha havido aqui a intenção de fazer referência à primeira aventura de Gil ou à arma usada por ele naquela ocasião." Tolkien alterou o texto para tornar a leitura mais clara. "É sedutora porém improvável a sugestão de que tumulto *[blunder]* tenha o objetivo de fazer referência à primeira aventura do Rei Gil ou à arma que ele usou. Essa seria a única referência encontrada em outros autores interessados na história remota das lendas do Pequeno Reino." Mas também esse texto não foi satisfatório, sendo reelaborado: "É sedutora a sugestão de que 'tumulto' seja uma referência intencional à primeira aventura de Mestre Gil ou à arma que ele usou nessa ocasião. Essa é a única referência encontrada em outros autores da história remota das lendas do Pequeno Reino, e é preciso admitir que está longe de ser comprovada." Tolkien então redatilografou o prefácio, substituindo os versos em inglês médio no corpo do texto pela sua segunda tradução e restringindo a nota à versão revisada do comentário. Com essa forma o prefácio foi enviado a Al en & Unwin em julho de 1947.

* Muita coisa estranha, discórdia e tristeza / sucedeu por vezes na região / E ali alegria e pesar / Costumavam, velozes, se alternar.

** Onde a guerra, a dor e o assombro / Chegaram às vezes a prevalecer / E tanto o enlevo quanto o tumulto / Ficaram, por sua vez, para trás.

1 Em inglês, bacamarte é *blunderbuss,* termo cujo primeiro elemento — *blunder*

— também significa "tumulto".

Tolkien interessou-se durante muito tempo por *Sir Gawain and the Green Knight.*

Com E. V. Gordon, produziu uma edição clássica (1925; segunda edição revisada por Nor-man Davis, 1967), e esse foi o tema de sua Conferência em homenagem à memória de W. P. Ker, em 1953 (publicada em J. R. R. Tolkien, *The Monsters and the Critics and Other Es-says,* 1983). Na mensagem endereçada a Al en & Unwin que acompanhava o rascunho do prefácio, ele indicou a fonte dos versos que havia citado e observou que, na sua opinião, "eles serão de qualquer modo reconhecidos por muitos" — por muitos estudiosos, que também apreciariam a brincadeira que associava *blunder* [tumulto, encrenca] (assim traduzido na edição de Tolkien-

Gordon de *Sir* Gawain) a *blunder-buss*

[bacamarte], quando na realidade não existe ligação alguma entre as duas palavras.

Afinal, Tolkien preferiu aludir a *Sir* Gawain com mais sutileza, reduzindo a estrofe "Where werre and wrake and wonder" à prosa "Fosse pelo amor à mesquinha independência ou pela ganância dos reis por ampliar seu território, guerra e paz, júbilo e pesar alternavam-se durante o ano", "como nos contam os historiadores do reinado de Artur" [ex.: o poeta de *Gawain].*

uma tradução desse interessante relato... período obscuro da história da Grã-Bretanha. Talvez uma alusão, dentre várias no prefácio, à *Historia Re-gum Britanniae {História dos Reis da Grã-Bretanha,* c. 1135), de autoria do clérigo de Oxford, Godofredo de Monmouth. Godofredo também *alegava* não ser autor dessa obra, mas ter traduzido para o latim um livro antiqüíssimo escrito no idioma britânico (uma forma do celta), enquanto Tolkien apresenta uma "tradução" no sentido oposto, do latim para o

"idioma moderno do Reino Unido". O latim do "interessante relato" é "insular", no sentido de ser usado nas ilhas *(insulae)* da Grã-Bretanha e da Irlanda, mas também no sentido de estar deteriorado e muito distante da língua clássica de César e Cícero. Godofredo pretendia que seu livro lançasse luz sobre um longo e obscuro período da história da Grã-

Bretanha, "obscuro" no sentido de, na ocasião, não existir nenhuma história abrangente dos seus primeiros governantes. Seu relato de mil e novecentos anos dos britânicos não é confiável como História, mas exerceu forte influência, notadamente como importante fonte para escritos posteriores a respeito do Rei Artur.

Desde que Brutus chegou a Grã-Bretanha, muitos reis e reinos surgiram e desapareceram. A partilha entre Locrin, Camber e Albanac... Segundo Godofredo de Monmouth (e, antes dele, segundo a *Historia Brittonum* de Nennius), Brutus era bisneto de Enéas, o herói troiano da *Eneida,* de Virgílio. Tendo acidentalmente matado o pai numa caçada, ele se exilou na Itália, conquistou fama por sua capacidade militar, libertou seus concidadãos troianos escravizados na Grécia e partiu por mar com sua gente para Álbion, para além dos reinos dos gauleses. Brutus chamou a ilha de Bretanha, em homenagem a seu próprio nome, e foi seu primeiro monarca. Quando morreu, seus três filhos, Locrin, Camber e Albanac, dividiram o reino entre si.

talvez depois dos tempos do Rei Coel, mas antes de Artur ou dos Sete Reinos Anglo-Saxões. A menção ao "Rei Coel" lembrará à maioria dos leitores a canção infantil "Old King Cole" — embora sua inspiração possa não ter sido um rei, mas um negociante de roupas chamado Cole-brook — que (como as duas menções a Artur no prefácio) ajuda a associar *Mestre Gil á l* iteratura inglesa tradicional. Godofredo de Monmouth alega, porém, que Coel, duque de Kaelcolim ou Colchester, tomou a coroa do Rei Asclepiodotus e governou a Grã-Bretanha por um breve período no final do século III.

(O amigo de Tolkien, Adam Fox, cuja história em versos — *Old King Coel* — foi publicada em

1937, chamava Godofredo de o "mais romântico dos nossos historiadores e o menos fiel à História".) — Se existiu ou não um Rei Artur histórico é um tema para debates intermináveis. Godofredo tratou-o como verídico, apontando 542 como o ano de sua morte, e parece razoável supor que, ao se referir a ele aqui, com o objetivo de fixar uma data para os acontecimentos de *Farmer Giles,* Tolkien esteja seguindo Godofredo. — A expressão "Sete Reinos Anglo-Saxões" (ou Heptarquia) é usada por alguns historiadores para denominar os reinos de Kent, Sussex, Wessex, Essex, East Anglia, Mercia e Northumbria — do século VI ao VIII.

o vale do Tâmisa. O rio Tâmisa [Thames] nasce na parte sul de Gloucestershire e corre para o leste, atravessando Oxfordshire, Berkshire e Londres.

A capital do Pequeno Reino localizava-se, tal como a nossa, no extremo sudeste. Ou seja, Londres, capital do Reino Unido, situa-se a sudeste da Inglaterra.

Otmoor. Erma região de charneca a leste de Oxford; no passado, enorme área pantanosa. Cf. "nos pântanos de Otmoor"

Num fragmento de lenda sobre Georgius, filho de Gil, e seu pajem Suovetaurilius (Suet), há indicações. A continuação de *Farmer Giles of Ham* abandonada por Tolkien e publicada neste volume. *Suovetaurilius.*

Farthingho. Povoado situado cinco milhas a leste de Banbury e vinte milhas ao norte de Oxford. Também grafado *Farthinghoe*.

***A*Egidius Ahenobarbus Julius Agrícola de Hammo, pois as pessoas recebiam vários nomes naquela época...** Tolkien traduz o latim mais adiante nesse parágrafo: "ele era Mestre Gil de Ham e tinha a barba ruiva". O excesso de nomes de Gil em latim relembra a denominação pessoal dos cidadãos livres do sexo masculino na Roma clássica, os quais podiam apresentar até cinco elementos (cf. *Augustus Bonifacius* etc.). *AEgidius* é o nome em latim do qual derivaram o francês *Gil es* e o inglês *Giles;* a personagem se chama Giles [Gil] porque na Grã-Bretanha esse é um nome genérico tradicional para um fazendeiro, com conotação humorística. *Ahenobarbus* significa simplesmente de barba ruiva (ou da cor do bronze). Talvez a intenção de *Julius* esteja associada a *Agrícola,* "fazendeiro", para lembrar Julius Agricola, por muitos anos chefe militar romano e governante da Grã-Bretanha. Ele foi o primeiro general romano a efetivamente subjugar a ilha, e era tão interessado em civilizar como em conquistar. Os nomes latinos de Gil são usados de diversos modos pela população de Ham e por ele mesmo. Ele é chamado de "Bom *A* Egidius, Bravo Ahenobarbus, Grande Julius, Fiel Agricola" etc; ele passa a ser provisoriamente "Príncipe Julius *A* Egidius", antes de ser coroado rei como *A* Egidius.

quando esta ilha ainda era afortunadamente dividida em muitos reinos.

Antes da época de Athelstan, no século X.

forma vulgar. Também "língua do povo"; a linguagem comum de um local, o vernáculo. Em *Farmer Giles of Ham* esse idioma é representado pelo inglês, com exceção do galês Garm. O verdadeiro vernáculo na época e lugar em que se supõe que a história teria transcorrido seria a variedade britânica do celta. — O narrador comenta que "no que se segue" tratará o homem [Gil] "pelo seu nome... e na forma vulgar"; e é o que faz, referindo-se sempre a ele pelo nome inglês *Giles* [Gil]. Mas as personagens na história, que vivem numa época passada, chamam-no sempre por um nome em latim, geralmente *A* Egidius. A passagem está diretamente associada a outra, perto do final da história: [Gil]

"Foi coroado em Ham com o nome de *AE* gidius Draconarius, mas era mais conhecido como o Velho Gil do Lagarto. Pois a língua do povo era moda na sua corte, e nenhum dos seus discursos foi feito em latim literário." — Cf. *Vulgar.*

Ham era apenas uma aldeia. É claro que era, já que "ham" significa "aldeia", em inglês antigo. A palavra sobrevive como um elemento comum em topônimos ingleses.

um cachorro, cujo nome era Garm. Na mitologia nórdica, Garm (Garmr) é um cão poderoso que guarda os portões do Reino dos Mortos. Pelo contrário, o Garm de *Farmer Giles* é um cachorro preguiçoso, mais interessado em salvar a própria pele que em proteger a casa do dono. Seu nome descreve sua personalidade, esteja ele ameaçando, se vangloriando, bajulando ou ganindo debaixo da janela de Gil: *garm* é

"gritar, chamar", em galês, também registrado na Cornuália pelo *English Dialect Dictionary* com o significado de "repreender, vociferar".

vernáculo. Ver "forma vulgar", citado anteriormente.

O latim dos livros era reservado para seus donos. O latim dos livros *[book-latin]* deriva da forma obsoleta *Boc-leden* (inglês antigo *bóc* [livro] + *léden* [latim]), "língua dos livros", i.e., a linguagem literária, o latim.

Garm não conseguia falar nem latim macarrônico *[Dog-latin].* Não se trata de uma língua falada por cachorros, mas de um latim adulterado, "vira-lata".

feira mais próxima. No mundo fechado de *Farmer Giles,* assim como na Idade Média e mesmo nos tempos atuais na Grã-Bretanha (embora num nível muito reduzido), realizava-se uma feira numa aldeia ou cidadezinha de maior expressão, a intervalos regulares, para venda ou troca de produtos da região. Era um acontecimento importante na vida das pessoas e unia as povoações numa sociedade comum. *Cf. Feira.*

ao longe, a oeste e ao norte, ficavam os Montes Ermos e as fronteiras misteriosas da região serrana. Cf. "as fronteiras misteriosas e as montanhas desabitadas, ao norte e a oeste". Ao longe, a noroeste do vale do Tâmisa, estão as montanhas Cambrianas no País de Gales. Mais adiante na

história, Mestre Gil segue a cavalo na direção norte até a corte do Rei e então, com os cavaleiros dele, vai para oeste, em direção aos Montes Ermos, encontrar o dragão; e na penúltima página a morada do dragão é nitidamente localizada em Venedotia, que fica a noroeste do País de Gales.

Fronteiras são os territórios fronteiriços, e aqui são "duvidosas" por serem "regiões nas quais a autoridade de [do Rei] Augustus Bonifacius não era universalmente reconhecida".

E, entre outras coisas, ainda havia gigantes à solta... às vezes encrenqueiro. Na *Historia Re-gum Britanniae* de Godofredo, quando Brutus e sua gente vieram para a Grã-Bretanha, expulsaram os gigantes, seus únicos habitantes, para cavernas nas montanhas. Alguns, porém, ainda perambulavam pela terra, causando problemas, notadamente Gog-magog, que conseguia arrancar um carvalho como se fosse um ramo de aveleira (cf. o gigante em *Farmer Giles,* que "afastava olmos do caminho como se fossem folhas de capim".

Não encontro menção alguma a seu nome nos relatos históricos, mas isso não vem ao caso. Na terceira versão da história (a da Lovelace Society), depois de ter entrado em pormenores a respeito do nome de Mestre Gil em latim, Tolkien escreve sobre o gigante: "Não me lembro do seu nome, mas isso não vem ao caso." Esse texto foi alterado para a forma publicada em julho de 1947, em linguagem que faz referência ao prefácio acrescentado na mesma ocasião.

capim para feno. Capim reservado para corte; feno.

Galathea. "Deusa do leite", do grego *gala* [leite] + *thea* [deusa]; ver *Letters,* p.

423.

entrar sorrateiro pela porta dos fundos, de manhã cedo, junto com o leite.

Chegar em casa quando o leiteiro chama. Por exemplo, em *The Man with Two Left Feet*

[O homem com dois pés esquerdos], de P. G. Wodehouse (1917), "Diz-se que um homem

'chega em casa junto com o leite' quando se quer dizer que ele entra sorrateiro de madrugada."

calções. Peça de vestuário que cobre os quadris e as coxas; par de calças curtas.

usavam pólvora principalmente em fogos de artifício... apanhou o bacamarte... A definição de *blunderbuss* [bacamarte] (do holandês *donder* [trovão] + *bus*

[arma]) foi copiada textualmente do *Oxford English Dictionary*. Os "Quatro Clérigos Cultos de Oxenford" (alusão ao Prólogo dos *Contos de Cantuária,* de Chaucer, "havia um Clérigo em Oxenford", i.e., Oxford) são presumivelmente os quatro editores do *Dictionary,* James A. H. Murray, Henry Bradley, W. A. Craigie e C. T. Onions. — Na primeira versão da história, Gil enche seu bacamarte com "pregos velhos e pedacinhos de chumbo, cacos de louça, correntes

velhas, ossos e pedras, e muito algodão. Depois encheu o outro lado com pólvora...".

botas de cano alto. Botas para montaria ou caça.

— Raios! — disse o gigante, com seu jeito vulgar. A imprecação do gigante é

"vulgar" no sentido de ser "grosseira". Nos rascunhos de *Farmer Giles,* a maldição evoluiu de "Droga!" e "Inferno!".

muito ao longe, a leste, nos Pântanos. Região pantanosa no litoral leste da Inglaterra, em certos distritos de Cambridgeshire, Lincolnshire e condados adjacentes.

havia libélulas que picavam como tenazes em brasa. Entre o povo do interior, as libélulas às vezes são conhecidas como *"devils' darning needles"* [agulhas de cerzir do demônio] ou *"horse stingers"* [picadoras de cavalos], mas na realidade elas não são capazes de picar.

seguindo na direção nor-noroeste. Na direção do País de Gales.

— Q ue isso lhe sirva de lição! *[That wil learn him!] "Learn",* no antigo sentido de *"teach"* [ensinar], é atualmente considerado arcaico ou gíria. Cf. *Sir Gawain and the Green Knight,* "if thou learnest him his lesson" ["se lhe ensinaste a lição"]; ou o Sr. Texugo em *The Wind in the Wil ows [O vento nos salgueiros],* de Kenneth Grahame, depois de sua gramática ser "corrigida" pelo Rato Almiscarado: "Mas nós não *queremos* ensiná-los.

Queremos *dar-lhes uma lição* — uma lição, uma lição."

o pároco, o ferreiro e o moleiro, além de uma ou duas outras pessoas importantes. São exemplos típicos de figuras importantes na vida de uma aldeia medieval. O pároco era responsável pelo bem-estar espiritual, e os outros eram artífices qualificados.

a capital do reino — o Reino Médio da ilha — ficava a cerca de vinte léguas de distância de Ham. T.A. Shippey, em *The Road to Middle-earth* (1982), sugere que a capital do Reino Médio seria Tamworth, a antiga capital dos reis mércios. Uma légua equivale aproximadamente a seis quilômetros e meio.

festa de São Miguel. 29 de setembro. Era um costume amplamente disseminado, na Idade Média e em períodos posteriores, situar os acontecimentos fazendo referência ao dia santo mais próximo ou a algum outro tipo de comemoração especial — como, por exemplo, o Natal -, à qual a Igreja atribuísse importância. Tolkien assinala o desenrolar da história por feriados e dias santos.

escrita em vermelho sobre pergaminho branco. Na primeira versão, ela é

"escrita em ouro".

A carta estava assinada com um borrão vermelho. Era provável que o Rei não soubesse escrever seu nome. Foi somente no século XII, com Henrique I, "Beauclerk", que os reis ingleses passaram a ter certo grau de alfabetização. No entanto, o selo real em si teria sido prova suficiente de autenticidade.

Ego Augustus Bonifacius Ambrosius Aurelianus Antoninus PÍUS et Magnífícus, dux, rex, tyrannus, et basileus Medíterranearum Partíum, subscribo. Em português, esse texto corresponderia a: "Eu, Augustus Bonifacius Ambrosius Aurelianus Antoninus, virtuoso e magnífico, soberano do Reino Médio, subscrevo-me." Como *A* Egidius de Hammo, o Rei tem vários nomes, que compõem um emaranhado de sugestões. *Augustus* foi o sobrenome adotado por Otaviano e por todos os imperadores romanos subseqüentes. *Bonifacius,* "o que faz o bem" (do latim *bonum + facere),* é um nome irônico para um rei que não faz bem algum. *Ambrosius* e *Aurelíanus,* juntos, lembram o líder da resistência romana contra os invasores da Grã-Bretanha, mencionados por Gildas em seu *De Excidio Britanniae* (século VI), mas também Aurelius Ambrosius, irmão mais velho e predecessor do Rei Uther Pendragon, logo, tio do Rei Artur, descrito por Godofredo de Monmouth. *Antoninus,* finalmente, relembra o imperador romano Antoninus PÍUS; durante seu reinado o sul da Escócia foi reconquistado e a Muralha de Antonino substituiu a Muralha de Adriano como fronteira norte. — Como se essa série de nomes não bastasse, o escriba do Rei dá-lhe quatro títulos em latim, cada um denotando "soberano", mas com diferentes significados. *Dux* era usado especialmente como título de comandante militar. *Rex* é simplesmente "rei". *Tyrannus* refere-se a governante absoluto. *Basileus* também é "rei", no sentido de "administrador". Augustus Bonifacius, mesquinho e fraco, não está à altura de nenhum deles.

até a chegada do dragão. Tolkien usou palavras semelhantes no final da sua conferência à British Academy em 1936, *Beowulf: The Monsters and the Critics: "até* a chegada do dragão".

Ainda era costume servir Cauda de Dragão no Banquete de Natal do Rei.

Em *Roverandom,* "cauda de dragão era considerada uma perfeita iguaria pelos reis saxões".

dia de São Nicolau. 6 de dezembro.

bolo e pasta de amêndoas, com escamas simuladas feitas de açúcar de confeiteiro. Na primeira e na segunda versões de *Farmer Giles of Ham,* a Falsa Cauda de Dragão era feita de gelatina, geléia (conserva espessa de frutas) e pasta de amêndoas, com escamas de açúcar de confeiteiro. Provavelmente a iguaria foi inventada para a jovem platéia daquelas versões. Na Grã-Bretanha, a gelatina é essencial nas festas infantis. A mudança para *bolo* foi feita na versão para ser lida diante da Lovelace Society (de adultos). Pode-se supor que a Falsa Cauda de Dragão agora se transformasse no bolo de frutas coberto com marzipã, tradicional na Grã-Bretanha no Natal e em outras ocasiões festivas.

O cavaleiro escolhido levava esse prato até o salão na Véspera de Natal, enquanto os violinos

tocavam e os clarins soavam. A aparência ornamental da Falsa Cauda é complementada por uma apresentação teatral. É muito semelhante ao que ocorre na cerimônia da Cabeça de Javali, ainda uma tradição natalina em Queen's College, Oxford e em outros locais, na qual a cabeça de um porco é trazida com muito aparato.

vacas *[kine].* Plural arcaico de *cow.*

— **Quer dizer que os cavaleiros são míticos!** Naturalmente, a piada é que se os dragões são míticos (ou fabulosos), o mesmo vale para os cavaleiros em *Farmer Giles of Ham,* os quais derivam do romanceiro popular.

lagartos. Dragões, do inglês antigo *wyrm,* "serpente".

Chrysophylax Dives. Do grego *krysos* [ouro] + *phylax* [guardião]; do latim *dives*

[rico]. O dragão apresenta-se como "Chrysophylax, o Rico".

era de antiga linhagem imperial. Tolkien em parte alguma desenvolve o tema da linhagem de dragões à qual Chrysophylax pertence. Essa frase basta para sugerir uma história não contada. É provável que não houvesse nada além disso, mas é inevitável que se pense num paralelo com a prole de Glórund (Glaurung), pai dos dragões, na mitologia do *Silmaril ion,* de Tolkien.

Seguia um odor atrativo... direto na cauda de Chrysophylax Dives... Nunca um cachorro deu meia-volta e voltou para casa, em disparada, mais rápido que Garm. Cf. *Roverandom:* "O coitado do velho Artaxerxes seguiu direto para a boca da caverna da Serpente-marinha. Mal tinha saído da carruagem, viu a ponta da cauda da Serpente-marinha para fora da entrada da caverna: maior que uma fileira de barris de água gigantes, verde e lodosa. Aquilo foi a conta para ele. Quis voltar de uma vez para casa antes que o Lagarto se virasse outra vez, como todos fazem em momentos estranhos e inesperados."

enxerido *[nosey-parker].* Alguém que tem excessiva predileção por meter o nariz nos assuntos alheios.

Pedras-em-Pé. As Pedras Rolright, um antigo círculo de pedras a noroeste de Oxford, a cerca de trinta milhas de Thame (Ham). Em 5 de agosto de 1948, Tolkien escreveu a Allen & Unwin a respeito de *Farmer Giles:* "Esta é uma história de localização definida (uma de suas virtudes, se é que tem alguma): Oxfordshire e Bucks, com breve incursão pelo País de Gales... O incidente do cachorro e do dragão ocorre perto de Rolright..." *(Letters,* p. 130).

O povo é muito estranho por lá. A opinião de um aldeão provinciano, para quem as terras a apenas

trinta milhas de distância são território estrangeiro. Cf. o fazendeiro Maggot em *The Lord of the Rings,* livro 1, cap. 4: "O senhor nunca deveria ter se misturado com gente da Vila dos Hobbits,

Sr. Frodo. O pessoal de lá é esquisito."

importunar *[worriting]. Worrying* [preocupar]. **dia de São João.** 27 de dezembro.

uma carta vermelha. A carta do Rei era totalmente escrita em vermelho, o que não era a prática normal dos escribas, que consistia em usar tinta vermelha para decoração ou para indicar, como nos calendários, acontecimentos especiais, tais como dias festivos — daí a expressão "red-letter days" [dias de festa]. Para o moleiro, qualquer coisa escrita em vermelho teria sido especial (mesmo que ele não conseguisse lê-la).

armado cavaleiro. Armar um cavaleiro, tocando nele com uma espada.

um homem simples e honesto, e dizem que os honestos não se dão bem na corte. Acho que combinaria mais com seu estilo, Mestre Moleiro. Numa aldeia medieval, o moleiro era o morador mais próspero e menos querido, pois os aldeões precisavam levar o cereal para seu moinho, e o moleiro se encarregava dos cálculos. Era natural suspeitar que ele roubava no peso; na literatura da Idade Média (como, por exemplo, nos *Contos de Cantuária* e em *Piers Plowmari)* ele é tipicamente caracterizado como pessoa desonesta.

inimigos do peito. Inversão da expressão "amigos do peito".

Q uercetum (Oakley, na língua do povo). Cerca de cinco milhas a nordeste de Oxford, e a igual distância a noroeste de Thame (Ham), portanto, "a aldeia vizinha". Há registros de uma igreja no lugar já em 1142. Oakley deriva do inglês antigo *ac-leah*

[bosque de carvalhos]; *Quercetum* tem o mesmo significado em latim.

Vaqueiro. Guardador de vacas, alguém que cuida do gado.

era um homem letrado. Sabia ler e escrever.

letras unciais. Letra maiúscula (capital) usada em manuscritos a partir do século IV. Na primeira versão da história, "o fazendeiro não sabia ler nem letras maiúsculas simples".

— **Há uma inscrição na bainha e... sinais epigráficos na espada.** Os caracteres "arcaicos" que o pároco não consegue ler sem estudo são presumivelmente runas, um alfabeto puramente epigráfico há muito usado no norte da Europa para inscrições em peças, tais como moedas, ferramentas e armas. Em *Beowulf,* a espada capturada pelo herói e presenteada a Hrothgar apresenta uma inscrição em runas que revela para quem foi feita originalmente. Em *Farmer Giles,* o armeiro do Rei está

"acostumado a runas, nomes e outros sinais de poder e importância gravados em espadas e bainhas".

Caudimordax, a famosa espada que no romanceiro popular é vulgarmente conhecida como Morde-cauda. O nome em latim deriva de *cauda* [cauda] + *mordax*

[que morde]. Na literatura, era comum as armas famosas receberem nomes; cf. a espada de Thorin em *The Hobbit,* Orcrist "cortadora-de-orcs", que os duendes chamavam simplesmente de "Mordedora".

Bellomarius, o maior de todos os matadores de dragões. *Bel o* vem do latim *bel are* [lutar].

— Essa espada... recusa-se a permanecer na bainha se houver um dragão num raio de cinco milhas; e, sem dúvida, nas mãos de um bravo, nenhum dragão pode resistir a ela. Na primeira versão de *Farmer Giles,* a distância é de cem milhas, que seria um aviso com excessiva antecedência a quem empunhasse a espada; na segunda versão, é de duas milhas, que praticamente não serviria de aviso se o dragão fosse veloz.

Muitas espadas possuem qualidades especiais em mitos e lendas. Por exemplo, é comum que uma espada se recuse a voltar à bainha, uma vez desembainhada, enquanto não matar um homem. Em *The Hobbit* e *The Lord of the Rings,* as espadas élficas brilham quando próximas a orcs (duendes). A espada de Gil, entretanto, tem um talento próprio, que supera o da pessoa que a esteja empunhando. ("Morde-cauda fez o melhor que pôde em mãos inexperientes".)

Morte ou Vitória, Glória dos Pequenos Proprietários Rurais, Espinha Dorsal do Pais e Bem do Nosso Próximo. As súplicas dos aldeões lembram *slogans* de recrutamento para a Primeira Guerra Mundial. Os Pequenos Proprietários Rurais *(Yeo-manry)* eram homens que possuíam e cultivavam sua própria terra, tendo certos privilégios, mas que estavam abaixo da aristocracia rural. Tolkien observou numa carta de 5 de agosto de 1948 que Mestre Gil "era um próspero pequeno proprietário ou proprietário de classe média" *(Letters,* p. 131).

perneiras. Cobertura externa para proteger as pernas no mau tempo, geralmente de couro ou pano e que vai do tornozelo ao joelho.

conhecido como Sam Risonho, apesar de seu nome correto ser Fabricius Cunctator. Ou seja, conhecido popularmente pelo apelido. Seu nome em latim *é fabricius*

[fabricante, criador, artífice] (do latim *faber),* que trabalha especialmente com qualquer material duro, como por exemplo um ferreiro. *Cunctator* [quem atrasa, demora ou hesita].

cota de malha *[ring-mail].* Também conhecida como *chain-mail,* tipo de armadura formada de anéis de metal entrelaçados na forma descrita pelo ferreiro: "cada anelzinho se encaixa em outros quatro".

gibão. Jaqueta ou casaco curto e justo, costumeira-mente feito de couro.

habilidade dos anões. Na mitologia do norte, os anões são célebres por sua perícia no trabalho

com metais. Cf. a cota de malha dos anões dada por Bilbo a Frodo em *The Lord of the Rings,* livro 2, cap. 3: "tecida com muitos anéis bem próximos uns dos outros, quase tão flexível como o linho, fria como o gelo e mais resistente que o aço".

cotas de malha *[hauberks].* Longas cotas de malha.

fizeram Sam desmanchar velhas correntes e martelar os elos para formar anéis. Na primeira versão a malha de Gil era totalmente feita de correntes, o que permite a Tolkien chamá-la jocosamente de *"chain-mail"2.* O ferreiro faz apenas uma imitação de malha, já que os anéis não estão interligados, mas meramente sobrepostos.

2 A tradução de *chain-mail* é "cota de malha", mas Tolkien chama a atenção para a formação do termo: *chain* [corrente] + *mail* [malha]. (N. da T.) **véspera do dia de Reis e da Epifania.** A véspera do dia de Reis é 5 de janeiro, véspera do décimo segundo e último dia dos festejos natalinos. A Epifania, no dia 6 de janeiro, é a comemoração da revelação de Cristo aos Reis Magos.

Agora não lhe restavam mais desculpas; assim, vestiu os calções e o gibão de cota de malha... e sobre a cota de malha jogou sua grande capa cinzenta. A preparação de Gil para o combate é uma paródia do minucioso aprestamento dos cavaleiros descrito na literatura medieval, notadamente o de *Sir* Gawain em *Sir Gawain and the Green Knight,* cujo traje dourado é brilhante e esplêndido. Em comparação, Gil estava "muito esquisito com aquele traje".

Sininhos de Cantuária. Referência aos Sininhos usados nos cavalos que levavam peregrinos até a Catedral de Cantuária. No entanto, a expressão é de fato o nome de uma flor, do gênero *Campanula,* à qual os sinos dos peregrinos são "associados pela imaginação" *{Oxford English Dictionary).* O Monge, nos *Contos de Cantuária* de Chaucer (Prólogo Geral), tem sinos nas rédeas que tilintam com o sopro do vento, produzindo som tão alto e cristalino quanto um sino de capela.

chegaram à região já visitada pelo dragão. Havia árvores quebradas, sebes queimadas e capim enegrecido. "Os montes mais baixos e as encostas de cada lado da trilha pareciam ter sido chamuscados e pisoteados. Havia pouco capim, e os tocos retorcidos de urze e tojo sobressaíam negros no meio de largas ilhas de terra calcinada e cinzas." Cf. também *The Hobbit,* cap. 11: "A região ao redor tornava-se desolada e vazia... Havia pouca grama e, em pouco tempo, não se via nem arbusto nem árvore, apenas troncos quebrados e enegrecidos que lembravam outros, desaparecidos muito tempo atrás. Haviam chegado à Desolação do Dragão, e haviam chegado ao final do ano."

trapos vermelhos deixam os dragões furiosos. Tolkien expande a noção folclórica de que o pano vermelho enfurece os touros.

praga de carapaça. O dragão tem "carapaça" graças ao forte revestimento do seu couro (cf. o dragão no poema "O tesouro", de Tolkien: "Seus dentes eram facas, e de chifre sua couraça").

Praga, "animal de natureza perniciosa ou desagradável" *{Oxford English Dictionary)*.

a égua cinzenta dava tudo de si *[the grey mare put her best leg foremost]*. Jogo de palavras com a expressão *"to put one's best foot forward",* "usar de toda a presteza possível".

cenotáfio. Monumento fúnebre para alguém cujo corpo não se encontra no local.

Treze xelins e oito pence. Na moeda britânica pré-decimal (anterior a 1971), uma libra equivalia a vinte xelins, e cada xelim era igual a doze pence. Na primeira versão da história, Chrysophylax oferece doze xelins e seis pence, alterado no rascunho para treze e oito.

Dois guinéus de ouro para cada um e a metade disso para cada criança. Na moeda britânica pré-decimal, um guinéu (originalmente feito de ouro da Guiné, África Ocidental) equivalia a vinte xelins até 1717; a partir de então, passou a equivaler a vinte e um xelins. "Metade disso para cada criança" se refere ao costumeiro desconto no preço de ingressos. Tolkien usa o termo para dizer que as crianças, no esquema proposto, receberiam metade do valor dado aos adultos.

Os lagartos não voltam *[A worm won't return].* Jogo de palavras com o provérbio "até mesmo um verme se revolta" *[even a worm wil turn],* ou seja, mesmo a criatura mais fraca ataca quem a atormenta, se levada a isso. "se Gil tivesse levado o lagarto ao desespero, este teria se revoltado..."

dia de Santo Hilário e São Félix. 14 de janeiro, antigamente dia da festa tanto de Santo Hilarius (Hilário) de Poitiers quanto de São Félix de Nola. A reforma do calendário romano, em 1969, passou a festa de Santo Hilário para o dia 13 de janeiro.

Nas duas primeiras versões de *Farmer Giles,* o dragão foi perseguido até Ham no dia 2

de janeiro e 4 de janeiro, respectivamente; e nas duas prometeu voltar até o dia de Reis (6 de janeiro). O texto revisto dá mais tempo a Chrysophylax, se bem que até mesmo oito dias seja "tempo curto demais para a viagem", mais de 150 milhas até o noroeste do País de Gales só de ida, e àquela altura o dragão não conseguia voar com a asa ferida.

Era gramático e sem dúvida podia enxergar mais longe que os demais. Um gramático é especialista em gramática ou línguas em geral, filólogo. No entanto, na Idade Média, era crença popular que a gramática (principalmente a latina) incluía o conhecimento de magia e astrologia. T. A. Shippey

(The Road to Middle-earth) sugeriu que Tolkien estivesse fazendo piada com a idéia de que um filólogo (sua própria profissão) tenha capacidade oculta para adivinhar o que está por vir. Ver também, na passagem em que o pároco aconselha Gil a levar

"também uma corda longa, pois poderá precisar dela", a menos que sua intuição o esteja enganando.

— Nomes inquietantes... Hilário e Félix! Não estou gostando nada disso. Na terceira versão de *Farmer Giles,* a data marcada para o retorno do dragão a Ham era originalmente a da "festa de Santo Hilário e São Félix", e o ferreiro, melancólico, observava apenas que Félix era um "nome inquietante". Ele não estava gostando nada daquilo porque *"fe-lix",* em latim, significa "feliz". É evidente que logo Tolkien se deu conta de que a forma latina de *Hilary é Hilarius,* que o ferreiro associaria a *hilário,* do latim *hilaris,* "alegre", e naturalmente também esse nome não seria do seu agrado.

suserano. Senhor feudal.

lígio. Um vassalo ou súdito.

Os cavaleiros conversavam entre si sobre a nova moda para chapéus. Na primeira versão, os cavaleiros "estavam todos conversando uns com os outros sobre caçadas".

pavilhões. Tendas amplas e majestosas.

parcas provisões *[short commons].* Refeições escassas.

talhas. Varas de madeira com entalhes que, até 1826, registravam somas a serem pagas pelo Tesouro inglês.

Tesouro. Repartição ou departamento do governo encarregados de recolher e administrar receitas; em sentido mais amplo, os próprios fundos.

a caligrafia da corte era esquisita e tão obscura para o povo de Ham quanto o latim dos livros. *Court-hand* [caligrafia da corte], no uso estrito da expressão, é uma letra cursiva empregada em tribunais de justiça desde o século XVI até o reinado de George II. Aqui, porém, a "caligrafia da corte" parece significar apenas a letra usada na corte de Bonifacius, aparentemente uma variante da letra ou tipo gótico. A pedido de Tolkien, a composição tipográfica das duas cartas do Rei a Mestre Gil foi mudada de itálico para gótico, depois que o livro estava em prova de paquê.

suas contravenções, seus delitos, seus crimes e seu abominável perjúrio.

Chrysophylax é culpado de invasão e danos patrimoniais (contravenções); de não ter voltado a Ham com o tesouro (delito ou descumprimento do dever); de roubo, incêndio criminoso e assassinato (crimes); e de mentir sob juramento (perjúrio; "fez muitos juramentos, solenes e espantosos".

— A falta de notícias é má notícia. Para todo o mundo; mas, para um pessimista, "a falta de notícias é boa notícia".

pão molhado. Um pedaço de pão para molhar em vinho, em molho de carne etc.

Na primeira versão, "só houve tempo para uma saideira de vinho quente", antes que partissem .

escudeiros. Auxiliares de cavaleiros; carregadores de armaduras ou escudos.

Festa da Candelária. 2 de fevereiro. "A festa da Purificação da Virgem Maria (ou apresentação de Cristo no Templo), celebrada com grande exibição de velas" *(Oxford English Dictionary)*.

Sem aviso nem formalidade. Chrysophylax não lança um desafio formal ao combate, desrespeitando quaisquer questões de "precedência e etiqueta" que os cavaleiros tivessem discutido.

trapaças. Referência ao talento de negociante do dragão quando capturado em Ham. "não havia naquela época, em todo o reino, ninguém que tivesse experiência em lidar com dragões e seus ardis".

em reconhecimento ao pagamento à vista. Chrysophylax novamente recai na economia moderna. Ele está pedindo (o que é ridículo) uma recompensa pelo pagamento à vista e não a crédito.

— **Nem com um botão de latão.** Nem mesmo com o artigo mais insignificante, sem valor monetário algum.

pechinchando e discutindo como se estivessem num mercado. *Chaffer*

[pechinchar, regatear]. Nesse sentido, um mercado é uma reunião para a venda de mercadorias em escala maior do que uma feira.

Era grande, escura e ameaçadora... túmulos e esconderijos de tesouros de homens e gigantes poderosos de outrora. A caverna de Chrysophylax lembra os salões dos anões na Montanha Solitária em *The Hobbit,* ocupados por Smaug, e Nargothrond em *The Silmarillion,* tomado dos Elfos por Glórund (Glaurung). As portas da torre de Cirith Ungol, em *The Lord of the Rings,* são, de forma semelhante, feitas de ferro, com "placas de bronze cravadas".

entro aí e corto fora sua cauda, para começo de conversa. Na primeira versão desse trecho, Gil "nem por um instante" "pretendia fazer isso"; e o narrador acrescenta: "Bem que eu gostaria de ver Mestre Gil enfurnar-se no covil de um dragão, por qualquer dinheiro que fosse". A segunda versão é semelhante à primeira; mas, ao chegar à terceira versão, Gil já tinha adquirido confiança em si mesmo e "começava a imaginar que nenhum dragão tinha condições de enfrentá-lo".

apostava na própria sorte. Na esperança de que teria sucesso. Cf. as palavras do pároco a Gil: "— Parece-me que você pode confiar na sorte."

vinte libras (*troy)* de ouro e prata. *Troy* refere-se a um sistema padrão de pesos para pedras e

metais preciosos.

monte *[mort].* Uma enorme quantidade.

Um cavaleiro teria feito questão de todo o tesouro, dando ensejo a que ele fosse amaldiçoado. Um notável paralelismo é a história do anão Andvari, no *Reginsmál,* em nórdico antigo, que foi apanhado numa rede pelo deus Loki e teve de pagar pela liberdade com seu ouro, cedendo até o último anel, que Andvari amaldiçoou.

caminhão de mudanças da realeza *[royal pan-technicon]. Pantechnicon,* inventado como o nome de um bazar de todo o tipo de obra artística, acabou significando um grande depósito de mobília e, coloquialmente, por extensão, um caminhão de mudanças. *"Royal"* talvez se refira à natureza itinerante das casas reais medievais, época na qual grandes quantidades de objetos precisavam ser transportadas de um lugar para outro. Na segunda versão de *Farmer Giles,* Chrysophylax, com o tesouro amarrado nas costas, "parecia um caracol magnífico".

— **Essa corda veio a calhar.** Na primeira versão da história, o dragão leva o tesouro da caverna até Ham sem nenhum texto intermediário (apenas "Assim voltaram para casa"), sem nenhuma menção sobre como a carga foi fixada. A segunda versão era originalmente semelhante à primeira, mas foi corrigida no rascunho para que Gil usasse uma corda para amarrar a maior parte do tesouro em cima do dragão e para prendê-lo enquanto viajavam e à noite. Somente com as revisões de julho de 1947, aproximadamente, ficou estabelecido por que Gil tinha trazido um conveniente “grande rolo de corda”.

bolada. Alta quantia de dinheiro.

rapazes promissores. Com probabilidade de ter sucesso na vida.

festa do ganso. Festa realizada antigamente em muitas cidadezinhas inglesas por volta do dia de São Miguel, em que havia gansos em abundância. É provável que aqui a alusão seja ao barulho provocado pelas festas em geral e talvez ao grasnar dos gansos.

réquiem. Elegia aos mortos.

— Tolices e bobagens! *[broomstales and fiddles-ticks],* Numa palavra, besteira!

Um *"stale"* significa um cabo reto. Logo, "broomstale" significa "cabo de vassoura".

Bem-amado do País. Cf. *"England's Darling",* expressão usada para designar tanto Alfredo, o Grande, Rei de Wessex, como Hereward, o Vigilante, que resistiu na Ilha de Ely contra Guilherme, o Conquistador.

esquecendo do plural. É costume que um soberano se refira a si mesmo no plural, o "nós majestático", representando seus súditos. Nesse trecho, o Rei está tão dominado pela raiva e pela

ganância que se esquece da maneira correta de falar, ao mesmo tempo que Gil a adota, já que ele é agora o governante de fato de Ham e regiões vizinhas.

Naquele exato momento, o dragão levantou-se de sob a ponte...

Imediatamente, formou-se um denso nevoeiro, onde só se viam os olhos vermelhos do dragão... Cf. a história de Tolkien de Turambar e o Foalókê em *The Book of Lost Tales, Part Two* (1984, p. 97): o dragão "deslizando margem abaixo, deitou-se atravessado no córrego... No mesmo instante, surgiram no ar vapores e um forte nevoeiro, associados a um cheiro terrível, de modo que as emanações encobriram o bando [de homens], quase os sufocando... eles fugiram em desespero em meio à névoa, mas não conseguiram encontrar seus cavalos, pois eles, apavorados, se soltaram e fugiram em disparada".

Todos os cavalos e homens do Rei. Alusão a "Humpty Dumpty", uma história para crianças em versos.

dísticos heróico-cômicos. Presumivelmente um misto de poesia heróico-cômica, que parodia a poesia épica ou romântica ("O conto do padre da freira", nos *Contos de Cantuária,* de Chaucer, tem em parte características heróico-cômicas, e dísticos heróicos, pares de versos sucessivos de decassílabos iâmbicos, forma introduzida no inglês por Chaucer em *The Legend of Good Women [A lenda das mulheres respeitáveis]* (1372-86).

celeiro do dízimo. Prédio onde o dízimo de cereal dado ao pároco era armazenado. Na Idade Média, exigia-se, por lei, que se pagasse um dízimo, ou um décimo, da colheita anual da terra para sustentar os estabelecimentos religiosos locais.

Senhor do Lagarto Manso ou, na forma abreviada, Senhor de Tame.

Etimologia simulada de topônimo e jogo de palavras com os homônimos tome [manso] e Thame**.**

seis rabos de boi e meio litro de cerveja. Mercadorias de baixo valor. O rabo de boi era, antigamente, considerado uma parte inútil do animal, a ser jogada aos cachorros. *Bitter* é um tipo comum de cerveja.

dia de São Matias. 24 de fevereiro, até a reforma do calendário romano, em 1969.

passou de Senhor a Conde. Gil era Senhor de Tame (por ser "Senhor do Lagarto Manso" *[Tame Worm])* pelo respeito e em função de sua fortuna e poder; em decorrência dessas qualidades, promoveu a si mesmo a Conde, depois a Príncipe, e finalmente a Rei.

o cinto do Conde de Tame. Junto com o título, concede-se um cinto a um conde, cavaleiro etc. O cinto de Gil é "de enorme comprimento" em virtude da circunferência de seu dorso.

Guardas do Lagarto. "Guardas do dragão". Gil antecipa-se ao futuro Rei Artur, criando "uma ordem de cavalaria totalmente nova".

pavilhão *[ensign].* Pequena bandeira heráldica.

No entanto, depois que se tornou rei, criou uma lei rigorosa contra profecias desagradáveis e tornou a moagem um monopólio da realeza. O ferreiro trocou seu ofício pelo de encarregado de casa funerária, mas o moleiro tornou-se um obsequioso servo da coroa. O ferreiro, impossibilitado de fazer "profecias desagradáveis" lá da sua bigorna, assume uma ocupação na qual a morte não precisa ser prevista e com a qual sua melancolia combina muito bem. O moleiro já teria tido um monopólio de seu senhor (o Rei Augustus Bonifacius), acordo típico na Idade Média, mas como o Rei Gil assumiu o posto de autoridade, o moleiro passou a ser subserviente a seu antigo "inimigo do peito", tornando-se *obsequioso,* "adulador, servil".

a verdadeira explicação para os nomes que algumas de suas cidadezinhas e aldeias apresentam nos dias atuais... Thame com *h* é uma tolice sem justificativa.

Pronuncia-se *Thame* como *tame,* com o "h" mudo, e era essa sua grafia no passado.

Thame é uma "tolice" porque o "h" impôs-se ao inglês a partir do francês, da mesma forma que em *Thomas* e *thyme* [tomilho]. Thame é uma cidadezinha treze milhas a leste de Oxford, às margens do rio Thame, afluente do rio Tâmisa [Thames] (pronunciado *tems).*

os Draconarii construíram para si uma casa enorme, cerca de quatro milhas a noroeste de Tame. Os Draconari são Gil (*A* Egidius Draconarius) e sua família, os Wormings.

Aula Draconaria, ou, na língua do povo, Worminghall. Aula Draconaria, "casa dos Wormings", donde *Worming* + *hal* . O povoado de Worminghal , cerca de "quatro milhas a noroeste de Tame [Thame]", tem a pronúncia dialetal "wunnle". Seu significado, de acordo com Ekwal , no *Concise Oxford Dictionary of Place-names, é "halh* freqüentado por répteis" ou possivelmente "Wyrma's *halh".* Em inglês antigo, nos condados centrais da Inglaterra, *halh (healh)* aparentemente significava "recanto, recesso". *Hal ,* "casa, solar", como elemento de composição de topônimos, é praticamente desconhecido antes da conquista normanda. Na primeira versão de *Farmer Giles,* Thame não aparece; em vez disso: "A família de Gil adotou o nome de Worming em homenagem ao dragão, e o povoado de Ham, dali em diante, ficou conhecido como Worminghal , por esse motivo". A terceira versão apresenta o subtítulo "Uma lenda de Worminghal ", mas perto do final Tolkien escreve: "E o que isso tem a ver com Worminghall?", vocês poderão perguntar.

"Muito pouco", é a resposta, mas esse pouco é o seguinte: os especialistas nesses assuntos nos informam que Ham (agora a principal cidade do novo reino)" e assim por diante, mais ou menos como foi publicado no final.

era mesmo Worminghall. Ou seja, pronunciado *"worming-hal "*.

sede do Reino *[Royal Seat],* Nesse caso, a residência do Rei, textualmente o local em que o Rei sentava no trono; Thame era "a principal cidade do novo reino".

enquanto Morde-cauda permaneceu acima do chão. Tolkien insinua que Gil foi enterrado com sua espada.

Venedotia. Gwynnedd, ou seja, o noroeste do País de Gales.

Cauda de Dragão de imitação, feita de gelatina, geléia.

saideira *[stirrup-cup].* Bebida entregue a um homem já montado e pronto para partir em viagem.

Povoados Livres. Talvez uma analogia com as cidades livres da Idade Média mais tardia, especialmente na Itália e na Alemanha, que eram livres ou isentas de submissão a alguma jurisdição ou autoridade específica.

A família de Gil adotou o nome de Worming em homenagem ao dragão, e o povoado de Ham, dali em diante, ficou conhecido como Worminghall, por esse motivo... jamais voltou a se aproximar de Worminghall. Na primeira ocorrência do nome do povoado, Tolkien originalmente escreveu "Wormingham", i.e., Worming + Ham; depois corrigiu para "Worminghall", termo derivado do sobrenome e do "belíssimo paço"

mencionado dois parágrafos atrás. O curioso é que, na segunda ocorrência de

"Worminghall", Tolkien primeiro escreveu esse nome para depois corrigi-lo para

"Wormingham".

A égua cinzenta, é claro. Tolkien pode estar fazendo alusão ao provérbio "a égua cinzenta é o melhor cavalo", que se refere a uma história popular na qual um casal pode escolher entre dois cavalos, e a mulher insiste na sua preferência, a égua cinzenta.

Logo, o significado do provérbio é que "quem manda no marido é a mulher". Na primeira versão da história de Tolkien, Gil não tem mulher, mas a égua cinzenta ajuda a orientar seus atos, demonstrando muito bom senso.

Georgius Crassus AEgidianus Draconarius, Dominus et Comes de Domito (Serpente) Princeps de Hammo et rex totius regni (minoris). "George Crassus Worming, filho de Gil, Senhor e Conde de Tame (Dragão Manso), Príncipe de Ham e Rei de todo o Pequeno Reino." *Georgius* (George) evoca imagens de São Jorge, que derrotou um dragão e (pelo menos em algumas versões da história) o levou, manso, até o interior de uma cidadezinha — se bem que, ao contrário de Mestre

Gil, ele o tenha decapitado de qualquer modo. Foi adotado como santo padroeiro da Inglaterra pelo Rei Eduardo III.

Crassus, em latim "grosso, denso", sugere estupidez; em inglês moderno, "crasso"; George não é bom nem em números nem em latim.

título de cortesia. Por costume ou cortesia, o filho mais velho de um nobre que detém mais de um título usa o título de menor grau hierárquico. George recebe o título de cortesia de Princeps de Hammo, "Príncipe de Ham", o título de seu pai abaixo do de Rei (cf. "tornou-se Príncipe Julius *A* Egidius".

marchar com os Draconarii. Aqui "Draconari " deve indicar os cavaleiros de Gil (os Guardas do Lagarto), em vez de sua família.

O encarregado do chiqueiro, Suovetaurilius, vulgo Suet. Ou seja, ele cuida dos porcos na fazenda de Gil, embora também seja um criado geral de George ("Suet, um garoto, se aproximou"). Na Roma antiga, *suovetaurilia* era o sacrifício, ao final de uma cerimônia de purificação, de um porco *(.sus),* um carneiro (*ovis)* e um touro *(taurus). Suet* é a gordura das vísceras de animais, usada em culinária e na fabricação de sebo.

Cabeça-de-boi (ou Bucephelus III) — vulgo Cara-de-vaca. O Bucéfalo original era o cavalo predileto de Alexandre, o Grande, cujo nome era o de sua marca de Cabeça-de-boi (do grego *bous* [boi] + ke *-phale* [cabeça]).

Caurus. Forma latinizada do galês *cawr* [gigante]. Na margem do original, Tolkien deu um nome mais completo ao gigante *Caurus Maximus* [grande gigante].

imitando animais domésticos. Talvez uma paródia de um episódio lendário na vida do Rei Ricardo I da Inglaterra, quando fora mantido em cativeiro no continente, em local desconhecido dos seus compatriotas. Numa das versões, seu fiel menestrel Blondel ia de castelo em castelo, entoando a canção preferida de Ricardo, até que o rei a ouviu e cantou junto, revelando assim onde se encontrava.

espetam com alfinetes. Infelizmente, esse esboço desprovido de detalhes da continuação Tolkien não indicou por que George e Suet fariam algo semelhante.

Islip. Um povoado sete milhas ao norte de Oxford.

Cherwell. O rio Cherwell corre para o sul, atravessando Oxfordshire, até desaguar no rio Tâmisa, em Oxford.